



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS - TRADUÇÃO

Os Primeiros Quadrinhos Brasileiros: Tradução da Obra de Ângelo Agostini.

JOSUÉ JADAI ORRICO DE ALMEIDA

Brasília

2014

Os Primeiros Quadrinhos Brasileiros: Tradução da Obra de Ângelo Agostini.

Trabalho apresentado para a disciplina
Projeto Final do Curso Letras Tradução
Inglês, sob a orientação do Prof. Dr. Mark
David Ridd, do departamento de Línguas
Estrangeiras e Tradução da Universidade de
Brasília.

Brasília

2013

RESUMO

Este projeto final procura fazer uma documentação histórica, por meio da tradução para a língua inglesa, da obra do ilustrador e cartunista ítalo-brasileiro Ângelo Agostini, mais especificamente de duas das suas obras mais famosas: *As Aventuras de Nhô-Quim* e *As Aventuras de Zé Caipora*. A tradução foi feita a partir de uma compilação das duas histórias realizada pelo pesquisador em literatura Athos Eichler Cardoso, da qual foram traduzidos dez capítulos da *Nhô-Quim* e um de *Zé Caipora*. O trabalho também tem como objetivo a divulgação dessas duas obras que formam os primórdios para a técnica de quadrinhos no Brasil. Para a base teórica, foram estudados os casos de documentação através da intermediação do tradutor relatados por Ritva Leppihalme, além de estudos sobre a tradução de quadrinhos e dialetos, feitos por Adam Wild e Göte Kingsberg.

Palavras-Chave: *Tradução; Quadrinhos; Literatura do Século XIX; Documentação Histórica; Tradução de Dialetos.*

ABSTRACT

This final project aims to produce, through translation to English, a historical report of the work of Italian-Brazilian illustrator and cartoonist Angelo Agostini, more specifically of his two most well-known works: *As Aventuras de Nho-Quim* and *As Aventuras de Ze Caipora*. Translation was done from a compilation of the two stories made by literature researcher Athos Eichler Cardoso, from which ten chapters of *Nho-Quim* and one from *Ze Caipora* were translated. The project also aims to publicize these two works, which form the beginnings of Brazilian comics. For a theoretical basis, a study on cases of historical report through the translator's role as an intermediary reported by Ritva Leppihalme took place, in addition to studies about translations of comics and dialects made by Adam Wild and Göte Kingsberg.

Key-Words: *Translation; Comics; 19th Century Literature; Historical Report; Translation of Dialects.*

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO

- 1.1. Apresentação do texto
- 1.2. Justificativas de Escolha
- 1.3. Importância do texto e Objetivos
- 1.4 Público-alvo da Tradução

2- TEORIA

- 2.1 Tradução como documentação histórica e a intermediação do tradutor
- 2.2 Tradução de banda desenhada
- 2.3 Tradução da linguagem regionalista como elemento do humor

3- RELATÓRIO

- 3.1 Desafios na leitura
- 3.2 Decisões sobre a tradução
- 3.3 Oralidade e Regionalismo
- 3.4 Metodologia: Uso da Ferramenta de Auxílio à Tradução Wordfast

4 – CONCLUSÃO

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

6 – NOTA EXPLANATÓRIA

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

8 – TEXTO ORIGINAL E TRADUÇÃO

1. Introdução

1.1 Apresentação do Texto

Já familiarizado com diversas charges políticas publicadas durante a primeira metade do século XIX, o leitor brasileiro foi apresentado à primeira série de história em quadrinhos em 1869. *As Aventuras de Nhô-Quim ou Impressões de Uma Viagem À Corte* começou em 30 de janeiro daquele ano, abrindo as possibilidades do meio para técnicas e linguagem que anos mais tarde viriam a se tornar comuns. Ângelo Agostini, o autor, já desembarcara no Brasil trazendo na bagagem a experiência artística e cultural que vivenciou na Itália, onde nasceu, e na França, onde foi criado. No entanto, foi no Brasil, e em português, que seu trabalho ganhou forma e o lançou como pioneiro das histórias em quadrinhos, tanto na América do Sul quanto no resto do mundo.

No Brasil, Agostini se instalou inicialmente no Rio de Janeiro, onde trabalhou na construção de uma ferrovia que ligava a capital do Império ao interior de Minas Gerais, mais especificamente Juiz-de-Fora. Do contato com as culturas das duas cidades – o provincianismo dos costumes mineiros em contraste com a turbulência da capital em constante transformação –, bem como da experiência no ambiente selvagem que as separava, nasceu a inspiração para suas duas obras mais conhecidas (CARDOSO, 2013). Assim como *Nho-Quim*, *As Aventuras de Zé Caipora* estabeleceu seu marco no conceito artístico dos quadrinhos e do romance regional.

Após radicar-se em São Paulo, Agostini iniciou a carreira de cartunista perpetuando as charges políticas na imprensa brasileira – só possíveis graças à liberdade de imprensa existente no Segundo Império – através das revistas *O Diabo Coxo* (1864) e *O Cabrião* (1866). Voltou ao Rio de Janeiro, onde trabalhou no periódico *O Arlequim* (1867), que mais tarde passou a se chamar *Vida Fluminense*, título sob o qual as histórias de *Nho-Quim* foram lançadas em 14 capítulos, sendo os nove primeiros escritos e desenhados por Agostini, e os demais por Cândido A. de Faria, terminando a publicação sem uma conclusão para a saga. Anos mais tarde, desta vez proprietário da *Revista Ilustrada*, Agostini começa a publicar *As Aventuras de Zé Caipora*, em formatos e técnica inovadores.

Em *Nho-Quim*, Agostini contava a história – já bem conhecida – que surge do conflito entre tradição e modernidade e, um contexto maior, o conflito entre o atraso ruralista em relação ao turbilhão cultural na qual as grandes cidades estavam inseridas.

Assim, somos apresentados a Nhô-Quim, caipira filho de fazendeiros que, embora nunca tenha deixado o sítio da família, é mandado pelo pai para a capital para enviar uma mensagem ao tio. Em uma viagem fadada a desastres, Nhô-Quim se perde do companheiro pajem e precisa aprender a se virar sozinho na cidade grande vivenciando o choque cultural – de onde surge grande parte do humor das tiras. *As Aventuras de Zé Caipora*, por sua vez, apresentam um tema e um personagem comum, mas inverte as posições e a temática. Ao contrário do anti-herói ingênuo de *Nhô-Quim*, Zé Caipora é um jovem solteiro e rico da cidade que se perde na mata durante uma viagem para o interior. A partir desse ponto, a história ganha conceitos romantizados típicos do romance de aventura, introduzindo dois coadjuvantes índios que servem como base espiritual para os feitos heroicos do protagonista branco. Existe aqui uma evolução do personagem desde suas primeiras aparições, essencialmente cômicas – derivadas do conflito entre culturas –, passando por uma fase romântica até se tornar, de fato, um herói (CARDOSO, 2014).

As duas séries foram compiladas em *As Aventuras de Nhô-Quim e Zé Caipora – Os Primeiros Quadrinhos Brasileiros*, livro de 2002 organizado pelo pesquisador em Literatura Athos Eichler Cardoso através da Editora do Senado Federal. O volume ganhou diversas novas edições desde então, sendo a mais recente, de 2013, a escolhida como ponto de partida para a tradução neste Trabalho de Conclusão de Curso. Esta edição, além das duas histórias em sua totalidade, contam ainda com uma introdução histórica de Cardoso e prefácios do embaixador da Itália no Brasil Michelangelo Jacobucci e dos Senadores José Sarney e Lúcio Alcântara.

1.2 Justificativas de Escolha

As Aventuras de Nhô-Quim foi a primeira HQ seriada do Brasil e uma das primeiras em âmbito mundial (CARDOSO, 2013), o que torna a sua tradução uma forma de documentação histórica importante para a divulgação e preservação do conteúdo original. Da mesma forma, *As Aventuras de Zé Caipora* estabeleceu padrões técnicos inovadores para a época, dando à narrativa em quadrinhos novos ângulos e estilo artísticos, hoje já amplamente propagados por artistas do meio. Após o fim de suas publicações e a morte de Ângelo Agostini em 1910, nenhuma das duas histórias chamou atenção do grande público e da academia na primeira metade do século XX, o que contribuiu para o seu rápido esquecimento.

Eis a justificativa de Eichler Cardoso sobre a digitalização e compilação da obra de Agostini:

Por falta de informação e divulgação, outras personagens não costumam ser citadas na literatura especializada, entre elas *Nhô Quim* (1869) e *Zé Caipora* (1883), ambas de Angelo Agostini. As ausências de *Zé Caipora* e seu criador devem ser corrigidas. Este é um dos objetivos desta publicação. Alguma comparação visual entre o trabalho de Agostini e os demais levará qualquer especialista, isento ou mesmo leigo no assunto, a reconhecer essa necessidade. Porque, tanto os estilos como sua temática são de qualidade e inovadoras. (CARDOSO, 2013, p.2)

Para a tradução, as HQs de Agostini apresentam também o desafio da extensão temporal entre a publicação e a tradução, aonde a linguagem e humor precisam chegar ao leitor através da intermediação do tradutor. Foi com base nisso que foi feita a opção por traduzir principalmente os quadrinhos de *Nho-Quim*, aonde a preocupação com a linguagem e o humor são maiores do que em *Zé Caipora*, que prioriza o traço artístico dos quadrinhos em detrimento de uma linguagem mais simples e acessível, inclusive para leitores do século XXI. Desta forma, foram traduzidos os capítulos de I a X de *Nho-Quim* e os capítulos XLV e XLVI de *Zé Caipora*.

1.2 Importância do Texto e Objetivos

Como já sugerido, a tradução das HQs de Agostini é uma forma de documentação dos primórdios dos quadrinhos no Brasil. A partir de tal documentação, o objetivo passa a ser a divulgação do conteúdo para leitores de língua inglesa, bem como o da propagação de aspectos da cultura brasileira em território estrangeiro. Valorizando o trabalho de Agostini em língua estrangeira, a tradução pode servir como fonte de pesquisa para acadêmicos e historiadores da história em quadrinhos, do humor em tiras, da narrativa romântica e do romance de aventura.

Embora historiadores vejam em *Yellow Kid* (1896), de Richard F. Outcault, a primeira ocorrência da história em quadrinhos como conhecemos hoje – muito devido à primeira aparição do balão de fala –, os quadrinhos de Agostini podem ocupar essa posição em muitos outros aspectos, dentre os quais o destaque fica com o traço clássico unido à linguagem simples e acessível. A tradução aparece como forma de expor a importância histórica da obra de Agostini neste contexto. A sensibilidade para a importância histórica para leitores brasileiros é algo que já ocorre, de forma gradativa, com a publicação do volume integrado das duas histórias por Eichler Cardoso; a

tradução deste mesmo volume tem como objetivo também a continuação desta divulgação em língua inglesa.

2. Teoria

Ao levar em conta o fato de que *As Aventuras de Nhô-Quim e Zé Caipora* é um texto do fim do século 19, diversas questões a respeito de sua tradução entram em cena. Muitas vezes elas ocupam uma posição de maior atenção do que o exercício tradutório em si, já que a forma de tradução escolhida surgirá invariavelmente da conclusão que se chega depois que essas questões forem discutidas. Como base para este trabalho, procurei uma abordagem da tradução que lidasse não só com textos históricos, mas também como uma tradução pode alcançar os objetivos definidos – no caso, o objetivo da documentação de tais textos.

Adicionalmente, uma base teórica a respeito da tradução de quadrinhos também é necessária, o que envolve conceitos relacionados à complementação que existe entre imagem, palavra e participação do leitor. Para isso, foram pesquisados teóricos do assunto como Adam Wild e Will Eisner. Um olhar mais atento à problemática da tradução cultural também recebeu atenção especial, através de referências de Ritva Leppihalme e seus estudos sobre os desafios relacionados a tradução e cultura.

Por último, nenhuma análise a respeito da tradução de quadrinhos seria por si só completa sem analisar individualmente a questão da oralidade e, no caso especial dos quadrinhos de Agostini, também a linguagem coloquial regional. A oralidade e o coloquialismo contribuem para boa parte do humor presente em *Nho-Quim*, o que faz com que sua tradução parta do estudo da tradução de humor e na tradução do discurso oral. Para tal, usou-se como base as observações de John Milton e Klingberg a respeito da tradução de dialetos.

2.1 Tradução como Documentação Histórica e Intermediação do Tradutor

Um dos maiores debates na teoria da tradução travou-se, durante o século XX, em cima da oposição dos conceitos de “identificação” e “naturalização”: enquanto o primeiro trabalha com o papel da tradução de manter intacto o contexto cultural do texto de origem, o segundo busca suprir as diferenças culturais através da substituição do contexto cultural de origem pelo de chegada (RODRIGUES, 1994). Embora a decisão por um ou outro possa ter caráter ideológico, em algumas ocasiões o texto traduzido e o contexto do exercício podem exigir uma preferência neutra por um dos dois. É preciso,

nesses casos, um estudo cuidadoso dos objetivos que a tradução pretende alcançar, o tipo específico do texto trabalhado e os contextos culturais envolvidos.

Dentre esses critérios, entra também a participação do leitor do texto de chegada, o qual Ritva Leppihalme (LEPPIHALME, 1997) chama de *Target Text Audience*. Segundo Leppihalme, esse leitor não só é importante para as decisões durante o processo tradutório, mas também é parte essencial dela. Fazem parte do processo tradutório não só o autor e o tradutor, mas também a interpretação que o leitor de chegada fará, o que depende do contexto que ele trará consigo na hora da leitura. O conhecimento prévio que o leitor tem do texto de origem deve, segundo Leppihalme, ter um peso especial nas escolhas de tradução, pois delimita as escolhas de alusão, dependendo do perfil que se tem de uma *Target Text Audience* geral.

Em se tratando especificamente da tradução de textos de importância histórica, com o objetivo de documentação, espera-se que o leitor do texto de chegada tenha, em média, interesse pela origem do conteúdo. Neste caso, a permanência do contexto cultural original na tradução pode ser entendida como essencial, independentemente da escolha ideológica do tradutor. Assim também encontra-se um equilíbrio entre o conceito de equivalência na tradução com o da transferência de contexto cultural.

Eis o que a Professora Assistente da UNESP, Cristiane Carneiro Rodrigues, diz a respeito do assunto, baseando-se nas teorias de Eugene Nida sobre traduções bíblicas:

O segundo ponto problemático é a diferenciação que Nida faz entre equivalente natural e equivalente natural mais próximo. O exemplo da distinção dado pelo autor é o sintagma *demon possessed*; nos dias de hoje, seu equivalente natural seria *mentally distressed*, mas esse termo seria inadequado, porque “é uma reinterpretação cultural que leva a sério o ponto de vista cultural do povo da época da Bíblia” (11, p. 13). O Sintagma *demon possessed* seria o equivalente natural mais próximo, considerado adequado por introduzir a cultura do outro na tradução, sem contaminá-la com um deslocamento histórico-cultural. Com esse exemplo, pode-se relacionar o conceito de equivalente natural com a priorização da cultura da língua para a qual se traduz e o de equivalente natural mais próximo com a cultura da língua da qual se traduz. (RODRIGUES, 1994, p. 51)

Nesse processo, o tradutor ainda acumula o papel de intermediador, ou seja, é ele quem deve fazer a ligação necessária entre o leitor do texto de chegada com os pontos de contexto cultural que de certa forma não podem ser entendidos pelo leitor com base apenas em seu conhecimento prévio à leitura do texto. Essa intermediação pode, mais tradicionalmente, ser feita através de mecanismos como a nota de rodapé ou

ao fim do texto. No entanto, esses artifícios se mostram difíceis de serem executados em quadrinhos devido ao caráter único que nasce da mistura entre imagem e texto. Na maioria desses casos, porém, as notas ainda podem ser empregadas, embora não sem comprometimentos estéticos que ainda desagradam diversos ávidos leitores de banda desenhada.

Leppihalme usa o conceito do tradutor como intermediador principalmente na exemplificação das alusões culturais, assunto do qual eu tratarei no relatório de tradução. Também falarei mais à frente de como a banda desenhada é, em geral, um meio onde alusões se fazem presentes constantemente e podem ser consideradas partes essenciais dela. Juntando-se essas duas observações, conclui-se que a intermediação do tradutor em um texto de importância histórica em formato de quadrinhos, e para fins de documentação, é tão útil quanto necessária.

Aproxima-se, dessa forma, o leitor do próprio texto na qual ele está envolvido, dando-lhe a oportunidade de uma leitura crítica de um texto escrito em outro contexto histórico e cultural. O tradutor, como intermediador, produz então o conteúdo necessário para que os dois contextos culturais se encontrem e se comuniquem, porém sem que sejam substituídos um pelo outro. A bagagem de conteúdo do leitor, portanto, volta a ter a sua importância ressaltada, pois é a partir dela que o tradutor-intermediador pode enxergar melhor suas opções e suas posteriores justificativas.

2.2 Tradução de Banda Desenhada

A justaposição de texto e imagem está longe de ser um artifício literário moderno. Textos religiosos da Idade Média, da Ásia Feudal e do Império Otomano vinham acompanhados de ilustrações que moldavam as percepções do texto e providenciavam um contexto maior às narrativas. Da mesma forma, textos de manuais científicos vinham acompanhados de imagens que ilustravam os comandos do texto, dando ao leitor uma visualização maior e mais completa do que a simples presunção e imaginação do que estava sendo dito pelas palavras. Muito embora o texto por si só consiga se fazer visível através das capacidades cognitivas do leitor, as ilustrações vêm a complementar esse processo baseando-se na ideia primária do autor ou do ilustrador, delimitando as infinitas possibilidades de assimilação que a mente humana pode fazer para um cenário um pouco mais próximo da mensagem inicial passada pelo texto.

Sobre o contexto histórico dessa justaposição, Will Eisner (1985)¹ diz o seguinte:

Os experimentos com a justaposição remontam aos tempos mais antigos. A inclusão de inscrições, empregadas como enunciados das pessoas retratadas em pinturas medievais, foi abandonada, de modo geral, após o século XVI. Desde então, os esforços dos artistas para expressar enunciados que fossem além da decoração ou da produção de retratos limitaram-se a expressões faciais, posturas e cenário simbólicos. (EISNER, 1985, p.7)

Eisner ainda ressalta o fato de que, embora a justaposição entre imagem e texto não seja algo novo, as novas formas de arte sequencial deram novo fôlego à união, tornando possível também um salto na forma de se usar o artifício, já nos primeiros anos da era moderna. Popularizou-se no século XIX com charges e caricaturas que tinham diversos propósitos, desde puramente didáticos a agressivamente ideológicos, servindo como fonte de expressão para os conflitos políticos que começaram a surgir no mundo após a Revolução Francesa. A arte sequencial como evolução da justaposição entre imagem e texto ainda viria a continuar se desenvolvendo na literatura científica, ilustrando manuais e publicações acadêmicas.

É nesse contexto cultural que começam as primeiras publicações do gênero no Brasil. Coincidiram naturalmente com a realidade inédita do brasileiro de terem garantido os direitos à liberdade de expressão e imprensa. Embora o Império de Dom Pedro II tenha tido papel importante em estabelecer esses direitos, também não o impediu de receber ataques de artistas que passaram a tecer duras críticas à monarquia e ao clero. Os periódicos então tinham a liberdade de expressarem sua insatisfação com a forma de governo, raramente recebendo qualquer tipo de censura do Estado, que ocorria geralmente na forma de processos judiciais posteriores à publicação – a censura prévia, portanto, não era um entrave ou um perigo real à imprensa, mas que ainda enfrentava problemas como o boicote de leitores.

Esse momento coincide com o momento em que Ângelo Agostini começa a publicar charges políticas através do *Cabrião*, periódico que editou com Américo de Campos e Antônio Manuel dos Reis de 1866 a 1867. A respeito desse período de tempo, Délio Freire dos Santos (2001) ressalta o direito à liberdade imprensa na época como

¹ O Cartunista, morto em janeiro de 2005, publicou alguns de seus princípios teóricos em 1985, com o título de “Quadrinhos e Arte Sequencial: Princípios e Práticas do Lendário Cartunista”, baseado em um curso que ele ministrou na School of Visual Arts de Nova Iorque. O volume foi publicado no Brasil pela editora Martins Fontes em 1989, com tradução de Luís Carlos Borges.

essencial para o desenvolvimento dos quadrinhos no Brasil como um meio sólido não só de qualidades clássicas, mas também literárias e jornalísticas. Isso abriu espaço para que Ângelo Agostini, no papel de precursor, publicasse histórias em arte sequencial que serviam, a princípio, como drible para a barreira do alto analfabetismo na população.

Todos esses pontos de partida, portanto, servem para introduzir o aspecto de banda desenhada que torna a tradução desse meio diferente e peculiar em relação às outras formas de texto. Foi essa evolução que tornou a imagem tão importante para a complementação do sentido do texto, que também se completa com a dedução de tempo já esperada do leitor. Ao fazer a ligação entre as imagens sequenciais de uma tira, o leitor usa seu senso de tempo para conectar ações representadas na imagem com atos “escondidos” entre os quadros (WILD, s.d.), contribuindo para o entendimento geral de quadrinhos como um todo, independente do uso do humor, que é um artifício provavelmente mais dependente da participação do leitor do que os demais.

Adam Wild, em *A Translator's Guide to Reading Comics and Comic Strips*, chama atenção para o aspecto temporal da imagem em sequência, ressaltando ainda o papel do leitor no processo de captação da imagem com base em um contexto maior. Para o tradutor em especial, um texto que primariamente seria simples e direto ao traduzir, como é o caso de tiras e quadrinhos, esconde sua complexidade da mesma forma que as imagens sequenciais escondem o que se passa entre elas: cabe ao leitor (e ao tradutor, de seu ponto de vista) preencher as lacunas restantes para se chegar a um entendimento melhor e uma transmissão mais de acordo com o que o texto e as circunstâncias pedem. Em quadrinhos, o leitor participa tão ativamente em entregar a mensagem a si mesmo quanto o autor, o ilustrador e o tradutor, no que se refere às diversas mensagens representadas pelas imagens como complementação do texto, como as alusões com a qual Leppihalme (1997) trabalha.

Sobre o papel do leitor na absorção da mensagem temporal em quadrinhos, especificamente, diz Wild:

Se por enquanto ignorarmos o aspecto puramente visual de uma tira para focar na narrativa, o aspecto recorrente é o *timing*: como é usado em tiras e a nossa habilidade em dar saltos na lógica para apreciar a passagem de tempo em tiras, quando necessário. Isto é particularmente importante para tiras que, como mencionado antes, carregam a intenção do humor. Qualquer comediante dirá que o *timing* é essencial para se alcançar o humor, e muito já foi escrito a respeito da tradução de humor. A diferença é que tiras usam o humor com um

foco ou visual ou em uma combinação de informação visual e textual para referências mútuas. (WILD, s.d., p. 123)²

2.3 Tradução da Linguagem Regionalista como Elemento do Humor

Ao entrar na discussão teórica da tradução de linguagem coloquial e dialetos regionais em si, é preciso primeiro uma análise de como o dialeto se apresenta nas histórias de Ângelo Agostini, principalmente *Nhô-Quim*, e quais seriam os efeitos da tradução de tal dialeto. Como sugerido no título, a linguagem regionalista constitui parte importante do humor nas tiras de *Nhô-Quim*, pois é através delas que o personagem expressa sua personalidade e suas origens, o que entra em oposição com as linguagens mais urbanas e eloquentes dos habitantes da cidade com os quais *Nhô-Quim* esbarra ao longo de sua jornada. Adicionalmente, algumas gírias do sul de Minas Gerais também são empregadas pelo narrador da história ao transmitir em palavras o sentimento de *Nhô-Quim* em certos momentos.

Como já dito antes, a tradução com fins de documentação histórica vêm a introduzir para o leitor da língua de chegada um texto histórico baseando-se no contexto cultural que esse leitor já possui previamente à leitura do texto. A decisão sobre traduzir ou não um dialeto buscando-se a naturalização, ou seja, a substituição do discurso traduzido por um dialeto de língua inglesa com equivalentes sociais e culturais àquele que está sendo traduzido, implicaria em consequências que atrapalham na documentação de um texto e a identificação do contexto cultural pelo leitor. Com esse artifício, levanta-se a barreira da cultura para apresentar um texto traduzido em que o leitor não tenha a oportunidade de identificar, no texto, elementos de uma realidade cultural diferente da sua.

Klingberg (1986) chama atenção para as abordagens ideológicas a respeito da tradução de dialetos, inclusive ressaltando que, apesar de dificuldades, alguns teóricos

² Tradução minha. Original: *If we ignore for the time being the purely visual nature of the strip and focus on the narrative of comics, time is the recurrent feature: how comics use timing, and our abilities to make the required jumps in logic to appreciate the passage of time in comics. This is of particular importance to comic strips which, as mentioned earlier are intended to be humorous. Any comedian will tell you the importance of timing for successful humour, and plenty has been written about translation of humour. The difference with comics is that humour is frequently either visually centred, or a very tight combination of visual and textual information referring to each other.*

defendem que tais dialetos não devem, ou não precisam, ser traduzidos, enquanto que outros defendem a preservação de um dialeto no texto traduzido como parte essencial do texto de origem. Klingberg ainda cita uma pesquisa conduzida por ele no campo da literatura infantil, em que os dialetos do texto de origem foram substituídos na tradução pela linguagem padrão (KLINGBERG, 1986). Isso indica, segundo Klingberg, que em casos onde o leitor tem o conhecimento do contexto cultural do texto de origem – por exemplo, quando a história se passa em um país estrangeiro –, e mesmo assim o texto de chegada apresenta uma linguagem com a qual o leitor sinta uma *naturalização* através de um dialeto familiar, o resultado é a falta de realismo e credibilidade na tradução.

Por outro lado, na defesa da tradução de dialetos, John Milton (2002) questiona as dificuldades da tradução do dialeto e sugere algumas explicações para a opção dos tradutores do inglês para o português de não traduzirem dialetos que parecem fazer parte essencial de uma obra literária:

Creio que as normas culturais e editoriais cumprem um grande papel na aceitação ou não no uso de dialeto na tradução. Na Alemanha, espera-se que os tradutores de romances encontrem uma linguagem equivalente. No Brasil, não. Se eles o fazem, podem esbarrar na possibilidade de o editor não permitir que ela passe. (MILTON, p. 59)

Aqui, Milton defende o uso de uma linguagem equivalente na tradução de dialetos, aproximando a mensagem do texto de origem do leitor de forma *naturalizadora*. Como já discutido, porém, quando o fim de uma tradução chega à documentação histórica, a naturalização de dialetos se torna problemática para a identificação de contextos culturais externos para o leitor do texto de chegada. Esperando-se, por parte do tradutor, que o leitor possua o mínimo de conhecimento a respeito do contexto cultural e histórico de um texto a ser lido, a naturalização se torna não só desnecessária, como também atrapalha o processo de identificação.

Voltando ao problema específico da tradução do dialeto de *Nhô-Quim*: a tradução do regionalismo do sul de Minas, em oposição à linguagem cosmopolita da capital do Império, sofrendo as constantes intervenções do francês e do inglês, teria de se equivaler em um dialeto do inglês que reproduza os aspectos rurais da terra natal de *Nhô-Quim*. Embora a língua inglesa possua diversos exemplos de dialetos falados por pessoas simples e de pouca educação vivendo em ambientes rurais nos diversos países onde esteja presente como língua oficial, esses exemplos seriam muito numerosos e

diversos para que a tradução foque em apenas um deles para que a naturalização siga um mínimo de coerência. Uma opção, portanto, que foi considerada para a tradução, foi a substituição de um termo específico por outro de significado semelhante em dialetos rurais dos Estados Unidos e da Inglaterra.

Para isso, portanto, o tradutor ainda esbarra na problemática da figura rural de *Nhô-Quim*: o próprio conceito do caipira se torna difícil de ser comparado com outras realidades dos países de língua inglesa. Nos EUA, os cidadãos do campo de fala própria e hábitos simples são constantemente referenciados na literatura norte-americana, mas um dialeto próprio e geral de toda essa população é difícil de ser selecionado para servir de equivalente à fala mineira. Já no Reino Unido, e principalmente na Inglaterra, o ambiente rural está, na literatura, estreitamente ligado com a realidade da aristocracia, cuja fala é referenciada por boa parte da população como uma linguagem livre de regionalismos, elegante e padronizada, o que se referem como *standard english*. Algumas regiões, porém, podem apresentar cidadãos de cultura e hábitos parecidos com o do caipira mineiro, principalmente os que possuem ligação com a pecuária e agricultura no Sudoeste da Inglaterra e nas terras do norte da Escócia. Estes, porém, também são por si só muito diversos e pouco representativos do *Little Englander* generalizado e estereotipado que se aproximaria mais da figura de *Nhô-Quim*.

3. Relatório

3.1 Desafios na Leitura

Desafios na leitura de um texto escrito no século XIX são tão esperados quanto estudados. O caso de *Nhô-Quim* e *Zé Caipora* não foi diferente, embora a leitura e a tradução não foram, em si, dificultadas por falhas na interpretação da linguagem. O próprio aspecto singular da linguagem de quadrinhos, da qual a obra de Ângelo Agostini foi pioneira, dá ao leitor comum um senso de estranheza ao ver, primeiramente, o texto não em sua forma regular de quadrinhos, e sim embaixo das imagens, servindo quase como legendas de ilustrações sequenciais.

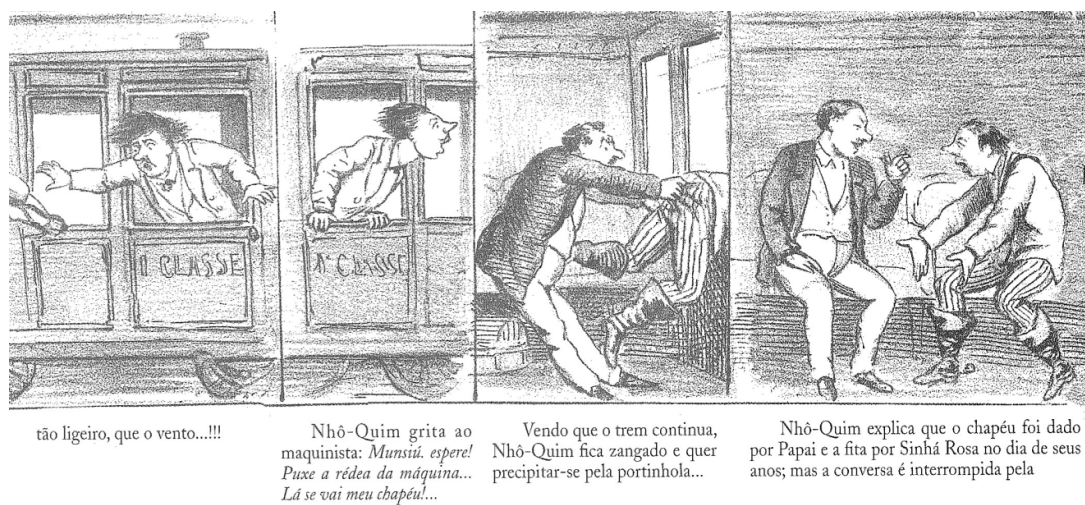
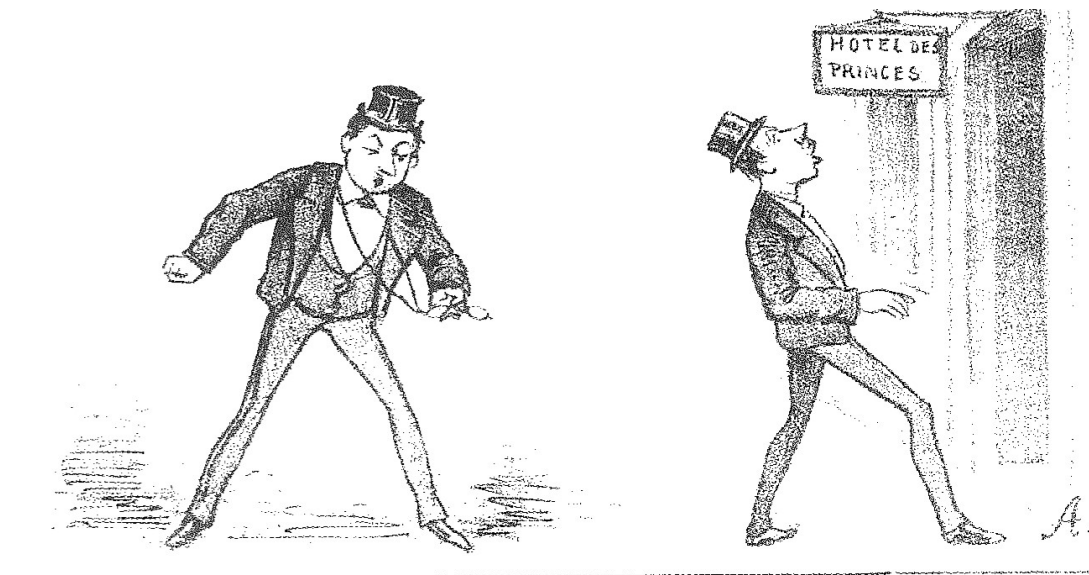


Figura 1 Sequência de imagens que mostra o texto servindo como base narrativa para as ilustrações.

Muito embora o texto abaixo (ou acima) de um quadrinho seja usado até hoje no meio como ferramenta de narração, o texto abaixo das ilustrações de *Nhô-Quim* e *Zé Caipora* também contém diálogos, pensamentos, exclamações e onomatopeias. O artifício é compreensível pela época: como já dito na introdução deste trabalho, a primeira série de história em quadrinhos que viria a integrar o texto dentro da imagem através do balão de fala/pensamento foi publicada apenas em 1896, nos Estados Unidos, com *Yellow Kid*, de Richard F. Outcault. É justamente essa fusão de técnicas textuais e visuais juntas na criação de uma mensagem literária e artística que justificam a escolha de muitos historiadores por *Yellow Kid* como a primeira história em quadrinhos *per si*, o que, como este trabalho vêm se dedicando a explicar, seria um título mais correto se considerada a primeira HQ no formato em que a conhecemos hoje.

O segundo desafio no quesito temporal de leitura se mostrou, naturalmente, na figura dos termos do século XIX que há muito entraram em desuso na língua portuguesa. Alguns deles são de origem estrangeira, e dão algumas sugestões a respeito da sutil crítica que Ângelo Agostini faz à moda e os costumes urbanos do Rio de Janeiro na época. A crítica se estabelece, além da linguagem, através também da figura rural de *Nhô-Quim* que, devido a sua ingenuidade, não vê motivo nas pessoas da Corte fazerem uso o tempo inteiro de palavras que dificultam a comunicação.



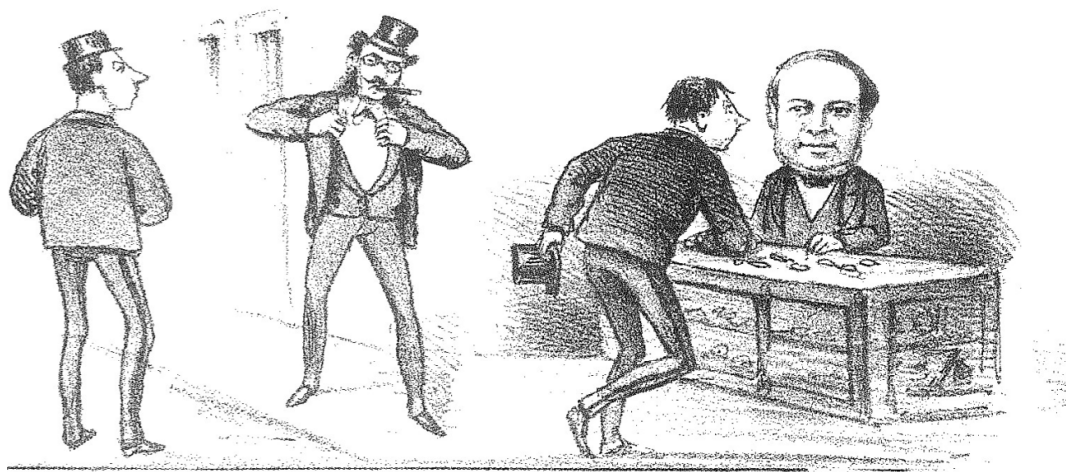
Reconhecendo que o desagradável choque que sentira era devido ao tal *pince-nez* com o qual vê menos do que com os seus próprios olhos, sua vontade é esmigalhá-lo, porém, lembrando-se que é o produto de um homem útil ao país e que é moda,

entra num hotel para jantar por se sentir morto de fome.

Figura 2 Em dois quadrinhos, a influência francesa sobre os costumes cariocas: Primeiro Nhô-Quim questiona o uso de um objeto inútil e cujo nome ele não consegue pronunciar; depois, entra em um hotel com nome em francês.

Por último, além da crítica sutil de Agostini aos costumes urbanos, existem referências também bastante sutis que sugerem que o cartunista também tecia críticas pessoais a desafetos na cidade, assim como muitos dos personagens foram inspirados em pessoas reais que faziam parte da convivência diária de Agostini no Rio de Janeiro (EICHLER CARDOSO, 2013). Muitos desses pequenos ataques foram adereçados somente aos seus alvos e possivelmente só podiam ser entendidos pelos próprios. No entanto, alguns quadrinhos em especial podem reforçar esse tipo de interpretação, como faces desenhadas mais realisticamente (como retratos), em contraste com o aspecto

cartunesco que torna os demais personagens bastante parecidos uns com os outros:



Nhõ-Quim acredita-se um verdadeiro leão, porém, vendo um dândi que levava uma espécie de óculos com fita, julga ser isso de grande necessidade

e dirige-se à casa do Sr. JMDR que lhe disseram ter grande sortimento. Pede (não sabendo o nome) aquela coisa de vidro que se bota em cima do nariz dependurado por uma fita. O Sr. JMDR diz-lhe que aquilo chama-se *pince-nez*, que ninguém os tem tão bons como ele, e que sendo um homem muito industrial e útil ao país foi condecorado e admirado por suas obras até no estrangeiro, e mereceu os louvores dos Srs. Vilhena e Capanema.

Figura 3 No segundo quadrinho, o rosto do Sr. JMDR é maior que o dos demais personagens, além de ser desenhado com traços mais realistas, o que indica que a figura foi inspirada em um retrato real de alguém conhecido de Agostini.

3.2 Decisões sobre a tradução

Levando em conta a análise das teorias de tradução de textos históricos, bem como a compreensão da obra de Ângelo Agostini como um texto de importância histórica, a principal decisão sobre a tradução foi a de uma linguagem padronizada do inglês, isto é, sem as interferências culturais que um dialeto de língua inglesa poderia ter no contexto cultural do texto de origem. No entanto, alguns termos escolhidos na tradução podem ter uso de forma regional em certas áreas, embora tal resultado não fosse opcional. Para as demais decisões individuais dentro da tradução, fiz uma seleção de passagens da obra de Agostini cuja tradução merece ser explicada com um pouco mais de detalhe.



Convencendo-se afinal que abraçara a nuvem por Juno, isto é, que tomara o instrumento de Davi (que trazia enfiado ao pescoço), por uma ratoeira de *gente*, o infeliz mineiro paga as cordas rebentadas e resgata o chapéu.



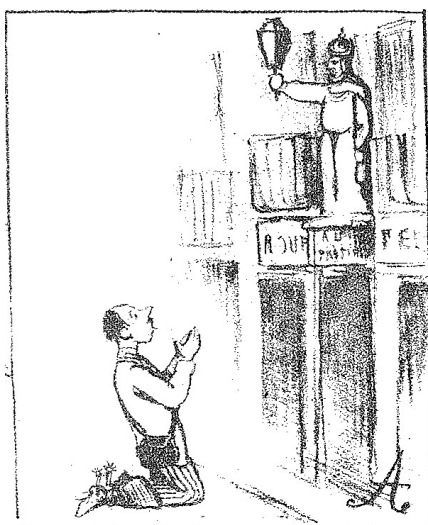
Finally convinced that he had actually embraced a cloud taken for Juno, that is, that he mistook a David's harp for a human mousetrap, the poor *mineiro* pays for the torn strings and gets his hat back.

O quadro acima se segue a um dos momentos mais cômicos da história, onde Nhô-Quim, depois de espancar um garçom que ele acredita ter lhe dado veneno (o que na verdade era sorvete), sai do restaurante em disparada, bem no momento em que dois sujeitos italianos (genericamente retratados com a estatura exageradamente baixa) estavam a tocar músicas clássicas alemãs na harpa e no violino. Nhô-Quim se enfia acidentalmente na harpa, arrebatando as cordas. Ele, porém, acredita que, após uma tentativa de envenenamento, agora querem lhe prender numa ratoeira humana, o que o faz correr em desespero pelas ruas da cidade com a harpa pendurada no pescoço. Depois de uma queda onde ele arrasta vários pedestres e um engraxate, a confusão é resolvida e ele paga pelo prejuízo (como ocorre de forma recorrente toda vez que Nhô-Quim ocasiona qualquer desastre), não sem antes entender a sua confusão com o instrumento musical.

No caso, a expressão escolhida por Agostini remete ao mito greco-romano de Íxion. No mito, Íxion comete o erro mortal de se apaixonar por Hera/Juno, mulher de Zeus/Júpiter, despertando a ira do deus que esculpe uma nuvem na forma de Juno. Cego de paixão, Íxion abraça a nuvem confundindo-a por Juno, inclusive fertilizando a nuvem. O mito originou, no português, a expressão usada em *Nhô-Quim*, que significa, literalmente, enganar-se pelas aparências, mas que na tira de Agostini pode ser entendida apenas como uma confusão cognitiva menos complexa. Embora o inglês dê casos de idiomas e provérbios que reproduzem o mesmo sentido de “confundir as aparências” ou “tomar uma coisa por outra sem se preocupar muito em ter certeza”, nenhum deles remete ao mito de Íxion, que pode ser interpretado como um artifício intelectual da escrita de Agostini, a procura de uma referência da mitologia clássica mas sem deixar de explicar a referência na mesma frase. Dessa forma, optou-se pela tradução, acompanhada da explicação de Agostini e de uma nota de intermediação ao fim do capítulo.

3.3 Oralidade e Regionalismo

Gírias e expressões da época também são abundantes no texto de Agostini. Desde os primeiros quadrinhos, é possível notar influências da cultura brasileira e da cultura europeia em termos que hoje já não são usados ou entendidos tão comumente. Na ocasião do uso de um desses, o desafortunado Nhô-Quim se mete em uma briga após prender acidentalmente o vestido de uma senhora nas esporas de sua bota, levando os dois ao chão e o marido que acompanhava a socá-lo violentamente. Após escapar, ele dá de cara com uma imagem que ele acredita ser São Nicolau (embora seja apenas um manequim de um profeta em cima de uma loja chamada *O Profeta*), diante da qual ele se ajoelha e suplica “que o livre de tamanho caiporismo!” (AGOSTINI, 1869)



Desolado por tantas fatalidades, ao chegar defronte da loja do Profeta, Nhô-Quim ajoelha diante da imagem que toma por S. Nicolau, e pede-lhe que o livre de tamanho caiporismo!



Saddened by so many fatalities, Nho-Quim arrives in front of the Prophet's Shop and kneels before what he took for St. Nicholas, begging to be freed from such misfortune!

Caiporismo, nesse sentido, tem claramente o significado de azar, falta de sorte, infortúnios ou desventuras; enfim, um termo que serve em geral para resumir tudo pelo que Nhô-Quim passou durante sua malfadada viagem à capital. Aqui, nota-se que ao invés de expressar a falar de Nhô-Quim por meio de aspas ou travessão, o narrador toma para si a citação indireta, reproduzindo as palavras do personagem com a voz da narração, inclusive usando a mesma gíria e entonação que soa natural ao contexto cultural de Nhô-Quim. De fato, a origem do termo demonstra uma proximidade maior com a cultura do campo de onde Nhô-Quim veio, o que serve como evidência para a afirmação feita acima de que o narrador muitas vezes veste o estereótipo do caipira

mineiro para expressar as falas e sentimentos do protagonista. No caso, é possível que o termo tenha surgido entre caçadores do interior daquela mesma região, ou dentre os exploradores bandeirantes. Estes caçadores, ao voltarem para casa sem nenhuma caça sobre as costas, e para não passarem a imagem de tarefa não-cumprida, dão a desculpa de que foi “caiporismo”, ou seja, “culpa do Caipora”, espírito que habita as florestas e que protege os animais praticando truques contra caçadores. A figura do folclore brasileiro faz também referência ao modo simples e ingênuo de Nhô-Quim, que, apesar de não associar sua falta de sorte com as ações do Caipora, acredita que tudo pelo que passou seja algum tipo de mau-agouro, daí sua súplica diante de qualquer imagem na qual ele possa ver seu padroeiro.

A palavra “misfortune”, nesta ocasião, indica uma generalização maior do conceito de “falta de sorte”. Isso por que a equivalência no inglês através de um termo parecido, e com origens no folclore, poderia caber no contexto e soar natural à tradução, mas não é compatível com o conceito de documentação histórica, já explicado na parte teórica deste trabalho. Deste modo, optei pela palavra de significado mais amplo “misfortune” com a adição de uma nota de intermediação ao fim do texto.

Outro termo que possa indicar um traço de regionalismo no discurso é “Sinhá”, forma usada no século XIX para denominar qualquer senhora ou senhorita. Embora seu conceito fosse facilmente entendido por boa parte da população da época, é um termo mais comumente usado em esferas rurais, numa escala hierarquizada entre patrões e empregados/escravos, ou simplesmente como forma respeitosa de tratar mulheres ricas. Para a tradução, optou-se por “Miss”, um termo de significado parecido, porém que ainda é usado regularmente na língua inglesa moderna, sem a restrição temporal que “Sinhá” carrega consigo.



Sinhá, que sentiu umas cócegas no coraçãozinho desabafou com tia Micaela, que é uma mucama muito calada.



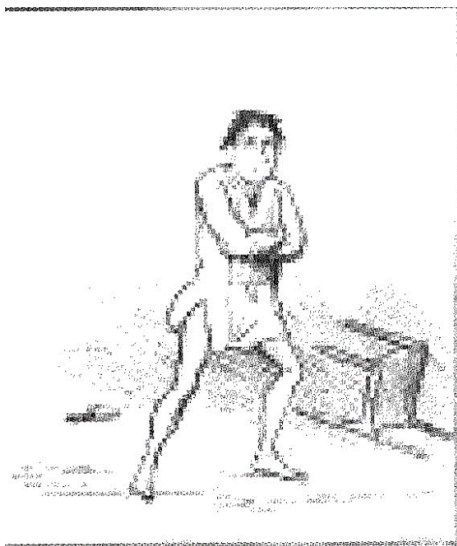
The Miss, who felt her heart tickle, opened up with Aunt Micaela, a very silent slave.

3.4 Trocadilhos

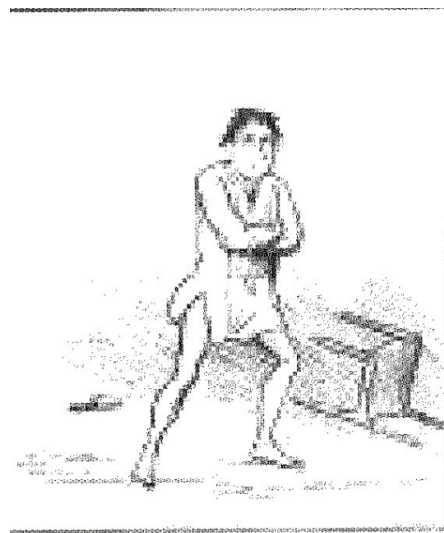
Muito embora o humor de *Nhô-Quim* (e, de certa forma, também da primeira parte de *Zé Caipora*) esteja no choque de culturas vivenciado pelo personagem, bem como a sua reação diante disso, o texto de Agostini também faz, em certas ocasiões, um uso mais sofisticado da linguagem com o intuito de criar humor a partir de trocadilhos. Trocadilhos são conhecidos entraves às traduções, uma vez que eles se baseiam em particularidades da fonética e da sintaxe própria de cada língua. A tradução desses trocadilhos esbarra, invariavelmente (quando decide-se traduzi-lo), na substituição por equivalentes na língua de chegada, sem que isso vá de encontro ao conceito de “naturalização” do texto.

No exemplo a seguir, temos Nhô-Quim novamente numa situação embaraçosa quando, depois de um farto jantar, procura um banheiro no andar de cima do hotel, mas acaba entrando por acidente em um quarto de uma hóspede, que mais tarde se revelaria ser Mlhe. X, e em seguida aproveita para também dormir na cama do quarto. No subtexto da tira de Agostini, percebe-se que Mlhe. X é na verdade uma prostituta de luxo, que, ao voltar de um programa, encontra o estranho Nhô-Quim dormindo com as roupas de baixo em sua cama. A hóspede grita por socorro e em segundos toda a equipe do hotel e os demais hóspedes se reúnem em volta de Mlhe. X para saber o que houve (o que sugere outro subtexto onde é identificada parte da clientela de Mlhe. X). A multidão então enfrenta Nhô-Quim, que, desesperado e confuso, enfrenta-os jogando o conteúdo da latrina sobre todos. Perde, porém, as roupas capturadas pela multidão enfurecida.

Embora este seja um caso único de trocadilho durante a narrativa, ele apresenta alguns desafios naturais à tradução, como a necessidade de encontrar equivalentes em inglês que possam fazer, no leitor, o mesmo efeito do texto de origem. No caso, o trocadilho acontece com as palavras “punha à fresca” e “pôr-se ao fresco”. A primeira expressão é de uso antigo, e significa estar exposto ou seminu. Já a segunda também é de uso antigo e remete à “sumir de algum lugar”, “desaparecer”. A solução encontrada para o texto de chegada foi um jogo com a expressão em inglês “take off”, na qual ela é usada na tradução de ambos os termos.



Nhô-Quim subia a serra com a subtração da sua roupa, o que o punha à fresca, quando ele tanto desejava pôr-se ao fresco!



This got a rise out of Nho-Quim, who had his clothes taken off him, when his heart's desire was simply to take off!

6. Nota Explanatória

Devido à natureza singular da publicação original de *Nhô-Quim*, foi da decisão de Athos Eichler Cardoso de publicar a compilação dividindo as páginas na lombada, o que comprometeu muito do conteúdo. Este trabalho não teve acesso aos exemplares originais, sem a divisão na lombada, e portanto teve que fazer uso da digitalização. Isso ocasionou uma perda de legibilidade nas páginas originais e por isso adicionei, ao fim do projeto, um apêndice com o texto original completo para consulta. Já a formatação da tradução também encontrou problemas: foi preciso que caixas de texto fossem abertas sobre a imagem, o que ocasionou a posição irregular das caixas de texto. A legibilidade, no entanto, foi recuperada.

3.4 Metodologia: Uso da Ferramenta de Auxílio à Tradução Wordfast

Boa parte desse trabalho foi feito com o auxílio de ferramentas de auxílio ao exercício de tradução, mais especificamente, WordfastPro e YouAlign. Essas ferramentas apresentam diversas utilidades e praticidades para o tradutor em seu exercício, como a possibilidade de listar itens de terminologia, adicionar notas que podem ser exportadas em outros formatos, e a conversão de formatos que possibilita a tradução de diversos tipos de texto sem comprometer o seu formato original. Foi com uso do WordfastPro que a seleção de terminologia e observações teóricas puderam ser feitas com maior eficiência.

Primeiramente, como parte da tradução já estava pronta, e para que não houvesse a necessidade de repetir o exercício durante a tradução do Projeto, foi também preciso o uso da ferramenta YouAlign. Esta é uma ferramenta online e gratuita voltada à tradução que permite que um mesmo texto, em sua versão original e traduzida, possa ser alinhado em sistema de pares, o que facilita a importação do texto já traduzido no WordfastPro. Alinhado o texto, a parte traduzida é então importada para o banco de dados do projeto de tradução do Wordfast, o que traduz automaticamente a parte do texto que tinha sido previamente traduzida, dando continuidade ao trabalho, dessa vez através do Wordfast.

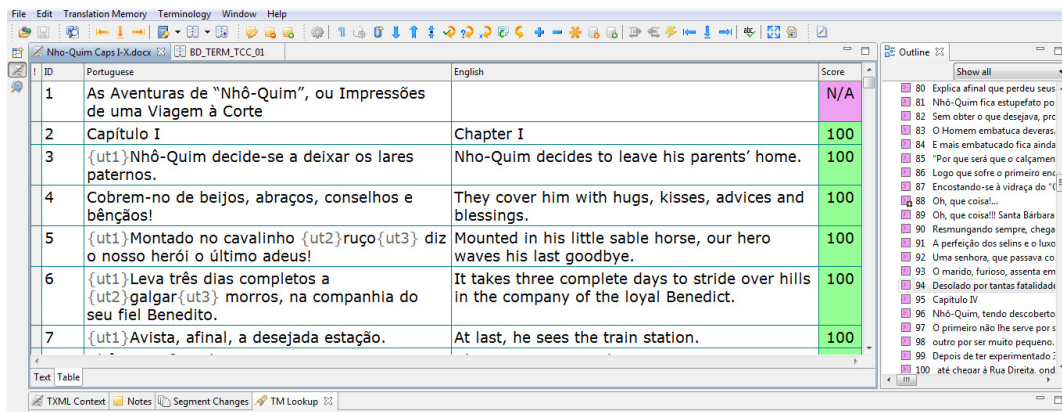


Figura 4 Interface do WordfastPro, o que disponibiliza diversos mecanismos que facilitam o manejo da memória de tradução e a tradução em si.

4. Conclusão

Estabelecidos os objetivos da tradução de *As Aventuras de Nhô-Quim e Zé Caipora*, e depois de analisados os conceitos teóricos nos quais a tradução está baseada, a conclusão natural para um trabalho deste tipo vêm a ressaltar a importância histórica e cultural da obra de Ângelo Agostini. A tradução de um texto pouco conhecido e de tamanha importância serve não mais como *apenas* tradução, como meio de comunicar uma coisa ou transpor uma mensagem em outra língua. O objetivo primário passa a ser a documentação de um momento histórico na imprensa brasileira, por meio da disponibilização de seu conteúdo em língua inglesa. Através desse exercício, o trabalho iniciado por Athos Eichler Cardoso em popularizar o acesso a esse valioso acervo têm continuidade, desta vez para a audiência falante de língua inglesa, seja ela nativa ou estrangeira.

Os desafios apresentados na tradução de coloquialismo, oralidade e na própria tradução de quadrinhos – em seus primórdios –, ressaltam, de certa forma, a importância que a tradução deste meio tem, bem como as importantes contribuições que os pesquisadores nesta área tem a dar para os estudos da tradução de forma geral. Para um meio visto tradicionalmente como inferior, devido à seu caráter popular e universal, os quadrinhos apresentam diversos aspectos técnicos e narrativos possíveis de serem estudadas em diversas esferas, sob os mais diferentes pontos de vista, sejam eles artísticos, literários ou didáticos. O próprio caráter popular da banda desenhada sugere a importância do estudo da área, o estudo de como, na fusão entre imagem e texto, nasce uma popularidade tão grande como é a das histórias em quadrinhos.

Espera-se, portanto, que este trabalho faça parte desse constante processo de valorização de HQs dentro do meio acadêmico, muito embora muito já tenha sido feito e de forma mais detalhada. Espera-se também que este trabalho faça parte do processo de trazer *Nhô-Quim e Zé Caipora* de volta ao olha popular e acadêmico, e que a documentação de seu texto ajuda a chamar de volta a atenção para a figura de Ângelo Agostini, servindo como reparação para o esquecimento de seu trabalho durante quase todo o século XX. Por último, espera-se que o trabalho possa servir o mesmo propósito de mais de 100 anos atrás, quando foi primeiramente publicado, o de distrair com lugares e personagens não só familiares como pessoais.

5. Considerações Finais

Tanto Nhô-Quim quanto Zé Caipora seguem uma mesma trajetória, porém de certa forma inversas: ambas as histórias tratam de um brasileiro comum embarcando numa viagem de descobrimento de um outro Brasil, de outros brasileiros, outros modos, culturas e modos de falar. Nhô-Quim deixa a sua noção de Brasil para trás para encarar uma noção mais moderna e agressiva do país onde ele nasceu e viveu. Já Zé Caipora é tirado do conforto do seu Brasil urbano e contemporâneo para se aventurar pelas trilhas esquecidas de um Brasil ancestral, de costumes mais antigos que a cidade onde ele nasceu, e de terras e paisagens que ele não sabia que existiam até então.

Assim como esses dois personagens, o leitor e o tradutor de *As Aventuras de Nhô-Quim e Zé Caipora* também são convidados a olhar para um Brasil que eles não conheciam. Trata-se de um Brasil que foi pioneiro nas histórias em quadrinhos seriadas, nas HQs de temática romântica, com histórias de aventura e exploração. Trata-se também de um Brasil que, através da figura de Ângelo Agostini, trouxe à modernidade para a linguagem jornalística e literária através da vanguarda artística de *Zé Caipora*. Por último, é também o Brasil de hoje, que procura olhar para si mesmo e para seu passado numa longa e constante busca por uma identidade que nos faça descobrir quem somos, enquanto brasileiros. A busca pela identidade de Nhô-Quim e Zé Caipora parte da exploração do novo, enquanto que nos dias de hoje, a busca por nossa própria identidade parte do passado e de nossas origens.

7. Referências Bibliográficas

AGOSTINI, Angelo. **As Aventuras de Nhô-Quim e Zé Caipora: Os Primeiros Quadrinhos Brasileiros**. 4. ed. Brasília: Editora do Senado, 2002.

AGOSTINI, Angelo; CAMPOS, Américo de; REIS, Antônio Manuel dos. **O Cabrião - Semanário humorístico editado por Ângelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manuel dos Reis, de 1866 a 1867**. Santos: Editora Unesp, 2001.

EISNER, Will. Quadrinhos e arte sequencial: princípios e práticas do lendário cartunista. *wmfmartins fontes*, SP, 4ªed, 2012.

KLINGBERG, G. **Children's Fiction in the Hands of Translators**. Blooms . Boktyekeri: Lund, 1986.

LEPPIHALME, Ritva. **Culture Bumps:: An Empirical Approach to the Translation of Allusions**. Londres: Clevedon: Multilingual Matters, 1997.

MILTON, John. **O Clube do Livro e a Tradução**. Bauru: Edusc, 2002.

RODRIGUES, Cristiana Carneiro. **Tradução e Práticas Político-Culturais**. 1994. 55 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

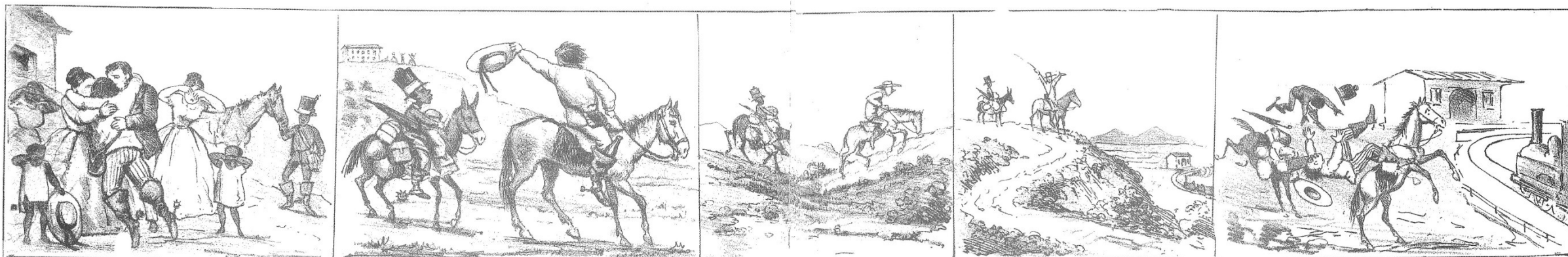
WILD, Adam. **A Translator's Guide to Reading Comics**. s.d. 126 f. Tese (Doutorado) - University Of East Anglia, Londres, s.d.

AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE

Capítulo I

HISTÓRIA EM MUITOS CAPÍTULOS (DE MINAS AO RIO DE JANEIRO)

Nhô-Quim, jovem de 20 anos, filho único de gente rica porém honrada, enamorara-se de Sinhá Rosa, moça virtuosa, mas que... de louca nem um pires. O velho Quim, tendo só em vista a felicidade do pequeno, entende que mulher sem dinheiro é asneira; e por isso em lugar de mandar o filho plantar batatas (o que seria muito proveitoso na roça), resolve dar-lhe um passeio à Corte para distraí-lo.



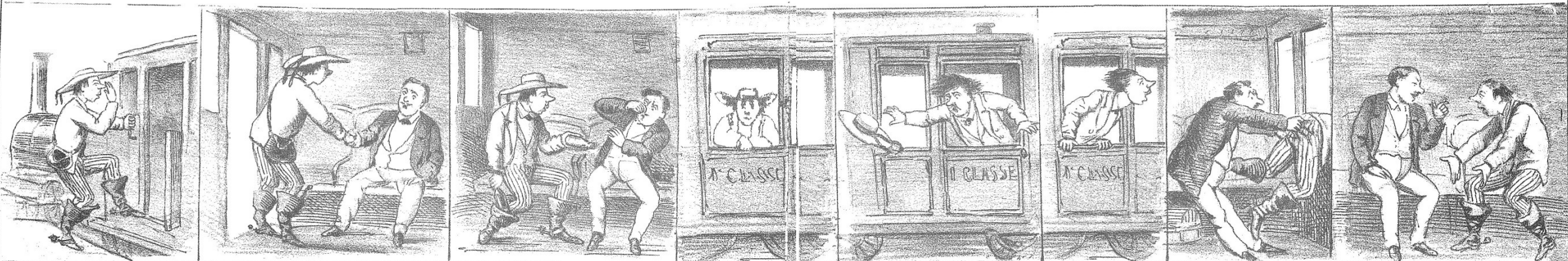
Nhô-Quim decide-se a deixar os lares paternos. Cobrem-no de beijos, abraços, conselhos e bênçãos!

Montado no cavalinho ruço, diz o nosso herói o último adeus!

Leva três dias completos a galgar morros, na companhia do seu fiel Benedito!

Avista, afinal, a desejada estação. Nhô-Quim fica absorto.

E o cavalinho ruço muito admirado!



Pelo sim e pelo não o nosso homem benze-se três vezes antes de entrar no

E por causa das dúvidas, vai cumprimentando com delicadeza

e oferecendo um pedaço de queijo de Minas, que traz bem guardadinho na bota, e que pelo aroma parece queijo suíço.

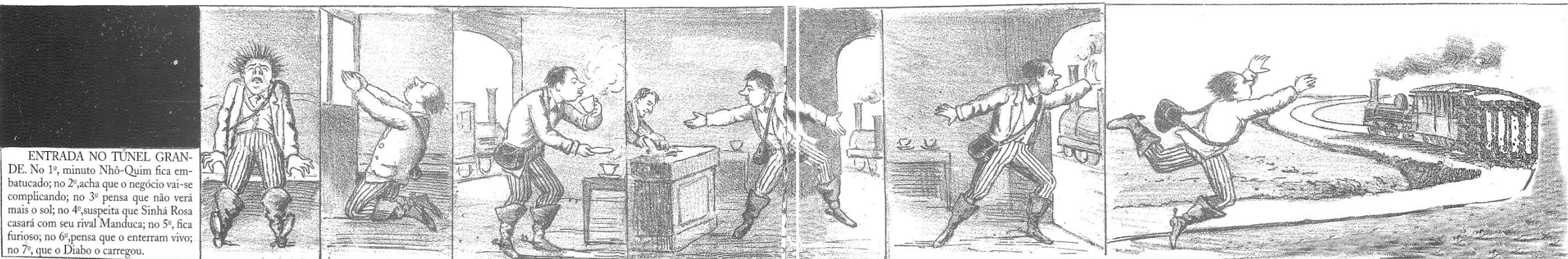
Nhô-Quim observa que a viagem em vagão não é PIOR; e que o vapor anda mais ligeiro que o seu cavalinho ruço.

tão ligeiro, que o vento...!!!

Nhô-Quim grita ao maquinista: *Munsiu, espere! Puxe a rédea da máquina... Lá se vai meu chapéu!*

Vendo que o trem continua, Nhô-Quim fica zangado e quer precipitar-se pela portinhola...

Nhô-Quim explica que o chapéu foi dado por Papai e a fita por Sinhá Rosa no dia de seus anos; mas a conversa é interrompida pela



ENTRADA NO TÚNEL GRANDE. No 1º minuto Nhô-Quim fica embatucado; no 2º acha que o negócio vai-se complicando; no 3º pensa que não verá mais o sol; no 4º, suspeita que Sinhá Rosa casará com seu rival Manduca; no 5º, fica furioso; no 6º, pensa que o enterram vivo; no 7º, que o Diabo o carregou.

Nhô-Quim ao sair do túnel!

Rende graça à Providência pela sua salvação!...

Chega a Belém... Safa! Que café...

Nhô-Quim paga e pede o troco.

Espere! Já vou indo!... Estou esperando o troco!

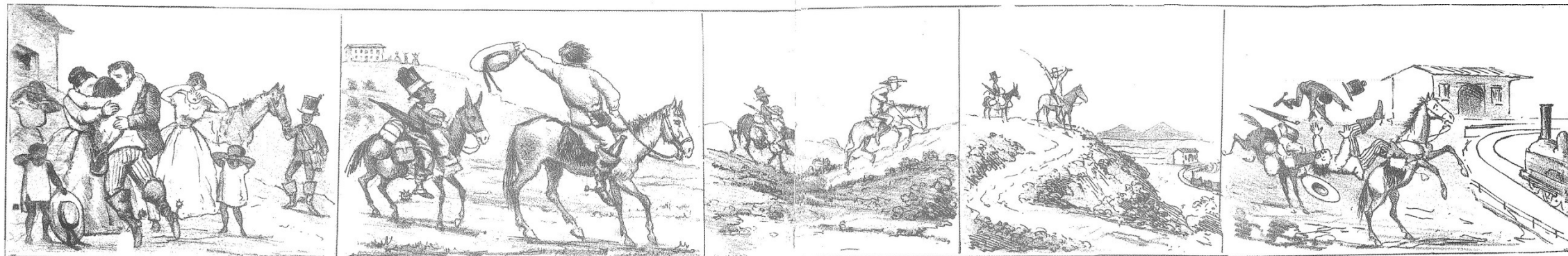
Lá se vai o trem!... Puxe a rédea, Munsiu!... Olha que sou eu!... Puxe a rédea!... Pare um pouco!...

THE ADVENTURES OF NHÔ-QUIM, or IMPRESSIONS OF A TRAVEL TO THE COURT

Chapter I

A STORY IN MANY CHAPTERS (FROM MINAS TO RIO DE JANEIRO)

Nho-Quim, 20 years old, is the only son of a rich but honored family. He falls in love with Miss Rose, avirtuous lady, but... poor as she could be. The old Quim only wants for his son to be happy, but he also knows that a poor woman is nonsense, so he sends him on a trip to the Court as a distraction.



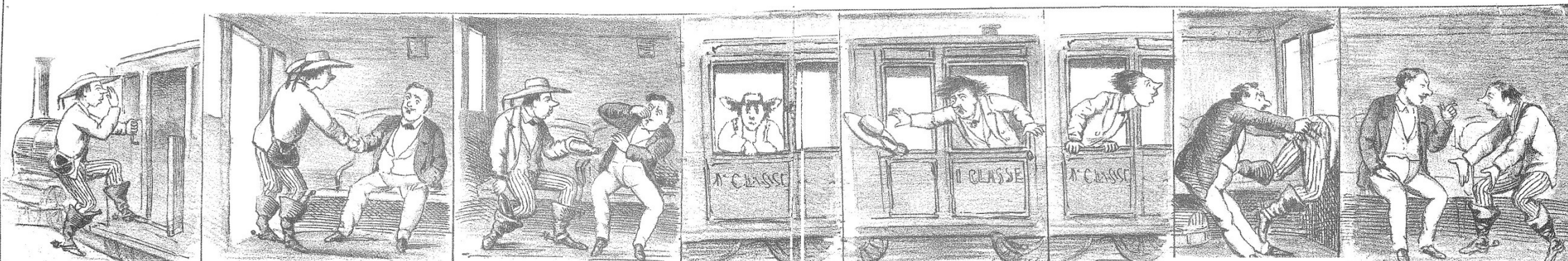
Nho-Quim decides to leave his parents' home. They cover him with hugs, kisses, words of advice and blessings.

Mounted on his little sable horse, our hero waves his last goodbye.

It takes three complete days to stride over hills in the company of

At last, he sees the train station. Nho-Quim is amazed.

And so is the little sable horse!



Before getting into the train, our guy blesses himself three times –

Doubtful, he goes on politely complimenting everyone.

He offers a man a slice of Minas cheese which he kept in his boot, but it smelled like Swiss.

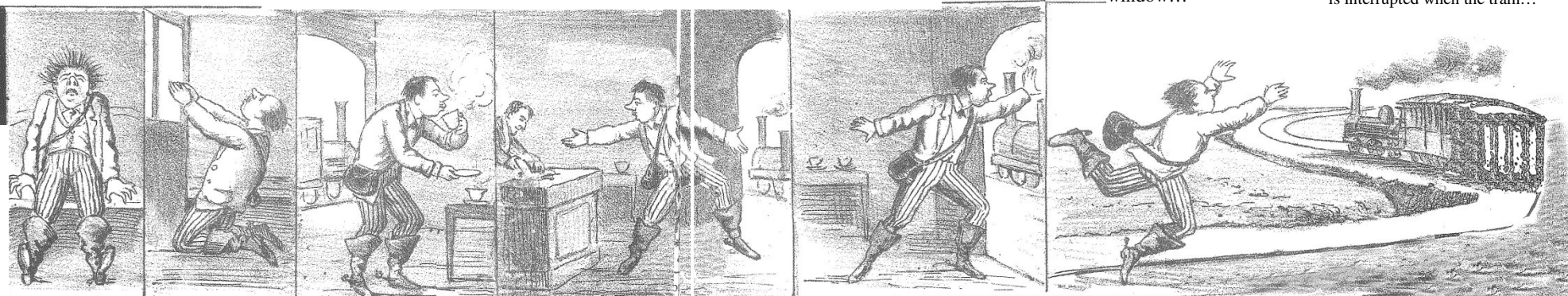
Nho-Quim notices that travelling in a train is not THAT bad; and that the steam is faster than his little sable horse. It's so fast, that the wind...

He screams to the driver: *Sir, wait! Pull on the reins...*

Realizing the train won't stop, he gets cross and attempts to jump off the window...

He explains that it was a gift from Daddy and the lace was given by Miss Rose on his birthday. His chat is interrupted when the train...

ENTERS A LONG TUNNEL. One minute passed, Nho-Quim was mute. In the second minute, he feels things are getting complicated; in the third, he thinks he'll never see the sun again; in the fourth, he suspects Miss Rose will marry his rival Manduca; in the fifth, he gets cross; in the sixth, he thinks he is buried alive; in the seventh, that the Devil took him away.



Nho-Quim, when they leave the tunnel!

He says a prayer to Providence for his salvation!...

He arrives in Belém... *Geez! What a coffee...*

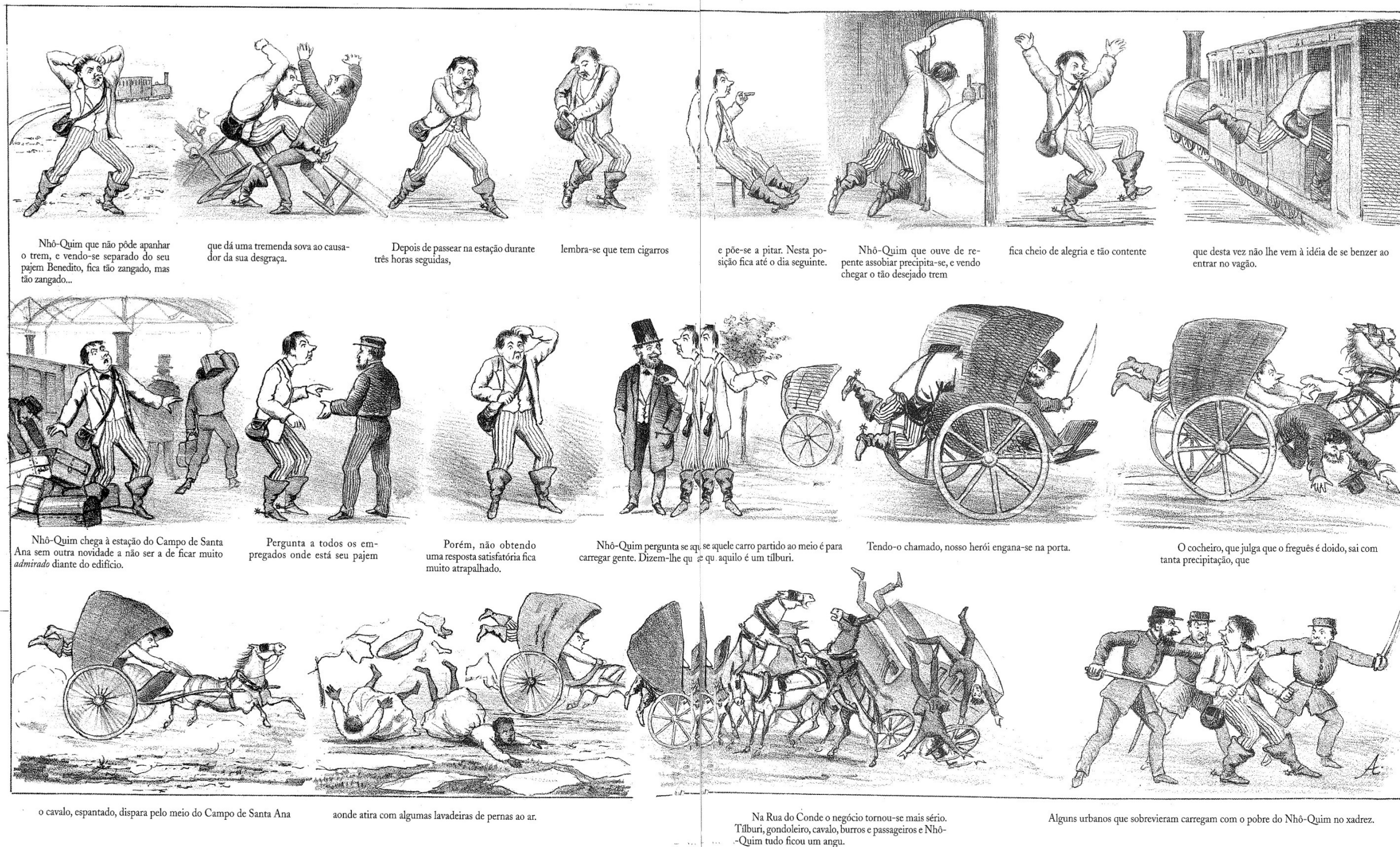
Nho-Quim pays and asks for the change.

Wait! I'm going!.. I'm waiting for my change!

There goes the train!... Pull on the reins, Sir!... It's me!... Pull on the reins!... Stop for a while!...

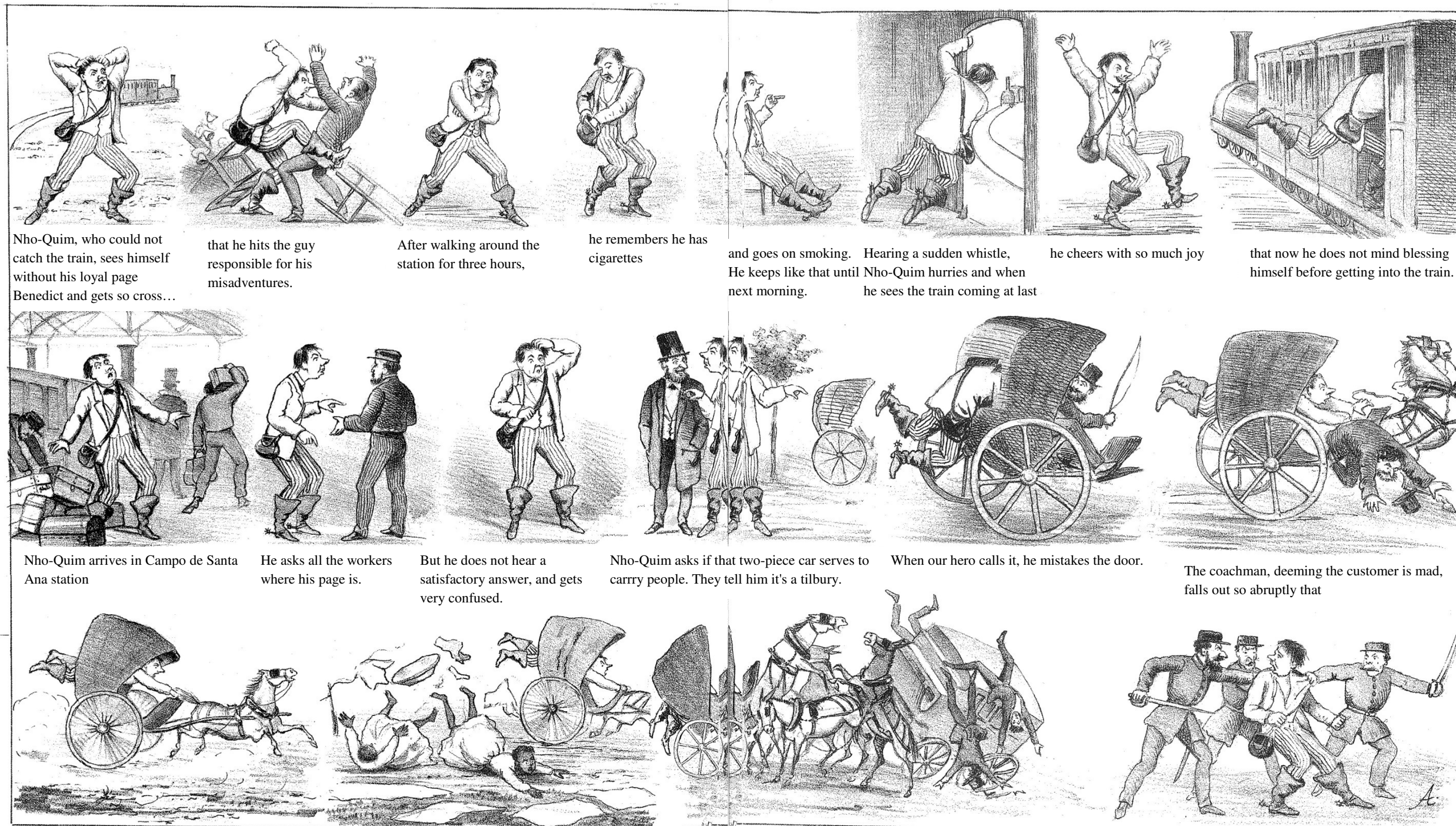
AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMPRESSIONES DE UMA VIAGEM À CORTE

Capítulo II



THE ADVENTURES OF NHO-QUIM, or IMPRESSIONS OF A TRAVEL TO THE COURT

Chapter II



Nho-Quim, who could not catch the train, sees himself without his loyal page Benedict and gets so cross...

that he hits the guy responsible for his misadventures.

After walking around the station for three hours,

he remembers he has cigarettes

and goes on smoking. He keeps like that until next morning. Hearing a sudden whistle, Nho-Quim hurries and when he sees the train coming at last

he cheers with so much joy

that now he does not mind blessing himself before getting into the train.

Nho-Quim arrives in Campo de Santa Ana station

He asks all the workers where his page is.

But he does not hear a satisfactory answer, and gets very confused.

Nho-Quim asks if that two-piece car serves to carry people. They tell him it's a tilbury.

When our hero calls it, he mistakes the door.

The coachman, deeming the customer is mad, falls out so abruptly that

the horse gets scared and gallops off across Santa Ana Field

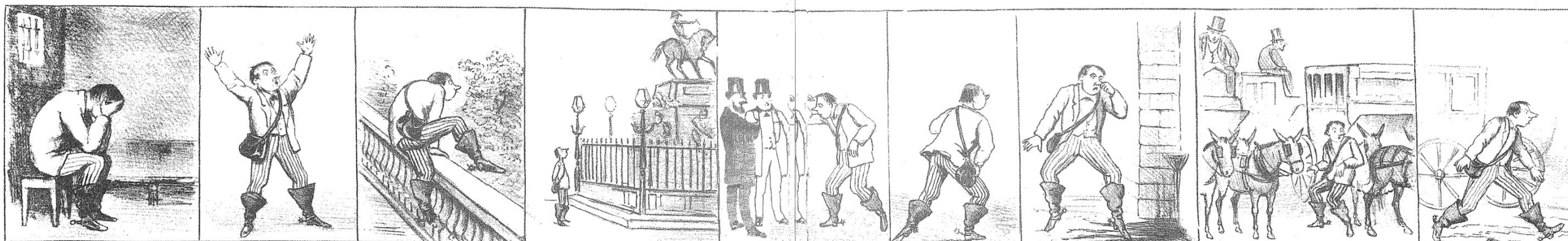
where it throws some washwomen upside down.

Things got serious in Conde Street. Tilbury, gondola driver, horse, donkeys and passengers and Nho-Quim, crashed against each other in a pile-up.

Some coppers hurry to the place and take the poor Nho-Quim to jail.

AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE

Capítulo III



Nhô-Quim, depois de ter passado 24 horas na gaiola, onde meditou seriamente sobre as vicissitudes a que está exposta a mísera raça humana,

é posto em liberdade, por ter o Chefe julgado que o dano não fora feito *por querer*, como dizia o nosso ratão.

Chegando ao Largo do Rocio acha desnecessário procurar a porta, visto ser a *cerca muito cômoda para pular*.

O que mais faz pasmar o nosso homem é a *parecença*, que encontra entre o cavalo da estátua e o seu *cavalinho ruço*.

Vendo que todos estão a olhar para ele, quer cumprir o dever, e só, não, dá pela falta do chapéu...

Informado do lugar, onde encontrará melhores chapéus, dirige-se à Rua do Ouvidor.

Ao passar pela esquina da Escola Central, Nhô-Quim fica horrorizado de ver que na Corte, e em pleno dia, se consente que os homens... *Jesus... chii... que porqueira!!!*

Avistando as gôndolas, hesita o nosso herói em passar pelo meio delas, por lembrar-se ainda da cena desastrosa da véspera.

Criando ânimo, sai com certa precipitação do meio daquele labirinto



e esbarra com um vendedor de balas!

Obrigam-no a pagar o dano causado. Nhô-Quim acha despropósito que na Corte se pague 5\$ por umas bolinhas de papel à toa.

Entra na Rua do Ouvidor. Vendo-a tão estreita, não acha lá essas coisas, que dizem lá por fora.

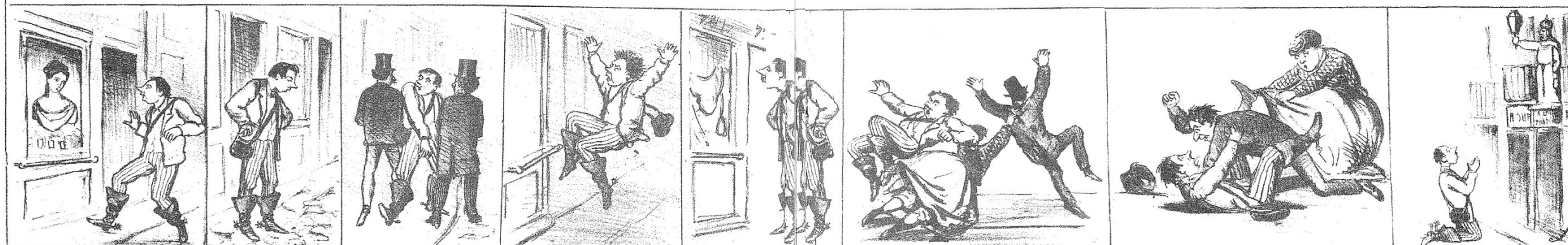
As vitraças de *Notre Dame* atraem-lhe a atenção. Nhô-Quim acha tudo aquilo muito rico!!!

Entra. A amabilidade e cortesia dos empregados põem-no em *SÉRIOS* embaraços.

Explica afinal que perdeu seu chapéu, e que quer comprar outro, se não for muito caro.

Nhô-Quim fica estupefato por saber que numa loja tamanha não há chapéus, e explica que o *Xico Bicudo*, lá na sua terra, vende chapéus, sapatos, manteiga, roupa, e até ferraduras!!!

Sem obter o que desejava, prossegue seu passeio, e *topa* com as - Bichas-Monstros. O homem embatucava deveras...



E mais embatucado fica ainda, vendo diante de si uma mulher cortada pelo meio, andando à roda, e parecendo muito satisfeita da sua vida!!!

"Por que será que o calçamento aqui é tão ruim, e lá no princípio da rua tão bom? Ah! É porque esta parte da rua é mais velha do que a outra."

Logo que sofre o primeiro encontro, Nhô-Quim acha que esta gente da Corte é bem maliciada e que nem sequer pede licença para passar.

Encostando-se à vitraça do "Grande Mágico", Nhô-Quim sentiu uma coisa!... Oh, que coisa!!! Santa Bárbara! São Jerônimo!!!! (Nhô-Quim não conhece a eletricidade).

Resmungando sempre, chega o nosso homem até defronte da casa do Lambert. A perfeição dos selins e do luxo dos arreios trazem-lhe à idéia o seu *valinho ruço*, sobre cujo espinhaço bem bem assentariam aqueles adornos!

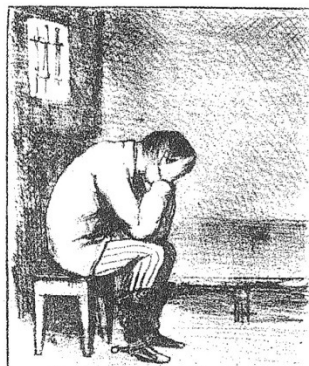
Uma senhora, que passava com seu marido, fica presa pela cauda do vestido nas esporas do nosso homem. Segue-se o inevitável trambolhão.

O marido, furioso, assenta em Nhô-Quim os mais valentes bofetões de que há notícia. Para desculpar-se, o pobre ratão repete sempre que *não foi por querer!!!*

Desolado por tantas fatalidades, ao chegar defronte da loja do Profeta, Nhô-Quim ajoelha diante da imagem que toma por S. Nicolau, e pede-lhe que o livre de tamanho caiporismo!

THE ADVENTURES OF NHÔ-QUIM, or IMPRESSIONS OF A TRAVEL TO THE COURT

Chapter III



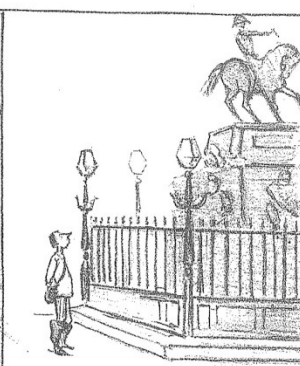
After spending 24 hours in a cage seriously reflecting upon the vicissitudes to which the human race is miserably exposed, Nho-Quim



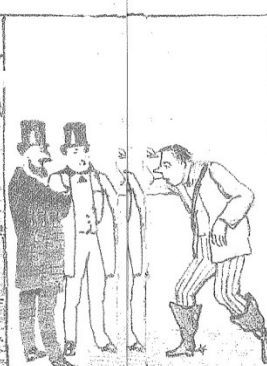
is freed, because the Sheriff judged the damage was not done intentionally, like our Big Rat would say.



Arriving at Rocio Square, he finds it unnecessary to look for the door, because the fence looks perfect to jump through.



What startles him the most is how the statue horse looks just like his sable little horse.



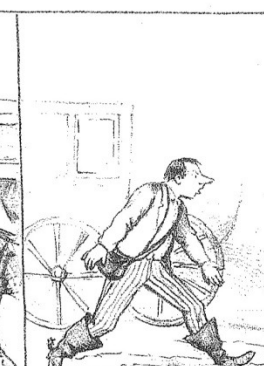
Noticing that everyone is looking at him, he tries to do greet them, and only then remembers he doesn't have his hat... Informed of a place where he'll find better hats, he goes to Ouvidor Street.



When passing through the Central School corner, Nho-Quim is horrified to see that in the Court, in broad daylight men are allowed to... *Jesus... urgh... that's dirty!!!*



Our hero then sees the gondola carriages and is hesitant to pass between them, still remembering the previous day's disastrous scene.



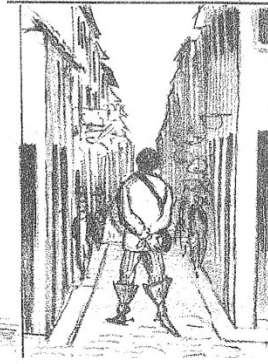
He mans up and quickly leaves that mess,



just to bump into the candy man!



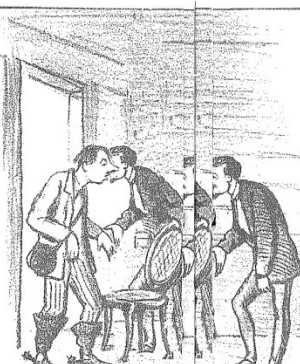
He's forced to pay for the damage done. Nho-Quim finds it pointless that in the Court he must pay \$5 for some paper balls, for nothing.



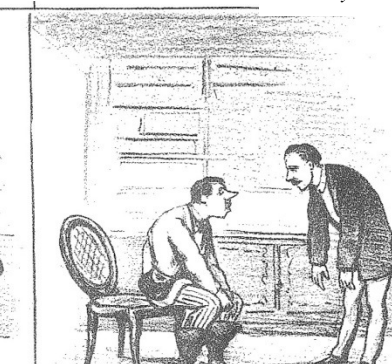
He arrives at Ouvidor Street. He sees it's too narrow, and doesn't think it's up to all they say about it out there.



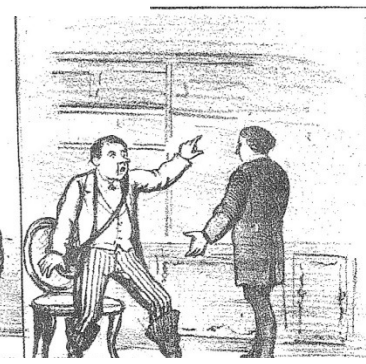
The *Notre-Dame* glass get his attention. Nho-Quim finds that all very lush!!!



He comes in. The employees' kindness and courtesy make Nho-Quim SERIOUSLY embarrassed.



He explains that he has lost his hat, and would like to buy another, if it's not too expensive.



Nho-Quim is stunned to know that a shop that size does not sell hats, and tells that, in his hometown, Bigmouth Frank sells hats, shoes, butter, clothes and even horseshoes!!!



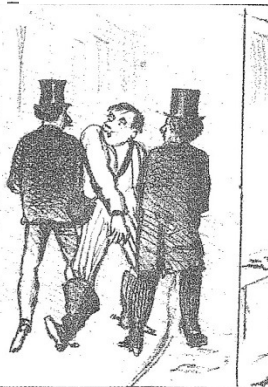
Without getting what he looked for, he keeps on walking, and stops in front of the "Monster-Beasts". The man is extremely confused...



...And even more so when he sees, in front of him, a woman cut in half, walking around and looking very satisfied with her life!!!



"Why is the pavement here so bad, and so good there at the end of the street? Oh! It's because this part of the street is older than the other."



Nho-Quim soon suffers his first *bump*, and realizes that people in the Court are very impolite and don't even excuse themselves when they pass.



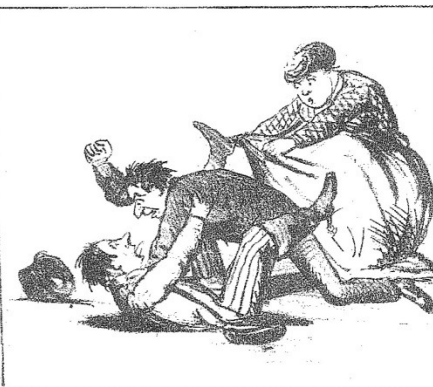
Leaning towards the "Great Magician" glass, Nho-Quim feels something!... What the...!!! Sweet Jesus! Mother of God!!!... (Nho-Quim doesn't know



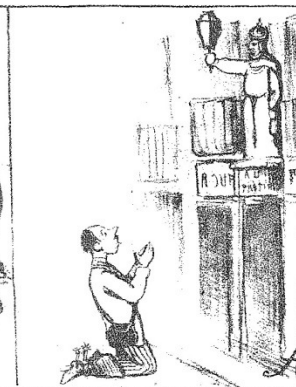
Always mumbling, our man gets to the entrance of Lambert's House. The perfection of the saddles and harnesses bring back memories of his sable little horse, whose broad back would also be covered with those adornments!



A lady who passed by with her husband had the tail of her dress stuck beneath the spurs of our man. The unavoidable tumble happens.



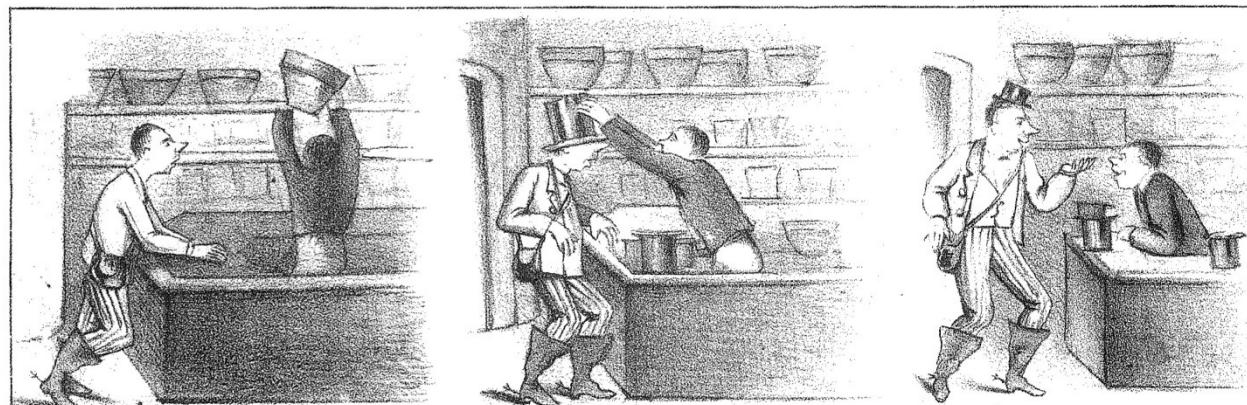
The furious husband lays the bravest punches ever seen over Nho-Quim. To apologize, our poor Big Rat keeps saying it was not his intention!!



Saddened by so many fatalities, Nho-Quim arrives in front of the Prophet's Shop and kneels before what he assumed to be St. Nicholas, begging to be freed from such misfortune!!

AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMPRESSIONES DE UMA VIAGEM À CORTE

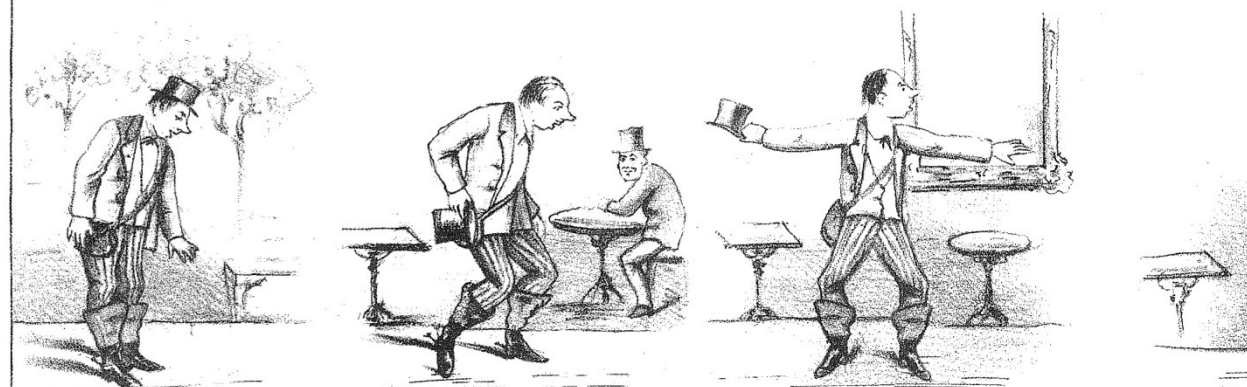
Capítulo IV



Nhô-Quim, tendo descoberto por fim um chapeleiro, pede um à moda de Paris, porque lhe disseram que o fabricante os fazia muito

O primeiro não lhe serve por ser muito grande;

outro por ser muito pequeno.

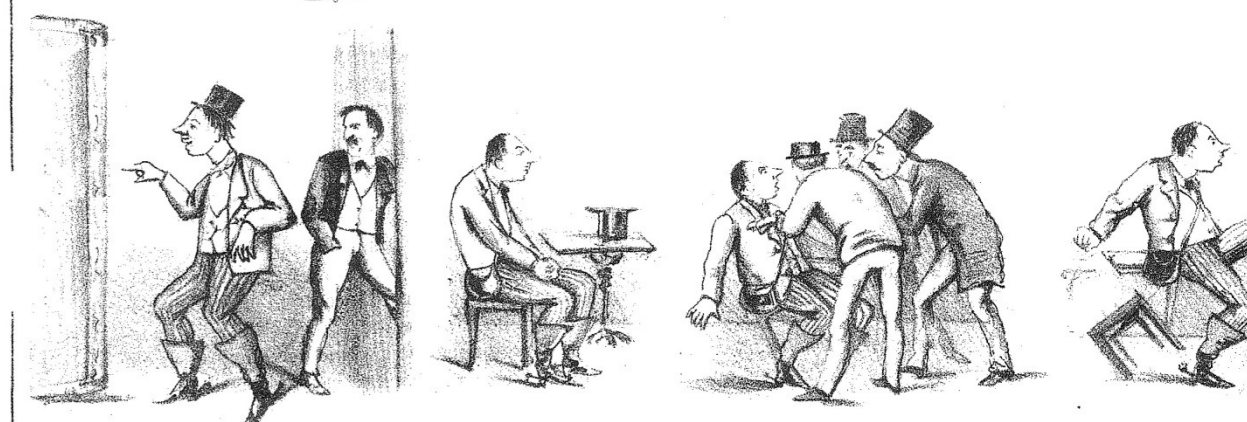


O carcamano, que julgou inútil gastar um pote inteiro de graxa, engraxou só a metade de cada bota. Nhô-Quim, porém, fica muito

e entra no Carceller onde cumprimenta a todos os fregueses.

O nosso jovem admira-se do comprimento de casa que vai de uma rua a outra.

Desejando ver se essa outra rua, nosso herói vai sem se esbarra com o espelho!

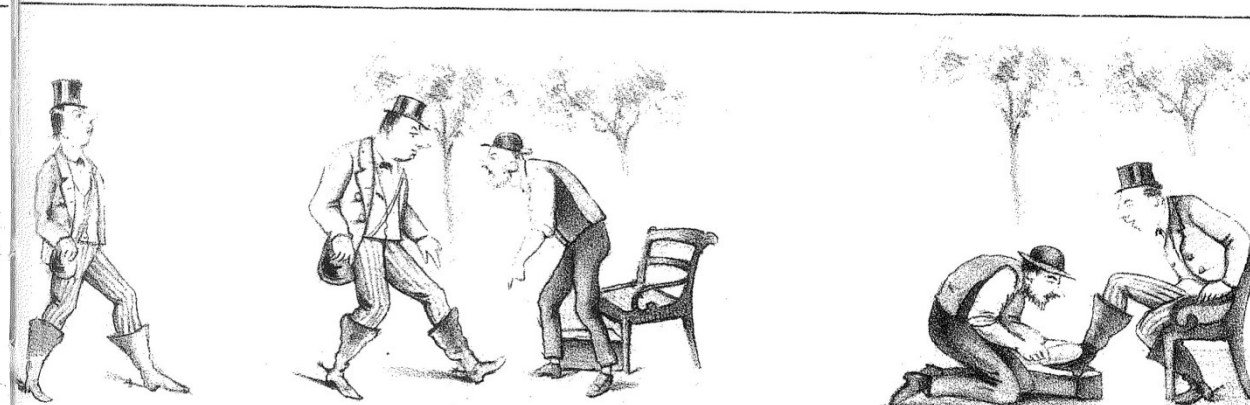


Nhô-Quim, que reconhece o seu engano, fica estupefato de ver que ia pedir satisfação a si mesmo, e considera-se muito feliz em não se ter dado muitos socos, graças à intervenção do caixeiro.

Tendo-lhe dito que devia tomar um sorvete para se refrescar, nosso herói espera que lhe sirvam essa coisa que ele não conhece.

Nesse intervalo, apresenta-se o Castro Urso & C. que querem-lhe vender a sorte grande em troca de 22\$000.

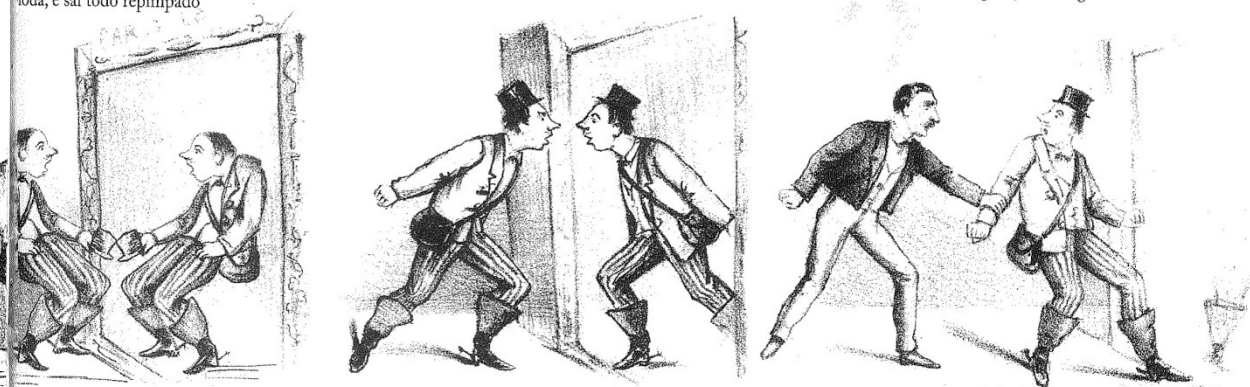
Nosso jovem que se lhe oferece 22\$000, julga que com os bilheteiros



Depois de ter experimentado 30 ou 40, e moído a paciência do caixeiro, fica com um que lhe garantiram ser da última moda, e sai todo repimpado

até chegar à Rua Direita onde um carcamano se propõe a engraxar-lhe as botas.

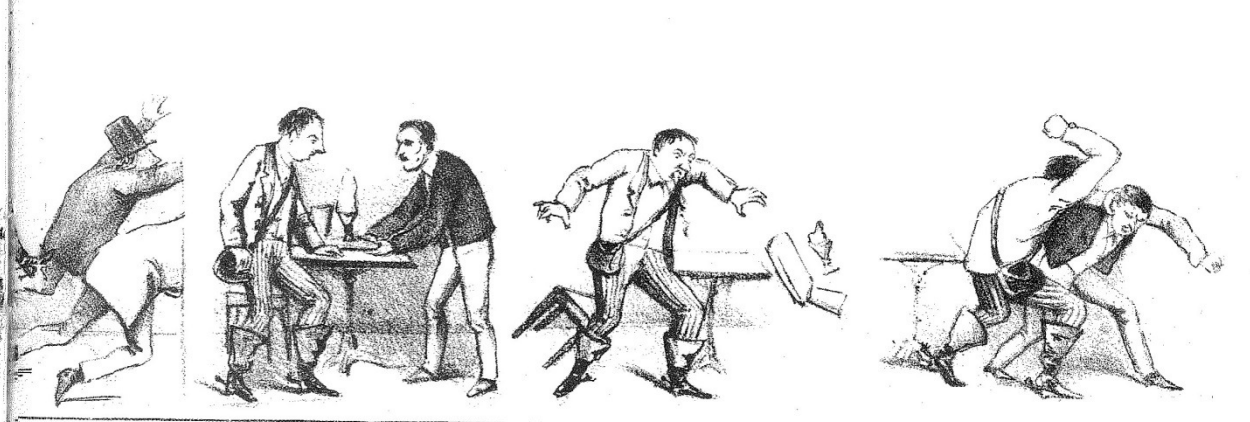
Nhô-Quim, que vê outras pessoas fazerem-se engraxar, julga necessário seguir o exemplo dos outros e submete-se à operação da engraxomania.



Desejando ver se essa outra rua, nosso herói vai sem se esbarra com o espelho!

Nhô-Quim, julgando que é um sujeito que lhe deu um empurrão para lhe impedir a passagem, pede-lhe satisfação.

Um caixeiro da casa intervém para evitar um conflito, que podia ocasionar graves prejuízos às algibeiras do patrão.



não pode compreender 2000\$000 em troca de um debicar e corre

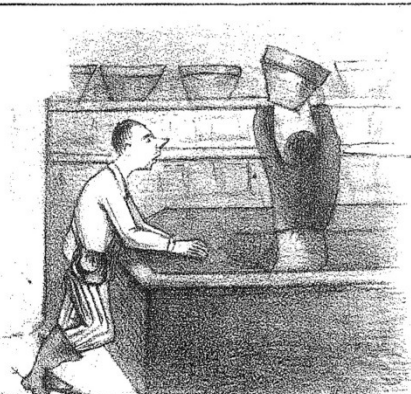
Chega enfim a tal coisa que chamam sorvete. Nhô-Quim não sabe se aquilo come-se, ou se bebe.

Depois de ter reparado bem como fazia o seu vizinho, ataca o sorvete como se fora uma banana, e...!!!

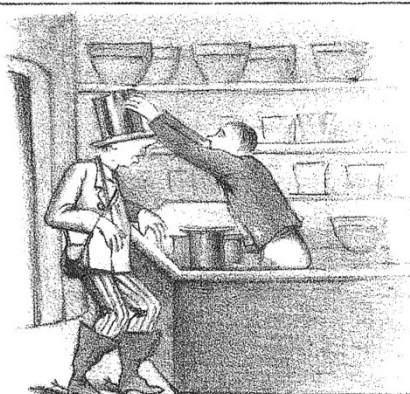
cheio de furor com essa feitiçaria, nosso herói cai de pancadaria no caixeiro que o serviu.

THE ADVENTURES OF NHO-QUIM, or IMPRESSIONS OF A TRAVEL TO THE COURT

Chapter IV



After finally finding a hatter, Nho-Quim asks for one in the fashion of Paris, because he was told the hatmaker produced a lot of them.



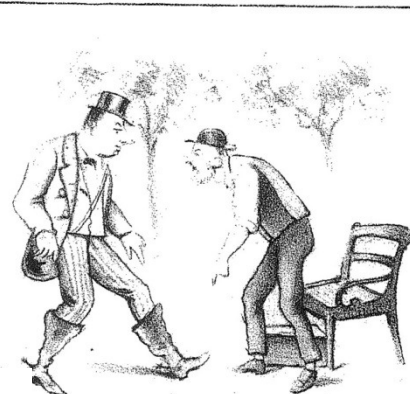
The first does not fit for being too big;



another for being too small.



After trying 3 or 40 models, and after pushing the clerk's patience to its limits, he takes one that was assured to be in style, and walks out all full of himself.



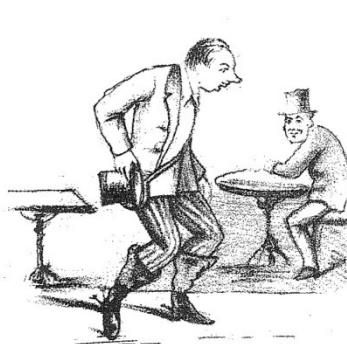
He arrives at Direita Street, where some wop asks to shine his boots.



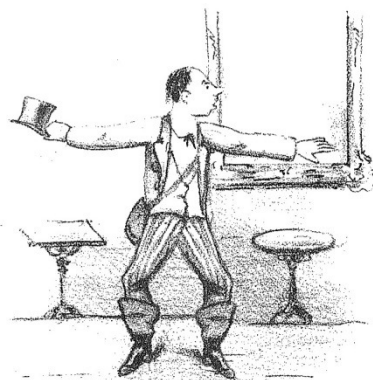
As other people had their shoes shined, Nho-Quim finds it necessary to follow their example and accepts to undertake the polish-mania operation.



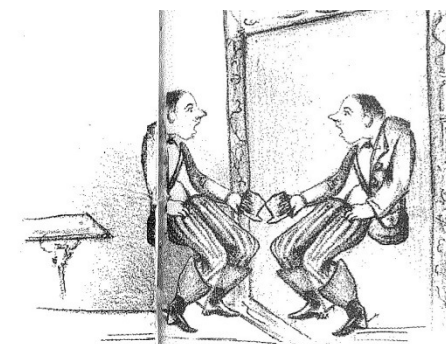
The wop thought useless to spend a whole pot of cream, so he polishes only half of each boot. Nho-Quim, however, is very satisfied



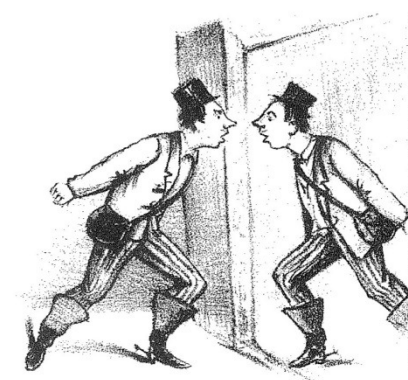
and enters the Carceller, where he greets all the customers.



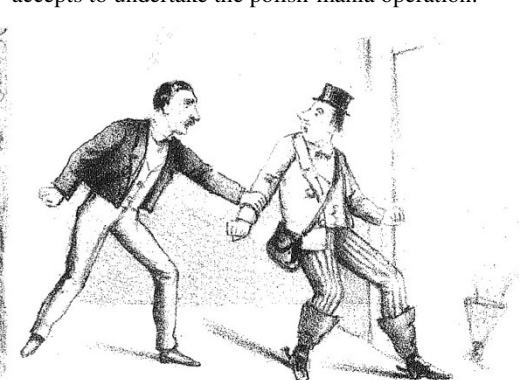
Our young man is impressed by the size of the house, stretching from one street to the other



Wishing to see the other street, our hero walks cluelessly into the mirror!



Nho-Quim thinks that is another chap who gave him a shove in his way, and asks for an explanation.



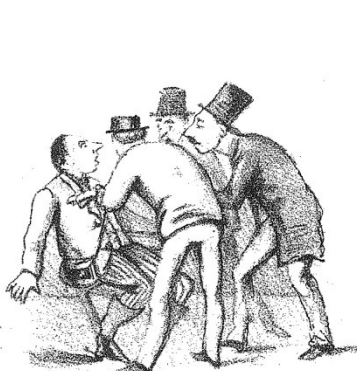
A local clerk interferes to avoid a conflict, which could cause serious damage to the boss' pockets.



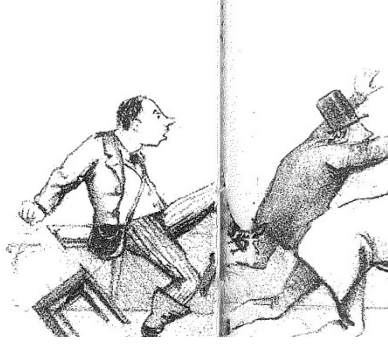
Nho-Quim realizes his mistake and is astonished to see that he was going to ask himself for explanations, and is happy not to have punched himself, thanks to the clerk's interference.



Our hero is told that he should have some ice cream to refresh, and sits and waits for this thing he doesn't know.



Meanwhile, some Bear Smith Co. introduce itself offering to sell a great fortune for 22\$000.



Our young man cannot understand how is it possible to offer 20:000\$000 in exchange for 22\$000, and thinks everyone wants to banter him and kicks those agents off.



At last the thing they call ice-cream is served. Nho-Quim is not sure if that should be eaten or sipped.



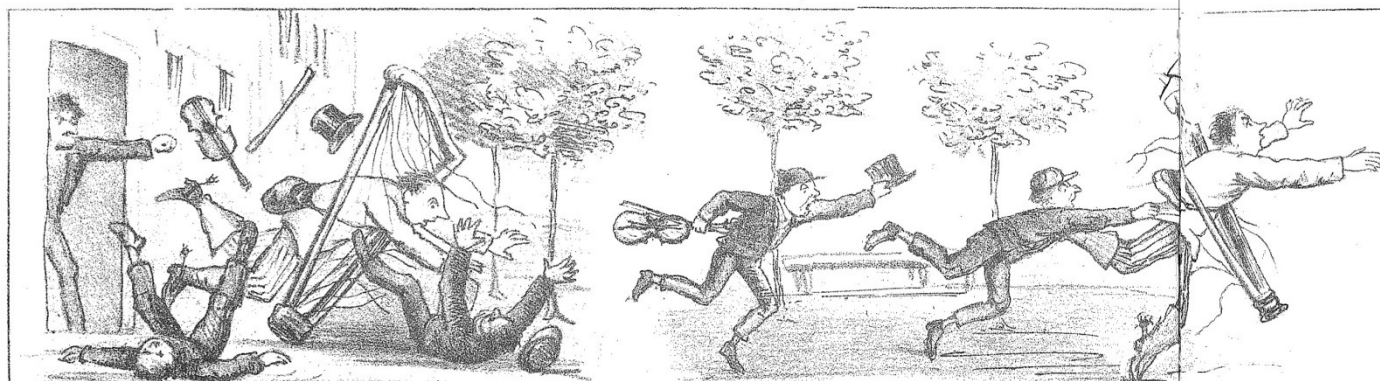
After seeing how the customer on his side does it, he attacks the ice-cream as if it was a banana, and...!!!



fuming with all that witchcraft, our hero begins to punch the waiter who had served him.

AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE

Capítulo V



Nhô-Quim achava-se tão exaltado ao sair do Carceller que não viu diante da porta um Tronconi e um Grawenstein que cantavam as glórias de Garibaldi, e do *macarroni*.

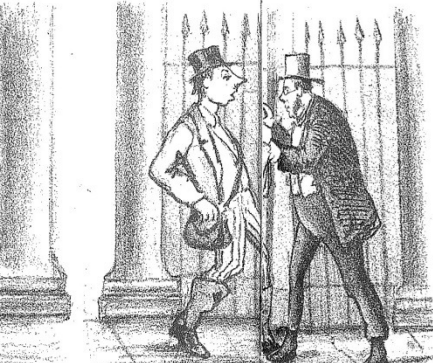
O coitado julga que lhe armaram uma ratoeira para prendê-lo, e foge espavorido. Um dos carcamanos, agarra-se a ele; o outro segue-os levando o chapéu do nosso herói.



Convencendo-se afinal que abraçara a nuvem por Juno, isto é, que tomara o instrumento de Davi (que trazia enfiado ao pescoço), por uma ratoeira de *gente*, o infeliz mineiro paga as cordas rebentadas e resgata o chapéu.

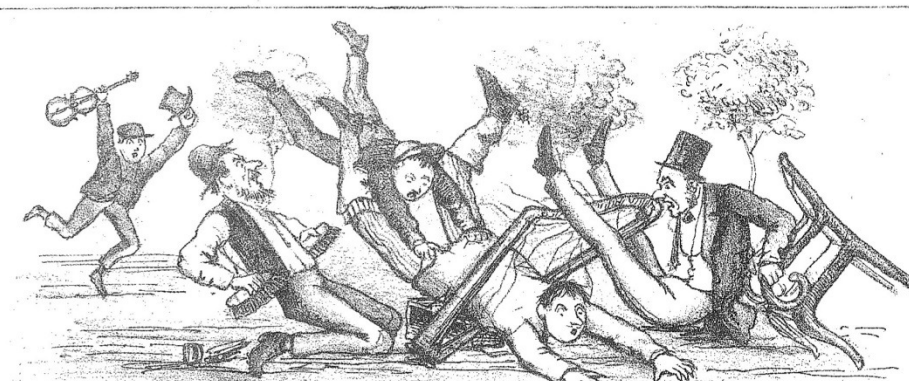


Passando pela Praça do Comércio



e logo cumprimentado por certo indivíduo que começa a falar-lhe em ministérios, caídos pela força da sua pena, em pesos de medição impossível, em *bonds*, em vinhos de Lisboa e que termina a *estopada*

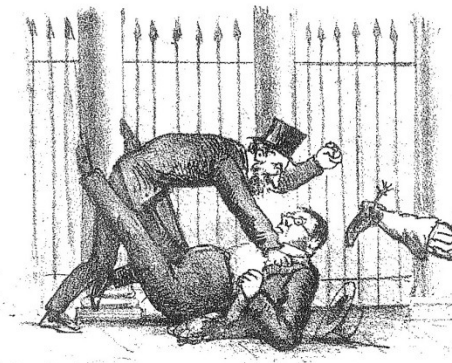
aconselhando-o a empregar os seus capitais em ações da Estrada de Ferro de Petrópolis.



Não sabendo mais onde meter a cabeça, Nhô-Quim mete, agora os pés na caixa de um engraxador, que ajoelhado diante do freguês, fazia jus à costumada *espórtula*.



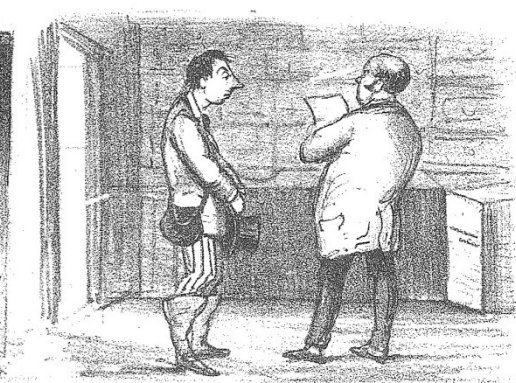
Neste momento intervém outro sujeito que oferece ações de um banco... com quatro pés.



O homem dos ministérios caídos, vendo perdido o fruto do seu discurso com a chegada do novo zangão, prorrrompe numa berraria, que logo se transforma em soco. Nhô-Quim aproveita o momento, e põe-se ao fresco.



À força de passos e de perguntas, o nosso provinciano dá com a casa do correspondente de *Papai* para quem traz uma carta de recomendação... e ordens.



O Sr. X.P.T.O., julgando ver diante de si um mísero tropeiro recebe a carta com a *gravidade e seriedade* de um comissário que só faz caso de quem possui... de 400 contos para cima!...



Porém, apenas lê as primeiras linhas e olha para a assinatura o rosto torna-se risonho, e comicamente comovido exclama! "Os meus braços... em cima do meu coração... como sou feliz!... O filho do meu melhor amigo" (À PARTE) (Um freguês de 30 mil arrobas pesadas à farta, e que não deve um vintém!) Nhô-Quim fica embatucado.



O Sr. X.P.T.O., tornando-se cada vez mais carinhoso, apresenta o nosso herói às suas digna consorte e extremosa filha.



(À parte à mulher). "Manda fazer algum quitute de estrondo e um prato de couves à mineira. A feijoada que seja gorda e de caldo grosso; manda botar três libras de toucinho, e uma cabeça de porco inteira..."

Falando para a filha "Ob, rapariga... veste o teu vestido de seda preta... o dos domingos... o coque novo que não esqueça."

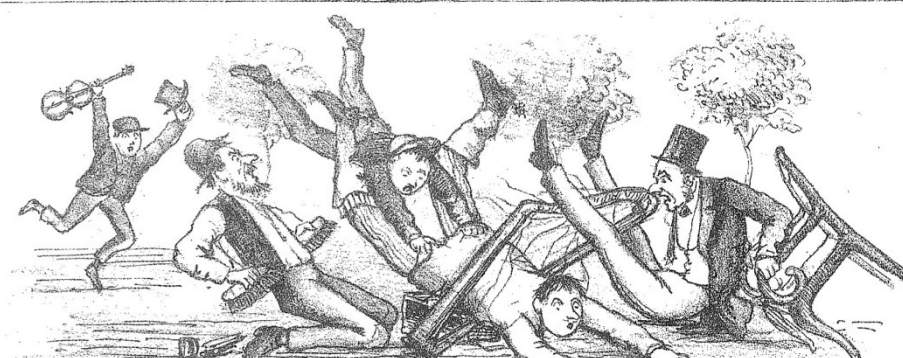
THE ADVENTURES OF NHÔ-QUIM, or IMPRESSIONS OF A TRAVEL TO THE COURT

Chapter V



Nho-Quim was so angry when he left the Carceller that he did not see a Tronconi and a Grawenstein outside the door singing the glories of Garibaldi and Maccarroni.

The poor man thinks that is a trap to catch him, and runs in panic. One of the wops holds him; the other follows them with our hero's hat.



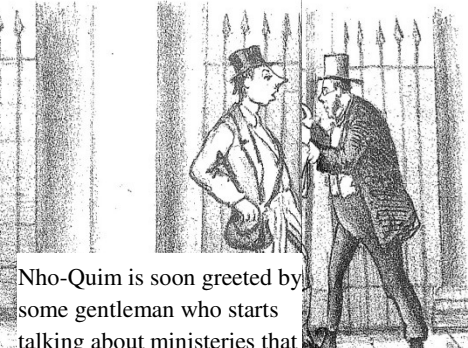
Not knowing where to put his head anymore, Nho-Quim now steps in the box of a shoeblack who, kneeled before the client, did justice to his known tips.



Finally convinced that he actually embraced a cloud taken for Juno, that is, that he mistook a David's harp for a human moustrap, the poor mineiro pays for the torn strings and gets his hat back.

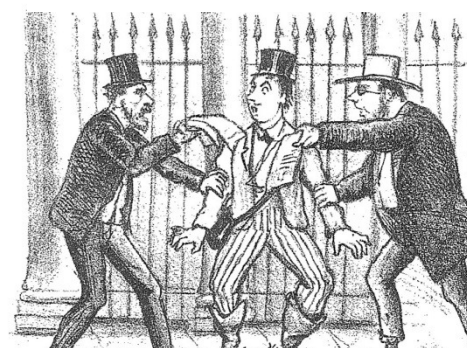


Waking in Commerce Square,

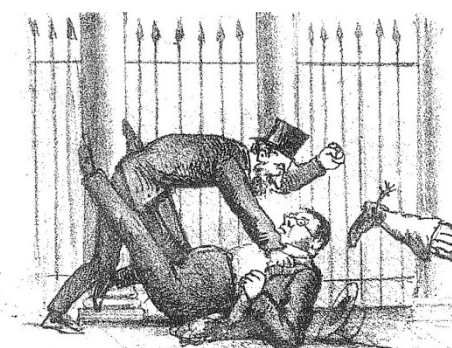


Nho-Quim is soon greeted by some gentleman who starts talking about ministeries that were taken down by his pen, and currencies of incalculable value, and bonds, and Lisbon wine, finishing his impertinence

suggesting him to invest all of his capital in holdings in Petropolis' Iron Road.



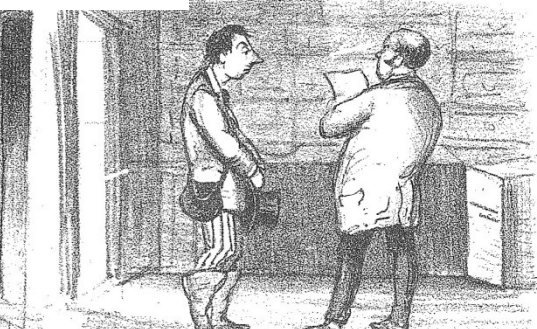
At this moment another gentleman interferes offering holdings from another bank... with four legs.



The man of the fallen ministeries, losing the target of his speech with the arrival of the new drone, starts a loud discussion, which soon goes physical. Nho-Quim uses the moment to slip away.



After several miles and questions, our provincial hero arrives at the house of Daddy's correspondent, to whom he brings a letter of recommendation... and orders.



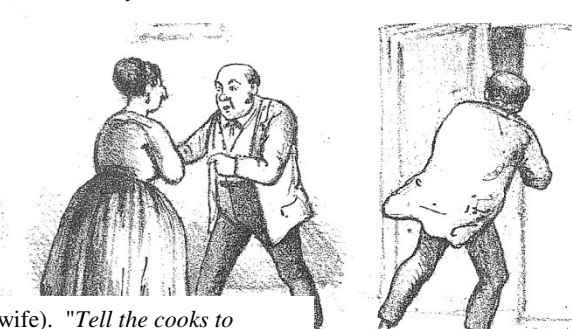
Mr. X.P.T.O, thinking he's before a simple mule driver, receives the letter with the gravity and seriousness of a Commissioner that only is respectful to those who have... 400 notes or more!...



Yet, it takes the three first lines and the signature for his face to start smiling. Comically affected, he exclaims: "In my arms... inside my heart... how happy I am!... My best friend's son" (LOW) (A client of 70 thousand pounds **weighed at its fullest**, and who doesn't owe **a penny**! Nho-Quim is struck dumb.



Mr. X.P.T.O, increasingly more affectionate, introduces our hero to his decent consort and darling daughter.



(To his wife). "Tell the cooks to prepare some nice desserts and a mineira cabbage dish. And the feijoad needs a lot of fat and thick sauce; tell them to pour some three pounds of bacon, and a full pig head..."

To his daughter "Listen, girl... put your black silk dress on... the sunday one... don't forget your new bun."

AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE

Capítulo VI



Enquanto a mulher e a filha se penteavam o Sr. X.P.T.O. esfregava as mãos de contente, formando certo projotzinho...



Que comunicou à mulher, logo que a viu, recomendando-lhe muito segredo. A mulher jurou não contá-lo a ninguém.



Porém, mal Sinhá acabou de pôr seu coque novo, a mamãe apressou-se em confiar-lhe o segredo de papai, acrescentando que estas coisas devem ficar em família.



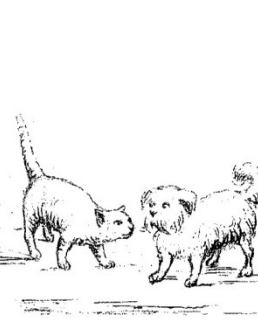
Sinhá, que sentiu umas cócegas no coraçozinho desabafou com tia Micaela, que é uma mucama muito calada.



A Micaela, que tem sua queda pelo Chico, revelou-lhe tudo e terminou dizendo: "Segredo! Olha que foi Sinhá moça que me contou, você não vai me comprometé!"



O Chico, que é levadinho da breca, foi logo pôr tudo no bico da mãe Joana, a qual desesperada por não ter a quem contar em casa, guarda-se para contar no dia seguinte ao Sôr Manel da Venda.



O miau-miau, que ouviu tudo, deu logo a entender o que havia ao totó de Sinhá, o qual sem se saber por que embirrou de veras com o negócio.



Nhô-Quim, que de nada desconfiava, ficara na sala, lembrando-se que a moça olhara para suas botas com ares de quem se ri, e encordou com a coisa.



Para passar o tempo, Nhô-Quim começou a apreciar uns quadros da história de Inês de Castro.



O totó de Sinhá que o procurara em toda a casa, apenas o viu, deu-lhe imediatamente provas de sua simpatia...



fazendo-lhe uma carícia muito ao vivo! Nhô-Quim que não estava habituado a recebê-las.... ali! Safou-se como pôde.



Procurou um refúgio, mas vendo que nem assim se livrava da sanha do diabo do totó,



pulou sobre a mesa, pondo tudo em estilhaços.



Foi tal o barulho, que atraiu a atenção de toda a respeitável família X.P.T.O., que ficou com um nó na garganta vendo tamanho estrago, apesar de Nhô-Quim jurar que paga toda a avaria.



Depois de impor como condição a retirada do terrível totó, Nhô-Quim pula da mesa nos braços do Sr. X.P.T.O.



Nhô-Quim vendo que as carícias que lhe fizera totó chamam todas as vistas para suas calças, foge da sala disfarçando como lhe é possível a intempestiva janela aberta no seu... pavimento térreo.



THE ADVENTURES OF NHÔ-QUIM, or IMPRESSIONS OF A TRAVEL TO THE COURT

Chapter VI



While his wife and daughter got ready, Mr. X.P.T.O rubbed his hands in excitement, plotting a certain project...



Which he told his wife, as soon as he saw her, advising her to keep secret. She swore not tell anyone.



But the young Miss had barely finished her bun and mummy hurried to trust her with daddy's secret, reminding her that these things should stay in the family.



The Miss, who felt her heart tickle, opened up with Aunt Michaela, a very silent slave.



Michaela, who has a crush on Frank, told him everything and finished saying: "Secret! It was Miss who told me, please don't go and put me in trouble!"



The wicked Frank soon put everything in Mammy Joan's mouth, who, desperate for not having anyone to gossip at home, keeps the secret to share with Mr. Manuel next morning in his shop.



Meow-Meow, who heard everything, soon went to explain what happened to the Miss' puppy, who got really angry with all that, but didn't know why.



Not suspecting anything, Nho-Quim waited in the living room and remembered how that girl looked at his boots with a smiley face and kept thinking about it.



To pass the time, Nho-Quim began to appreciate some paintings of Ines de Castro's history.



The Miss' puppy, who was looking for him in the entire house, gave him a sudden proof of his kindness...



with a very public kind of caress! Nho-Quim wasn't used to receive them... specially there! He got away as he could.



He looked for a safe place, but soon realised that nothing could scare the dog away,



and jumped on the table, breaking everything to pieces.



The noise caught the attention of everyone in the X.P.T.O family, who held their breath at the sight of that mess, even though Nho-Quim insisted he would pay for all the damage done.

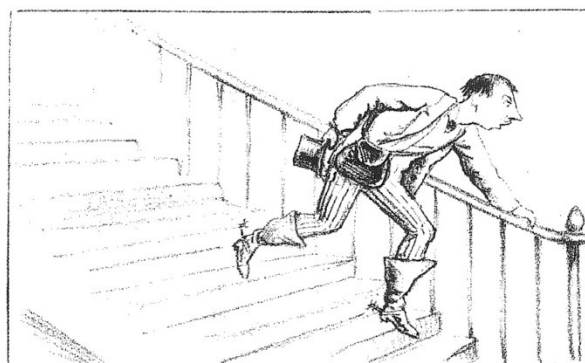


After demanding the terrible puppy be taken out of the room, Nho-Quim jumps from the table into Mr. X.P.T.O's arms.

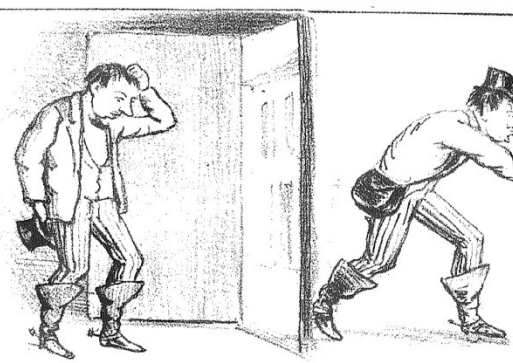
Nhô-Quim sees that the puppy's caresses had made everyone look at his pants, and runs from the room covering the most he can in his... ground floor.

AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE

Capítulo VII



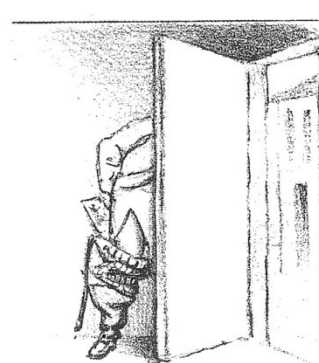
Nhô-Quim desce um pouco apressadamente as escadas da casa de Sr. X.P.T.O., envergonhado ainda da cena que se passara na sala.



Chegando, porém, à porta da rua, nosso herói que não deseja expor o seu... panorama às vistas do público, fica muito atrapalhado. Oh! maldito totó!



Um entregador de jornais entra nessa ocasião. Nhô-Quim, a quem surge uma ideia luminosa, precipita-se sobre o papel no qual ele se alviação



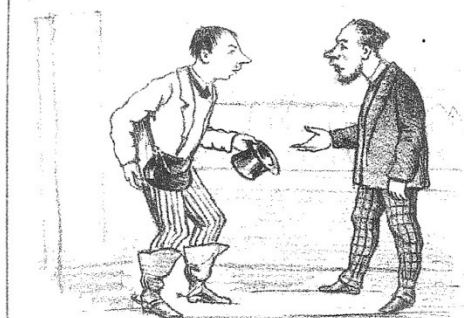
e esconde-se atrás da porta da rua, onde não se sabe o que ele vai fazer.



Sai muito contente e por causa das dúvidas, ou com algum receio do vento, nosso jovem segura as abas do paletó.



Passando pela Rua do Hospício vê uma loja de alfaiate e compreende que chegou a ocasião de sair do apuro em que o botara o atrevido totó.



Nhô-Quim entra e diz ao mestre alfaiate que precisa de um par de calças.



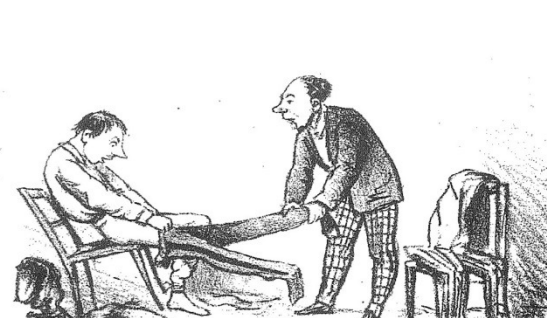
Mestre alfaiate de fita em mão se aprontara a tomar a medida, porém no momento de levantar o paletó... Oh! Horror! Que vejo, exclamou ele, o Dr. Semana e seu moleque!



Nhô-Quim virando-se contou-lhe sua desgraça. O alfaiate ouvindo que aquilo era devido às graças do totó de Sinhá, filha do Sr. X.P.T.O., riu-se como um perdido.



Mestre alfaiate resolveu Nhô-Quim a comprar um vestuário completo da moda depois de experimentado vários paletós



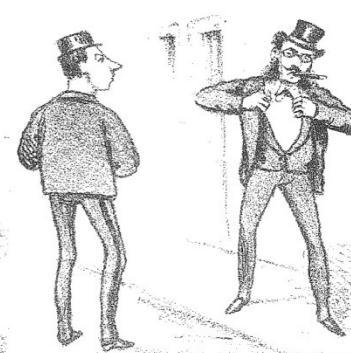
e várias calças que pela largura delas a muito custo pudera vestir.



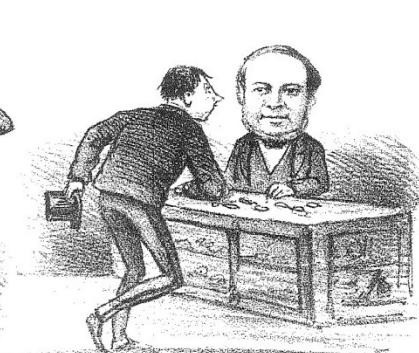
Nhô-Quim sai muito satisfeito da aquisição, porém, um pouco embaraçado com a roupa nova. Nota, porém, que não deve mais usar as botas.



O que o fez procurar uma casa de sapatos, de onde sai contemplando as botinas envernizadas que comprara.



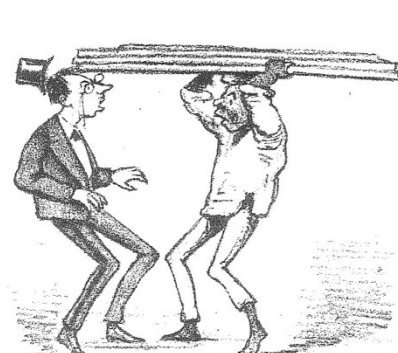
Nhô-Quim acredita-se um verdadeiro leão, porém, vendo um dândi que levava uma espécie de óculos com fita, julga ser isso de grande necessidade



e dirige-se à casa do Sr. JMDR que lhe disseram ter grande sortimento. Pede (não sabendo o nome) aquela coisa de vidro que se bota em cima do nariz dependurado por uma fita. O Sr. JMDR diz-lhe que aquilo chama-se *pince-nez*, que ninguém os tem tão bons como ele, e que sendo um homem muito industrial e útil ao país foi condecorado e admirado por suas obras até no estrangeiro, e mereceu os louvores dos Srs. Vilhena e Capanema.



Nhô-Quim ficou embaraçado com o discurso do dândi, mas não se deu ao trabalho de possuir sobre o nariz o produto de um homem útil ao país e admirado no estrangeiro.



Indo passear ao Rocio Nhô-Quim esbarra com umas tábuas que carregava um negro de ganho.



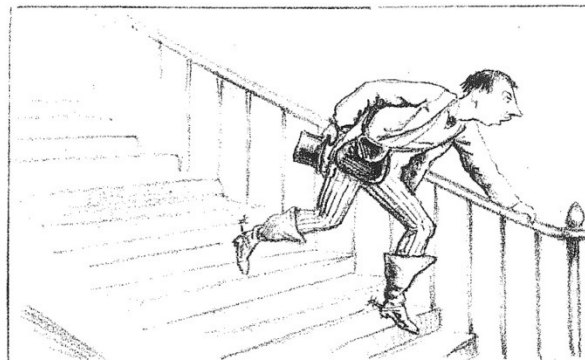
Reconhecendo que o desagradável choque que sentira era devido ao tal *pince-nez* com o qual vê menos do que com os seus próprios olhos, sua vontade é esmagá-lo, porém, lembrando-se que é o produto de um homem útil ao país e que é moda,



entra num hotel para jantar por se sentir morto de fome.

THE ADVENTURES OF NHO-QUIM, or IMPRESSIONS OF A TRAVEL TO THE COURT

Chapter VII



Nho-Quim hurries down the stairs in Mr. X.P.T.O.'s house, still embarrassed from the scene in the living room.



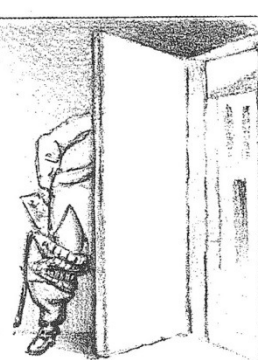
When our hero gets to the door, though, he's unwilling to show his... outlook to be seen by everyone, and fumbles trying to hide. Oh! Damn that dog!



A paper boy suddenly appears. A bright idea comes to Nho-Quim, and he hurries to the paper, in which he sees his rescue,



and hides behind the street door, where we can't see what he's going to do.



He goes out satisfied but his insecurities about the wind make him hold the ends of his suit.



Walking through the Asylum Street, he sees a tailor shop; it's time to get out of the mess in which that nasty dog put him.



Nho-Quim comes in and tells the Master Tailor that he needs a pair of new pants.



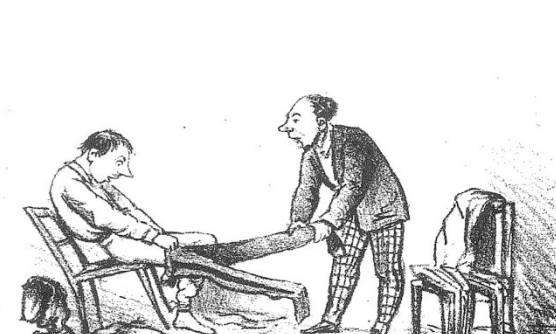
With a ribbon in his hands, the Master Tailor prepared to take measures, but when he raises the suit... "Oh, the horror! What do I see?" he cried, "Dr. Week and his boy!"



Nho-Quim turned and told him his mishappenings. The Tailor, knowing that was all because of the puppy of Mr. X.P.T.O.'s daughter, laughed like a lunatic.



Nho-Quim then decided to buy the complete fashion attire after trying several suits



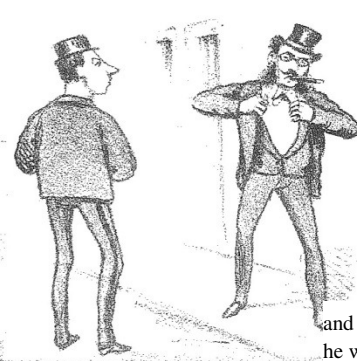
and pants, which, because of their length, could be put on after a lot of effort.



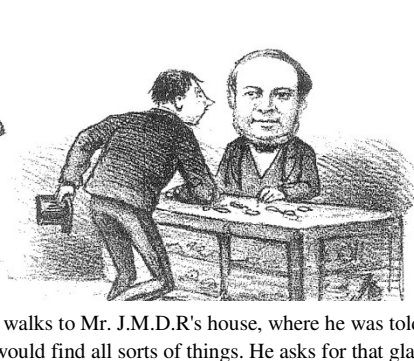
Nho-Quim, although satisfied with his acquisition, is a little embarrassed with his new clothes. However, he notices he should no longer use those boots.



Which makes him look for a shoe shop, from where he steps out contemplating the shiny boots he's just bought.



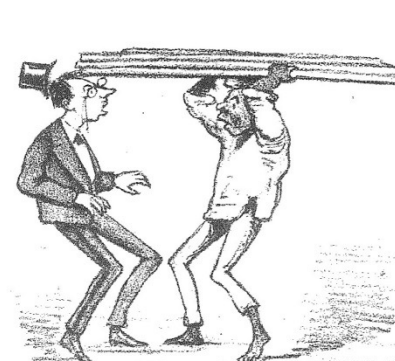
Nho-Quim feels like a lion, but when he sees a dandy walking with some kind of glasses with a ribbon, he finds it to be of great necessity,



and walks to Mr. J.M.D.R.'s house, where he was told he would find all sorts of things. He asks for that glass thing (he doesn't know the name) hanging from a ribbon that you put on your nose. Mr. J.M.D.R. says that thing is called *pince-nez*, and that his are better than everyone else's; he also says that he is such an industrial and useful man that he was condecorated and admired abroad for his works, which received praises from Messrs Vilhena and Capanema.



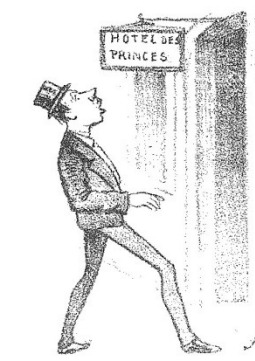
Nho-Quim is speechless with that great industrial man's speech, but also very pleased for carrying on his nose the product of a man so useful to the country and admired abroad.



Walking in the Rocio, Nho-Quim bumps with some planks carried by a hire slave.



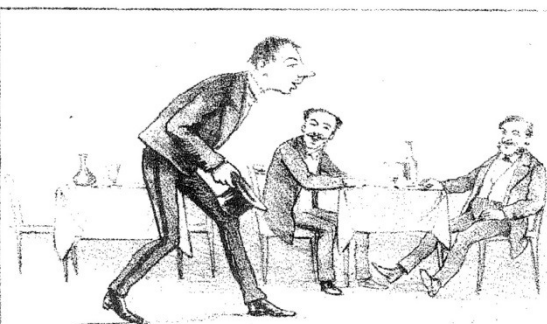
Realising that unpleasant shock was possibly due to that *pince-nez* with which he sees less than with his own eyes, he wishes to crush it to pieces, but he then remembers it is a product of a man useful to his country and is in fashion, so



he enters a hotel for dinner, because he is starving.

AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMPRESSIONES DE UMA VIAGEM À CORTE

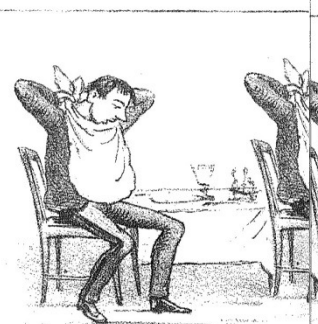
Capítulo VIII



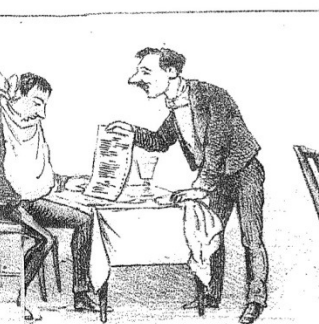
Nhô-Quim entra na sala do Hotel e cumprimenta os circunstantes



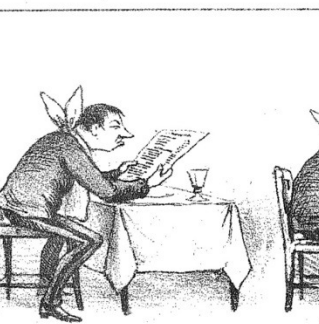
e dá a entender ao garçom que se apresenta, que quer jantar.



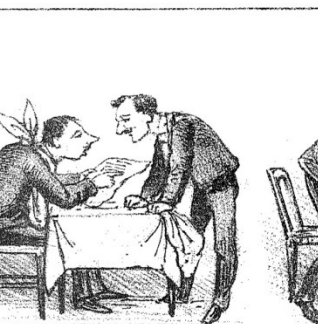
Senta-se e toma as cautelas precisas para não sujar a roupa nova.



O garçom faz pasmar Nhô-Quim mostrando-lhe a lista do jantar, cousa nova para ele.



— Em que diabo de língua esta gente come! Não compreendo nem pitada!



Nhô-Quim que não quer dar a conhecer que não entende, com medo de ser enganado diz ao garçom: — Dê-me esta coisa daqui do princípio.



Nhô-Quim vê com prazer chegar a sopa e fica orgulhoso por ter acertado com o que queria.



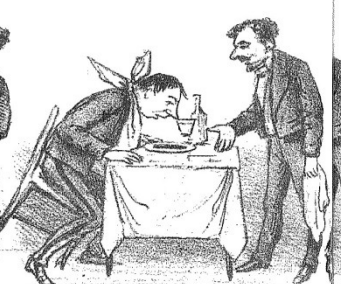
Devorada a sopa, Nhô-Quim julga que o que se segue na lista deve ser o cozido e aponta a segunda linha o que muito admira o garçom



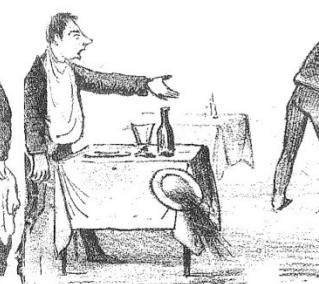
Porém muito mais admirado fica Nhô-Quim com o segundo tomo da sopa. Não teve remédio senão comê-la para mostrar que não se enganara.



Nhô-Quim que apontara para a terceira linha, perde as estribeiras vendo o garçom trazer a terceira sopa. Atira com a lista e brada: — Acham que tenho cara de papa-sopa! Traga feijão, ouviu muniú? Feijão!!!



O garçom cumpriu a ordem, porém Nhô-Quim apenas deitou os olhos no prato, exclamou: — O que é isto? Quatro grãos de feijão nadando num prato de água suja?! Sem cabeça de porco, nem entrecosto, nem lombo, nem toucinho ao menos!!!



Nhô-Quim atira com o prato no chão e berra: — Dê-me coisa que se coma, muniú! Estou com fome!!!



O garçom saiu gritando: "Un boeuf à la mode pour un!!!"



Nhô-Quim, temendo que viesse outra sopa, pergunta a um vizinho o que significa o grito que deu o muniú. O vizinho, que é complacente, responde: — Um boi à moda para um. — Um boi! À moda!? Exclama Nhô-Quim, um boi de colarinho e pince-nez.



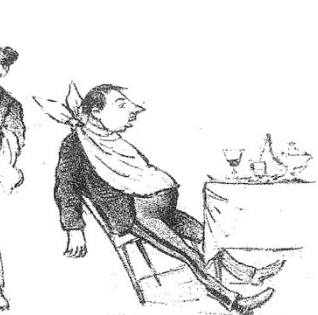
para eu comer. É... o muniú decerto está caçoando comigo. Pois que venha com um boi que encontra um homem!



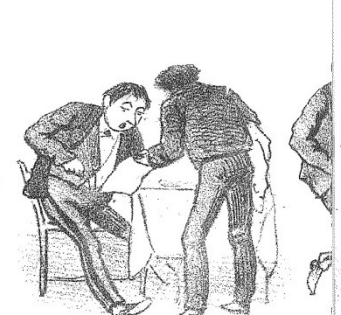
Chega o garçom. Nhô-Quim pergunta onde está o boi: — Ei-lo. — Pois isto é que é um boi?!... Onde estão os chifres?...



Olha, seu muniú, isto não chega nem para cova de um dente! Traga-me então mais 8 bois!!!



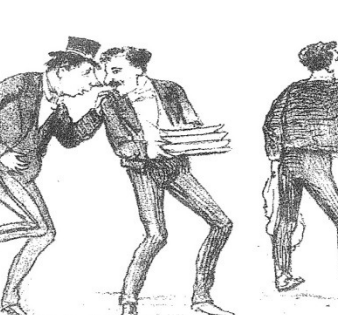
Nhô-Quim que comera proporcionalmente seis ou sete coisas diferentes ficou empanturrado



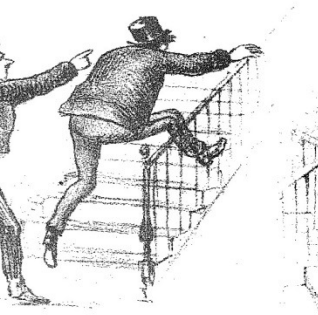
e pede a conta que acha uma tremendíssima ladroeira. Nhô-Quim pelo que paga, crê piamente que comeu 8 bois, 8 carneiros, 8 porcos, 8 perus, etc. etc



Nhô-Quim levanta e acha que comprou as calças muito apertadas na barriga,



e não sabe por que começa a sentir de repente certa dorzinha que o obriga a dizer duas palavras, bem baixinho ao garçom,



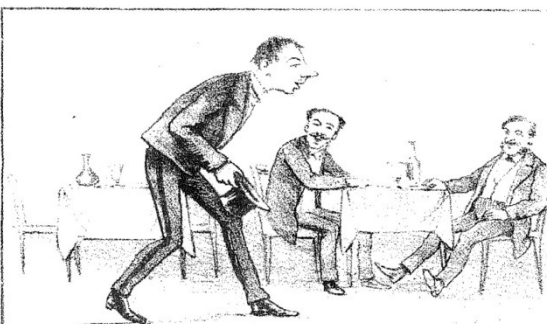
o qual lhe diz que é no segundo andar, à direita, indo pelo corredor esquerdo, há uma escadinha que vai ter a uma porta estreita... é aí.



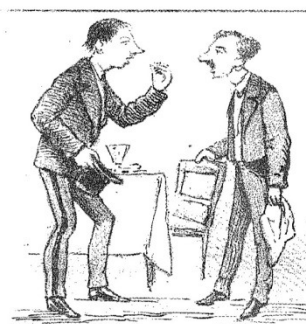
Nhô-Quim, não subira, voara pelas escadas acima e entra por engano... Onde? No quarto de M^{te}. X que, por felicidade, estava representando no Alcazar.

THE ADVENTURES OF NHO-QUIM, or IMPRESSIONS OF A TRAVEL TO THE COURT

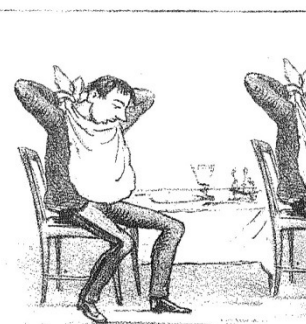
Chapter VIII



Nho-Quim enters the Hotel room greeting all those present.



and tells the waiter that he wants to have dinner.



He sits cautiously not to mess his new clothes up.



The waiter scares Nho-Quim by showing him the dinner list, something new for him.



"In what hell of language do these people eat! I can't understand a damn thing!"



Aware that he might be fooled, Nho-Quim doesn't want people to know that he can't understand the language, and tells the waiter: *"Give me this at the beginning."*



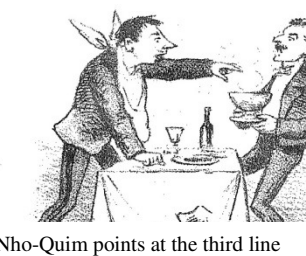
Nho-Quim is pleased to see a soup coming and is proud for the right guess.



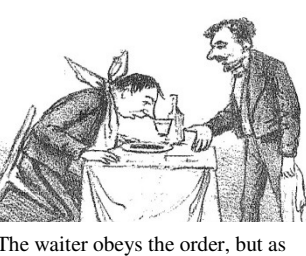
Finished the soup, Nho-Quim assumes that what follows on the list must be a stew and asks for it, for the waiter's wonder.



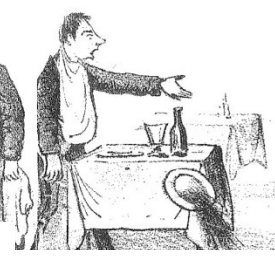
Nho-Quim, though, is even more impressed to see a second bowl of soup coming. He was left with no other choice but eating it, just to show that he was not mistaken.



Nho-Quim points at the third line of the list, but loses his temper when he sees the waiter bringing a third bowl of soup. He throws the list away and shouts: *"Do I look like a soup-eater! Bring me some beans, you hear me? Beans!!!"*



The waiter obeys the order, but as soon as Nho-Quim laid eyes on the plate, he exclaimed: *"What's this? Four beans swimming in a plate of dirty water?! No pig head, no ribs, no loins, not even bacon!!!"*



The waiter arrives. Nho-Quim asks where is the cow: *"Here it is." "So that is a cow?!... Where are the corns?..."*



The waiter left shouting: *"Un bouef a la mode pour un!!!"*



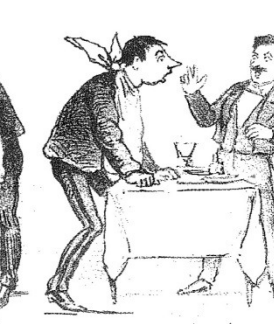
Nho-Quim, afraid that another soup might come, asks the customer next to him what that shout means. His neighbour answers complacently: *"A cow a la mode for one." "A cow! A la mode?"* Nho-Quim exclaims, *"a cow in white collar and pince-nez*



for me to eat." Yeah... that sir sure is playing with me. So let him bring a cow and he'll find a man!"



The waiter arrives. Nho-Quim asks where is the cow: *"Here it is." "So that is a cow?!... Where are the corns?..."*



Listen, sir, that is not enough to even fill the gap between my teeth! Bring me 8 more cows!!!"



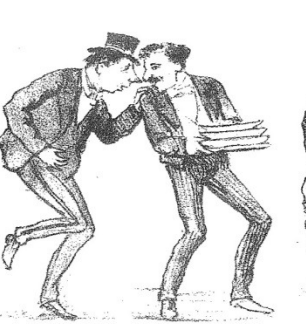
Nho-Quim stuffed himself after eating proportionally six or seven different things



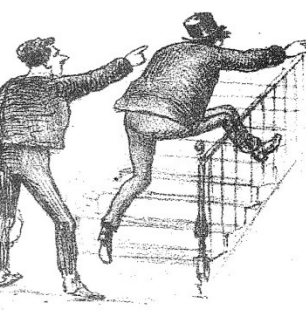
and asks for the bill, which he finds a great injustice. For what he pays, Nho-Quim seriously believes he actually ate 8 cows, 8 lambs, 8 pigs, 8 turkeys, etc.



Nho-Quim stands up, and thinks his pants are actually too tight at the stomach,



and, not knowing why, he begins to feel a little strange



which forces him to say two very low words to the waiter,

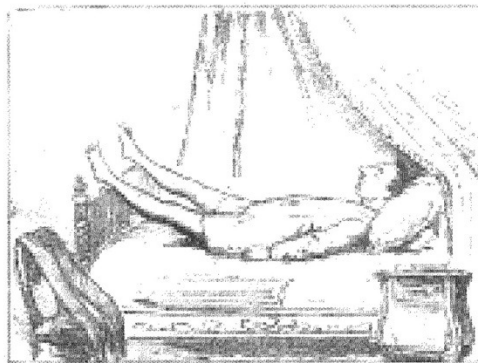


who says that he should go to the second floor, turn right, head through the aisle to the left, where he'll find a narrow door... it's there.

Nho-Quim flew up the stairs and enters, by mistake... Where? In Mlle. X's room, whose resident fortunately had business in Alcazar.

AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMPRESSIONES DE UMA VIAGEM À CORTE

Capítulo IX



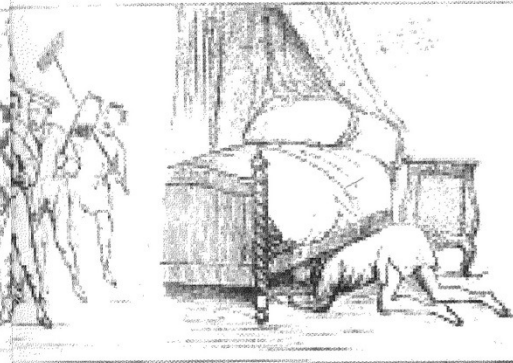
Nhô-Quim não só achou o que procurava, mas também encontrou o que não esperava, isto é, uma boa cama, onde depois de despir-se, não tardou a ferrar no sono.



À meia-noite ouviu-se um grito horrível, que pôs em sobresalto todo o hotel. Era M^{le}, que, ao recolher-se ao seu quarto, ficara asfixiada... pelo terror, sentindo... uma impressão tão forte, que quase a lançara desmaiada no chão.

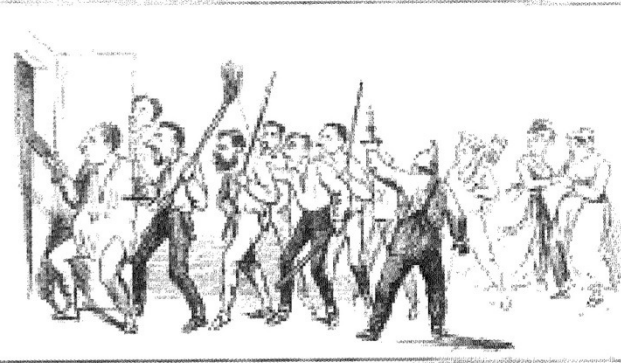


Aos hóspedes que acudiram disse M^{le}... cheia de indignação, que no seu quarto, e em cima da cama havia um homem... desconhecido.

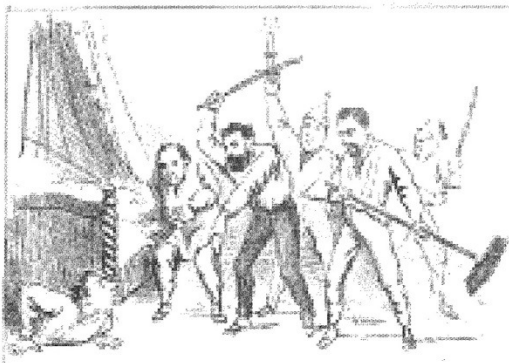


-Isto aqui cheira-me a... cadroeira! É um ladrão que se introduziu no seu quarto, madame. (observou fungando um judicioso circunstante).

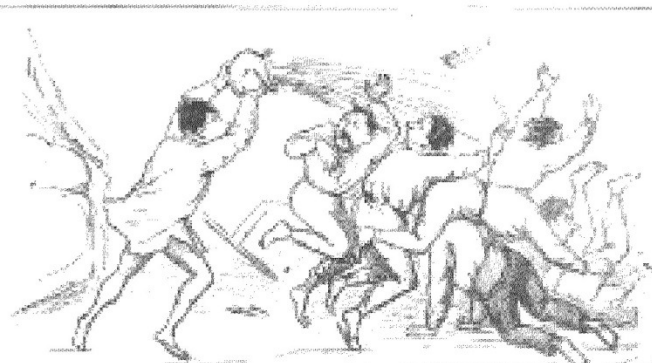
Nhô-Quim acordou com o barulho e, desconfiando que o negócio era com ele, procurou pôr-se no quartel da segurança.



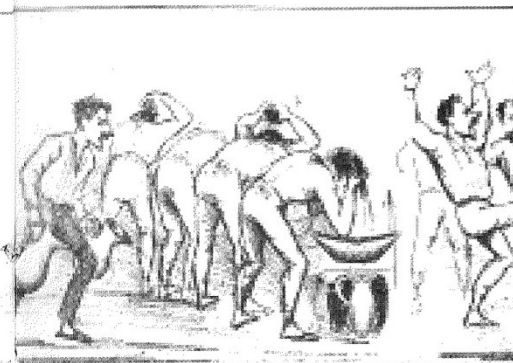
Reunidas mais de 30 pessoas, entre hóspedes, criados, cozinheiros, julgou-se por unanimidade que, entrando todos ao mesmo tempo e estando bem-armados, ninguém corria muito perigo, pelo que abriu-se a porta e 30 vozes bradaram: - Saia, ladrão!



Depois de esgravataram todos os recantos com a precisa cautela, vendo-se descoberto, Nhô-Quim não teve remédio senão sair do seu esconderijo.



Mas tão desesperado estava, que, empunhando a única arma que achou ao seu alcance, Nhô-Quim investiu contra seus desapiedados perseguidores,



os quais viram-se obrigados a ir logo curar com muita água e sabão as inúmeras feridas que receberam.

Mas como este mundo é de compensações, os perseguidores tiveram o gostinho de arrecadar a fatiota de Nhô-Quim para impossibilitar-lhe a fuga, até que chegasse o Sr. Inspetor de quarteirão, que se foi chamar a toda pressa.



Nhô-Quim subia a serra com a subtração da sua roupa, o que o punha à fresca, quando ele tanto desejava pôr-se ao fresco!



Chegou o Sr. Inspetor. Estava salva a pátria! M^{le} contou-lhe o negócio. O Sr. Inspetor, que pretende ser um finório, asseverou que o cujo, além de ladrão, devia por força ser um grande assassino e, por causa das dúvidas, além dos quatro urbanos que trazia consigo, mandou buscar mais seis.



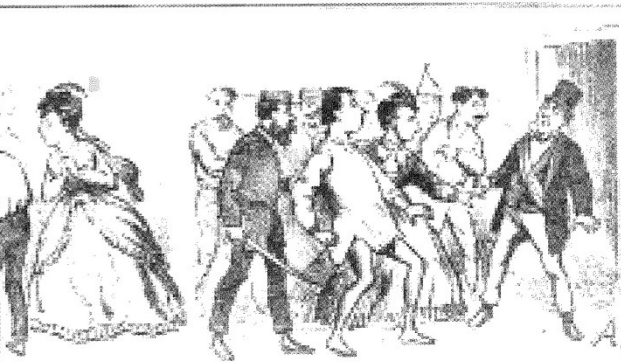
Nhô-Quim, que viu tudo pelo buraco da fechadura, sentiu profundamente que se tivesse esgotado... seu único meio de defesa, pelo que tratou, pela segunda vez, de esconder-se.

Chegou o desejado reforço. O Sr. Inspetor, depois de arrombada a porta, adiantou-se um passo, e impávido bradou: "Em nome da lei, o intimo a que se renda sem resistência! Quando não eu apito e vem mais gente em meu auxílio. (Voltando-se para os urbanos). Vocês não saíam de ao pé de mim!"



Nhô-Quim não obedecendo à voz da autoridade, foi reciso dar uma busca em regra, até dentro das gavetas. Infim deram com ele. Então o Sr. Inspetor perguntou com arrogância:

-Que faz o senhor dentro desse guarda-roupa?
-Estou... passeando, sim, senhor!

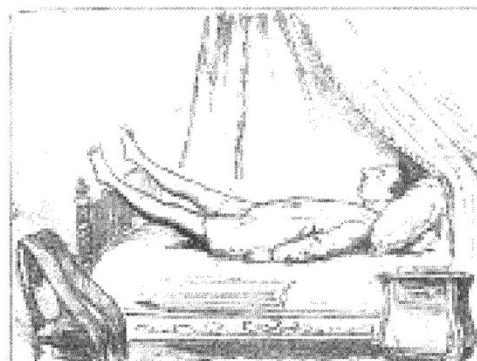


A roupa de Nhô-Quim é entregue à autoridade que, incontinenti, passou a revista do estilo e deparou com uma carteira bem recheada, a qual se conheceu pelos papéis que continha, que era do próprio Nhô-Quim. À vista da carteira, M^{le}... sentiu-se comovida e exclamou: Bizarre!!!

M^{le}... disse consigo: "Pois hei de deixar levar para a cadeia um homem que tem tanto dinheiro" (e abraçando Nhô-Quim exclamou.) "Monsieur l'inspecteur, largue o homem, é um perfeito cavalheiro; conheço-o muito... é inocente!"
Estupefação geral! Tableau!

THE ADVENTURES OF NHÔ-QUIM, or IMPRESSIONS OF A TRAVEL TO THE COURT

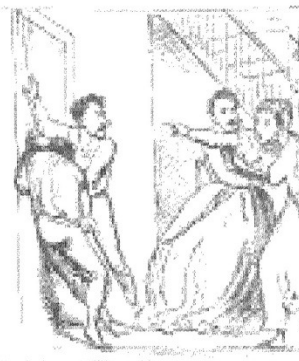
Chapter IX



Nho-Quim not only found what he was looking for, but also found what he didn't expected, that is, a good bed, where he didn't wait to fall fast asleep after taking off his clothes.



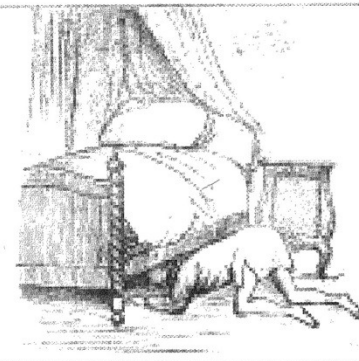
At midnight, a dreadful scream woke the entire hotel up. It was Mlle. X, who, after retreating to her room, was breathless... by the horror... a feeling so strong that almost made her fall to the ground.



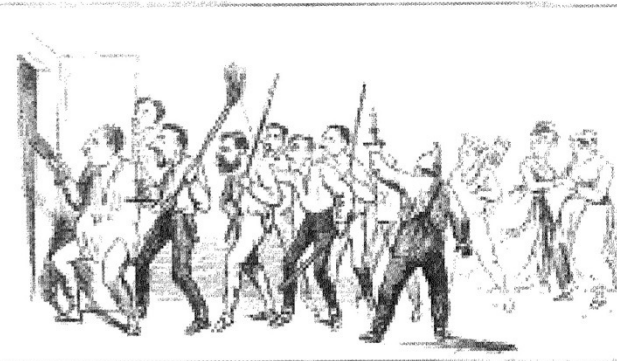
Outraged, Mlle. X told the guests assisting her that in her bedroom and on her bed laid a man... she didn't know.



"This smells like a... a thief! It's a thief who got into your room, Madam." (a judicious guest noted, sniffing)



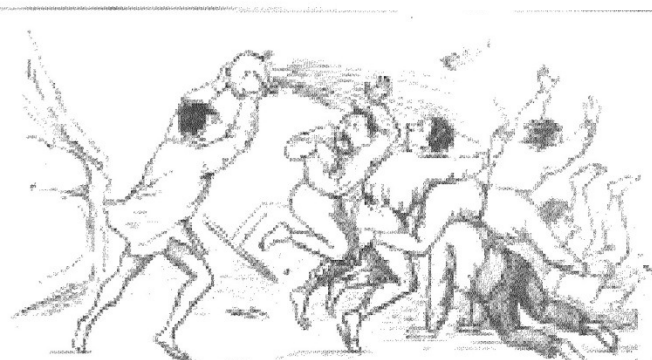
Nho-Quim awoke with the noise and, suspecting it concerned him, hurried to hide and make himself scarce.



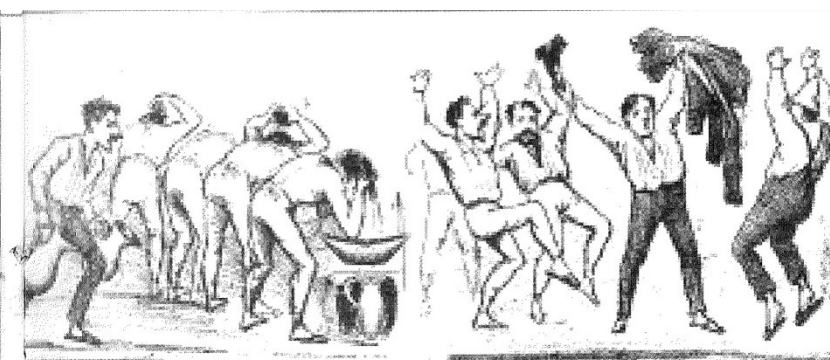
More than 30 people, among which were hotel guests, servants and cooks, gathered and decided unanimously that if they all enter the room armed at the same time, there wouldn't be any danger, so they opened the door to the shouting of 30 voices: "Step out, thief!"



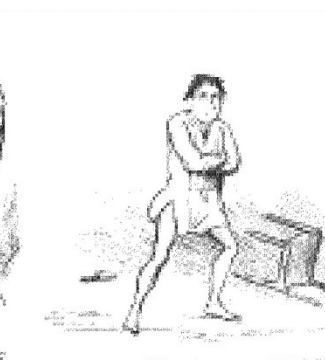
After they hunted in every corner of the room with precise care, Nho-Quim found no other way but to come out of his hiding place.



But he was so desperate that, wielding the only weapon he could find, Nho-Quim confronted his merciless persecutors,



who were forced to hurry and heal their countless bruises with lots of water and soap.

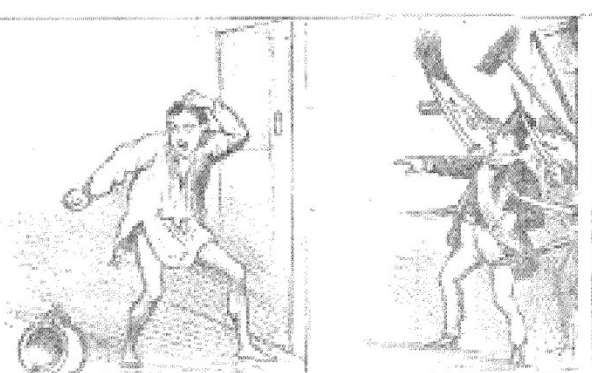


But this is a world of compensations, and the persecutors had the pleasure of grabbing Nho-Quim's garment, preventing him from running away until the arrival of the Block's Inspector, who was called in a hurry.

This got a rise out of Nho-Quim, who had his clothes taken off him, when his heart's desire was simply to take off!

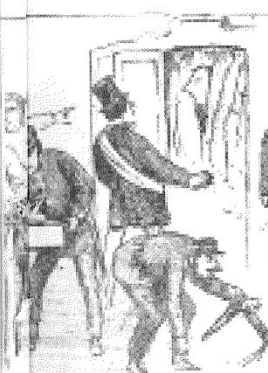


The Inspector arrives to save the day. Mlle. X told him everything. The Inspector, attempting to be a wheeler-dealer, declared that the thief could also be a potential great murderer and, to make sure, called for six more coppers, in addition to the four he had brought along.



Nho-Quim saw everything through the keyhole and felt that he ran out of his only way of defence... forcing him to hide for the second time.

The back-up arrives. After bringing down the door, the Inspector gave one step and shouted bravely: "In the name of Law, surrender without resistance! If not, I'll whistle and more people will come to help me. (to the coppers) You lot don't get away from me!"



As Nho-Quim didn't obey the order, the coppers made a thorough search in all the room, including the drawers. He was finally found. The Inspector asked with arrogance: "What do you do inside this wardrobe?" "I'm... walking around sir!"



Nho-Quim's clothes were passed to the authority who, incontinently, searched in the pockets and found a fat wallet. The papers inside indicated that it was Nho-Quim's. At the sight of the wallet, Mlle. X felt touched and exclaimed: "Bizarre!!!"

Mlle. said to herself: "I will not let this wealthy man be taken to prison" (hugging Nho-Quim, she exclaims) "Monsieur l'inspecteur, let this man go, he's a perfect gentleman; I know him very much... he's innocent!" Total amazement! Tableau!

AS AVENTURAS DE "NHÔ-QUIM", OU IMPRESSÕES DE UMA VIAGEM À CORTE

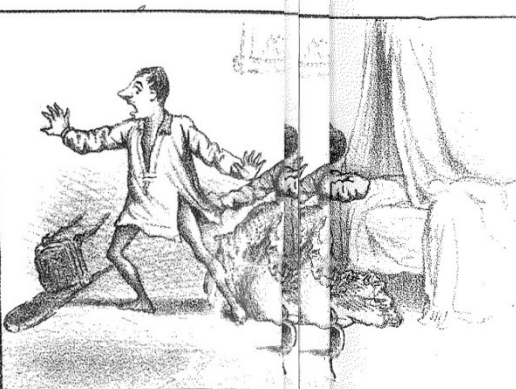
Capítulo X



Serenada a celeuma no Hotel dos Príncipes e estando Nhô-Quim sob a proteção de M^{lle}. X, voltou o Inspetor e entregou a carteira ao nosso herói.



A sós com ele logo M^{lle}. X inebriada pelo doce aroma da carteira começou a patentear-lhe seu... amor.



Nhô-Quim que não estava habituado a estas coisas ficou todo envergonhado. Nem era para menos.



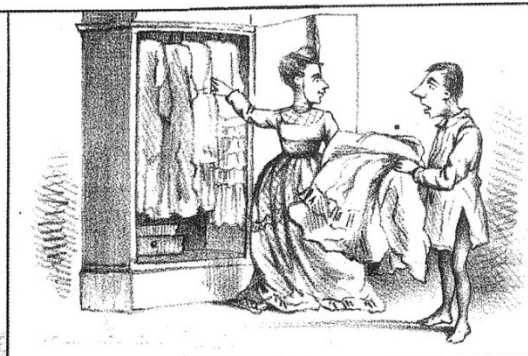
Protestou, tapou os olhos com a fralda da camisa, chorou... e por fim procurou sair mais depressa do que tinha entrado.



Mas a porta estava fechada... e a fechadura tão enferrujada...



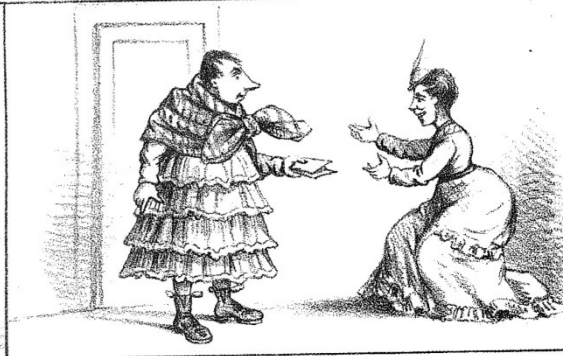
M^{lle}. X, pode alcançá-lo ainda... mas nem desta vez... conseguiu... convencê-lo.



Vendo perdida sua lógica, M^{lle}. X resolveu-se a deixá-lo partir emprestando-lhe alguns trajes femininos.



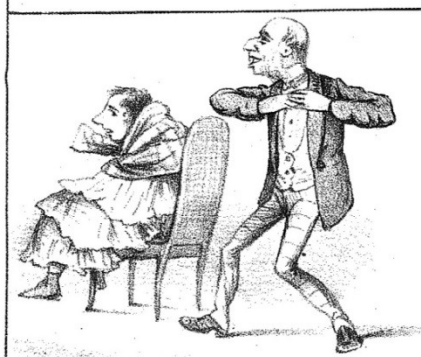
Nhô-Quim vestiu-se e começou a pensar... como retribuiria a delicadíssima fineza de M^{lle}. X.



Depois de pensar meia hora achou que o melhor era dar-lhe 50\$000 réis, e entregou uma nota de cem, pedindo o troco.



Enquanto M^{lle}. X foi trocar o dinheiro surgiu na porta Mister Fux,



inglês, ex-amante arrufado de M^{lle}. X, que vinha de Santos para fazer as pazes. Nhô-Quim enfiou!!



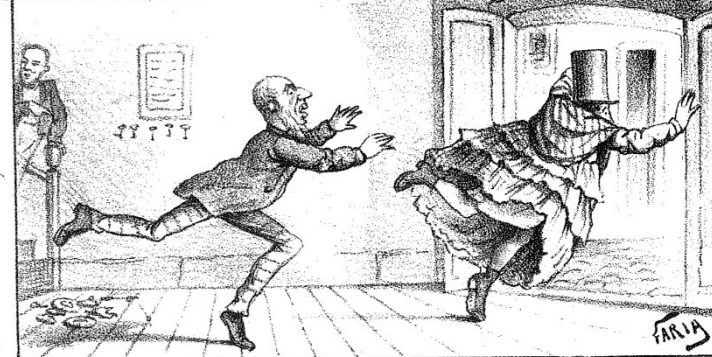
O inglês, enganado pelo vestido e xale, exclamou: — Oh, meu filhinha! e zás... pregou-lhe um beijo na face.



Nhô-Quim, insultado, furioso... levantou-se e zás... pregou-lhe dois murros nos queixos.



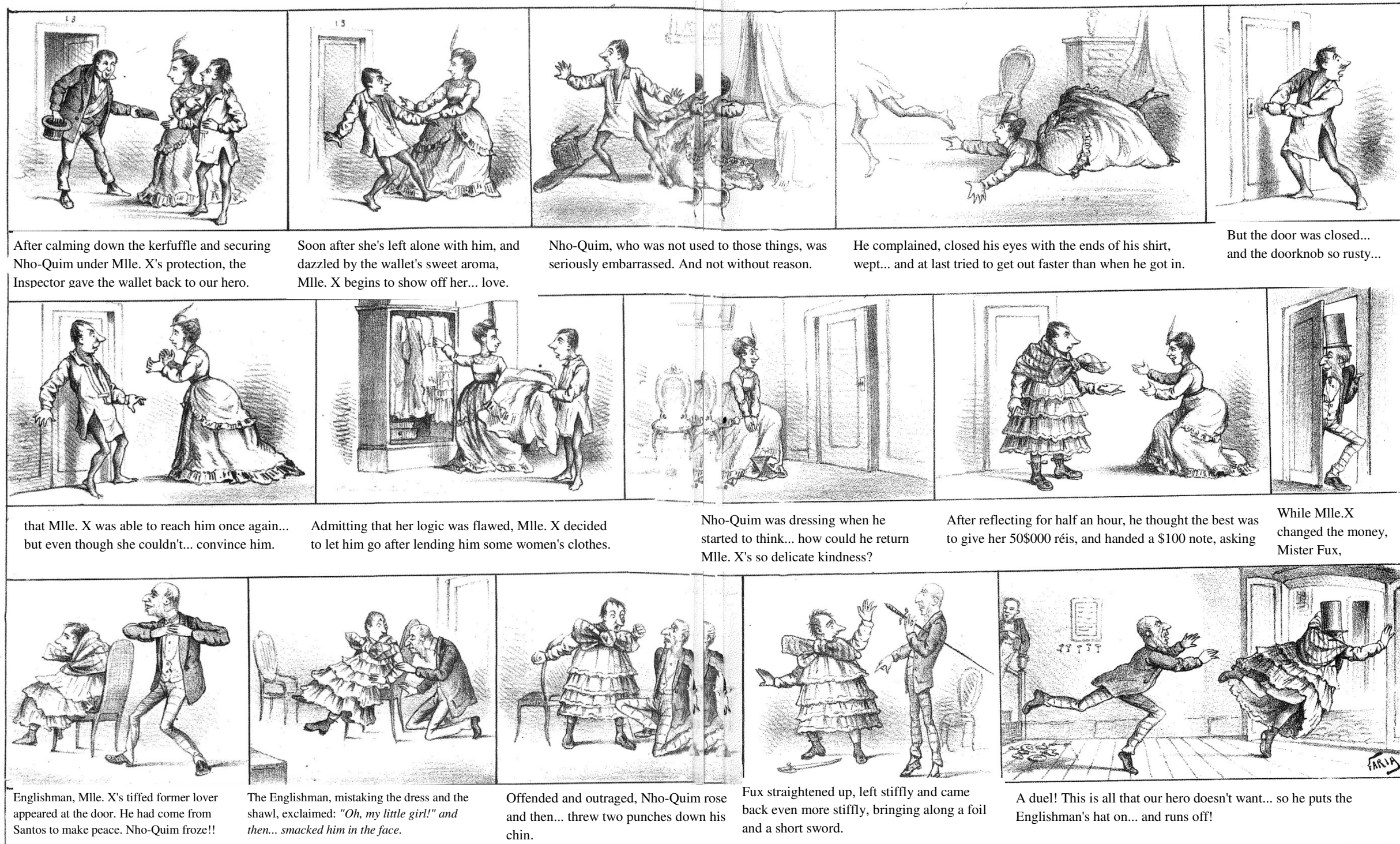
Fux perfilou-se, saiu muito teso, entrou ainda mais teso, trazendo um florete e uma espada curtinha.



Um duelo! Lá disto é que o nosso herói não quer saber... portanto põe na cabeça o chapéu do inglês... e safa-se!

THE ADVENTURES OF NHO-QUIM, or IMPRESSIONS OF A TRAVEL TO THE COURT

Chapter X



AS AVENTURAS DO ZÉ CAIPORA

Capítulo XLV



Vendo que nem Inaiá nem Cham-Kam respondiam ao seu chamado afito, Zé Caipora assustou-se deveras. Tratou de se vestir como pôde, pegou na espingarda e saiu a procurá-los.



Andou muito tempo pelo mato, chamando em vão pelos companheiros. Nada! Imaginou então que o melhor seria dar um tiro, mas verificou que se esquecera dos cartuchos... Que fatalidade!



Quis voltar para a entrada da gruta: a noite, porém, aproximara-se. Era quase impossível e perigoso afrontar o mato.



Desistindo dessa idéia, trepou a uma árvore, a fim de se colocar em segurança. Doíam-lhe muito os ferimentos.

— Ora, bolas! Exatamente quando iam sair do mato é que aconteceu tudo isto! Sou mesmo muito caipora! Exclamou desapontado.



De repente ouviu uma voz que dizia: — Inaiá! Inaiá!
Zé quis gritar também para se dar a conhecer, mas por mais esforços que fizesse, sentiu que perdera a voz.
— Bonito! — pensou de si para si — apanhei uma tremenda constipação. Estou frito!



Procurou mover as pernas. Que dores horríveis! Com o esforço que fizera as feridas abriram-se... Zé Caipora desanimou. Nem dar tiros, nem falar, nem mover-se! Era demais!
O pobre rapaz desesperou.

THE ADVENTURES OF ZE CAIPORA

Chapter XLV



After realising that neither Inaia nor Cham-Kam had answered his call for help, Zé Caipora started to panic. He dressed as he could, grabbed his rifle and went out looking for them.



He walked in the woods for a long time, calling for his friends in vain. Nothing! He then thought it would be best to shoot the air, but he realised he hadn't brought ammunition...What a fate!



He wanted to return to the cave; the night, though, had come. It was impossible and dangerous to be out in the woods.



He gave up that idea, and climbed a tree looking for safety. He hurt everywhere. "Goddammit! Just when we were about to leave the woods this all happened! I'm really out of luck!" He exclaimed, disappointed.



Then he heard a voice shouting:
"Inaia! Inaia!"
Ze attempted to scream too, but as hard as he tried, it seemed his voice was also lost.
"Very nice!", he said to himself, "I've put myself in great trouble. I'm doomed!"



He tried to move his legs. What a terrible pain! His efforts opened up some of his wounds... Zé Caipora simply gave up. Shooting the air, shouting, even moving! It was all too much! The poor guy was in despair.

O que era feito do Zé



Voltemos a Inaiá que acabara de contar como havia caído no precipício.

– Mas você está contusa e ferida...

– Sim, é verdade, porém na ocasião da queda nada senti. Depois de algum tempo ouvi que me chamavam. Compreendi: era Cham-Kam; avistei-o em cima no rochedo, mas... desfaleci. Só dei acôrdo de mim à voz de Alberto, chamando-me pelo meu nome de batismo – Cecília!

Acabada a narração de Inaiá e estando todos muito fatigados, resolveram acomodar-se e dormir até o dia seguinte.



Passou-se algum tempo, quando um dos camaradas, ouvindo ruídos estranhos, levantou-se atento e pronto para o que desse e viesse.



Acordou o companheiro:

– Não estás ouvindo? Temos novidade!

– Ouço realmente uma coisa fora do comum... Que diabo será isso?

O que era feito do Zé



Back to Inaia, who had just told how she had fell down the cliff.

"But... you're hurt and confused..."

"Yes, it's true, but on the occasion of the fall I felt nothing. After some time I heard someone calling me. I understood: it was Cham-Kam; I saw him up on the edge of the cliff, but... I just fainted. I only returned to conscience with Alberto's voice, calling me by my birth name - Cecilia!"

Because Inaia's narrative had come to the end, and because everyone was very tired, they decided to lie down and sleep until the next day.



Some time had passed when one of the comrades, hearing some strange noises, stood up with attention and ready for whatever could happen.



He woke his partner:

"Can't you listen? There's something here!"

"Yes, I can hear something strange... What the hell could that be?"

As Aventuras de “Nhô-Quim”, ou Impressões de uma Viagem à Corte

Capítulo I

Nhô-Quim decide-se a deixar os lares paternos. Cobrem-no de beijos, abraços, conselhos e bênçãos!

Montado no cavalinho ruço diz o nosso herói o último adeus!

Leva três dias completos a galgar morros, na companhia do seu fiel Benedito.

Avista, afinal, a desejada estação. Nhô-Quim fica absorto.

E o cavalinho ruço muito admirado!

Pelo sim e pelo não o nosso homem benze-se três vezes antes de entrar no [...]

E por causa das dúvidas, vai cumprimentando com delicadeza[...]

e oferecendo um pedaço de queijo de Minas, que traz bem guardadinho na bota, e que pelo aroma parece queijo suíço.

Nhô-Quim observa que a viagem em vagão não é PIOR; e que o vapor anda mais ligeiro que o seu cavalinho ruço.

tão ligeiro, que o vento...!!!

Nhô-Quim grita ao maquinista: *Munsiú, espere! Puxe a rédea da máquina... Lá se vai meu chapéu!...*

Vendo que o trem continua, Nhô-Quim fica zangado e quer precipitar-se pela portinhola...

Nhô-Quim explica que o chapéu foi dado por Papai e a fita por Sinhá rosa no dia de seus anos. Mas a conversa é interrompida pela

ENTRADA NO TÚNEL GRANDE. No 1º minuto Nhô-Quim fica embatucado; no 2º acha que o negócio vai-se complicando; no 3º pensa que não verá mais o sol; no 4º suspeita que Sinhá Rosa casará com seu rival Manduca; no 5º, fica furioso; no 6º, pensa que o enterram vivo; no 7º, que o Diabo o carregou.

Nhô-Quim ao sair do túnel!

Rende graça à Providência pela sua salvação!...

Chega a Belém... *Safa! Que café...*

Nhô-Quim paga e pede o troco.

Espere! Já vou indo!... Estou esperando o troco!

Lá se vai o trem!... Puxe a rédea, Munsiú!... Olha que sou eu!... Puxe a rédea!... Pare um pouco!...

Capítulo II

Nhô-Quim, que não pôde apanhar o trem, e vendo-se separado do seu pajem Benedito, fica tão zangado, mas tão zangado...

que dá uma tremenda sova ao causador da sua desgraça.

Depois de passear na estação durante três horas seguidas,

lembra-se que tem cigarros

e põe-se a pitar. Nesta posição fica até o dia seguinte.

Nhô-Quim, que ouve de repente assobiar, precipita-se, e vendo chegar o tão desejado trem

fica cheio de alegria e contente

que desta vez não lhe vem a ideia de se benzer ao entrar no vagão.

Nhô-Quim chega à estação do Campo de Santa Ana sem outra novidade a não ser a de ficar muito admirado diante do edifício.

Pergunta a todos os empregados onde esta seu pajem.

Porém, não obtendo uma resposta satisfatória, fica muito atrapalhado.

Nhô-Quim pergunta se aquele carro partido ao meio é para carregar gente. Dizem-lhe que aquilo é um tílbur.

Tendo-o chamado, nosso herói engana-se na porta.

O cocheiro, que julga que o freguês é doido, sai com tanta precipitação, que

o cavalo, espantado, dispara pelo meio do Campo de Santa Ana

aonde atira com algumas lavadeiras de pernas ao ar.

Na Rua do Conde o negócio tornou-se mais sério. Tílbur, gondoleiro, cavalo, burros e passageiros e Nhô-Quim, tudo ficou um angü.

Alguns urbanos que sobrevieram carregam com o pobre do Nhô-Quim no xadrez.

Capítulo III

Nhô-Quim, depois de ter passado 24 horas na gaiola, onde meditou seriamente sobre as vicissitudes a que está exposta a mísera raça humana,

é posto em liberdade, por ter o Chefe julgado que o dano não fora feito *por querer*, como dizia o nosso ratão.

Chegando ao Largo do Rocio, acha desnecessário procurar a porta, visto ser a cerca *muito cômoda para pular*.

O que mais faz pasmar o nosso homem é a *parecença*, que encontra entre o cavalo da estátua e o seu *cavalinho ruço*.

Vendo que todos estão a olhar para ele, quer cumprimentar, e só então, dá pela falta do chapéu...

Informado do lugar onde encontrará melhores chapéus, dirige-se à Rua do Ouvidor.

Ao passar pela esquina da Escola Central, Nhô-Quim fica horrorizado de ver que na Corte, e em pleno dia, se consente que os homens... *Jesus... chii... que porqueira!!!*

Avistando as gôndolas, hesita o nosso herói em passar pelo meio delas, por lembrar-se ainda da cena desastrosa da véspera.

Criando ânimo, sai com certa precipitação do meio daquele labirinto

e esbarra com um vendedor de balas!

Obrigam-no a pagar o dano causado. Nhô-Quim acha *despropositado* que na Corte se pague 5\$ por umas bolinhas de papel *à toa*.

Entra na Rua do Ouvidor. Vendo-a tão estreita, não acha *lá essas coisas, que dizem lá por fora*.

As vidraça de *Notre-Dame* atraem-lhe a atenção. Nhô-Quim acha *tudo aquilo muito rico!!!*

Entra. A amabilidade e cortesia dos empregados põem-no em SÉRIOS embaraços.

Explica afinal que perdeu seus chapéus, e que quer *comprar outro, se não for muito caro*.

Nhô-Quim fica estupefato por saber que numa loja tamanha não há chapéus, e explica que o *Xico Bicudo, lá na sua terra, dele, vende chapéus, sapatos, manteiga, roupa, e até ferraduras!!!*

Sem obter o que desejava, prossegue seu passeio, e *topa* com as – Bichas-Monstros. O Homem embatuca de veras...

E mais embatucado fica ainda, vendo diante de si uma mulher cortada pelo meio, andando à roda, e parecendo muito satisfeita da sua vida!!!

“Por que será que o calçamento aqui é tão ruim, e lá no princípio da rua tão bom? Ah! É porque esta parte da rua é mais velha do que a outra.”

Logo que sofre o primeiro *encontrão*, Nhô-Quim acha que esta gente da Corte é *bem malcriada e que nem sequer pede licença para passar*.

Encostando-se à vidraça do “Grande Mágico”, Nhô-Quim sentiu uma coisa!... Oh, que coisa!... Oh, que coisa!!! (Nhô-Quim não conhece a eletricidade).

Resmungando sempre, chega o nosso homem até defronte da casa do Lambert. A perfeição dos selins e o luxo dos arreios trazem-lhe à ideia o seu cavalinho ruço, sobre cujo espinhaço também assentariam aqueles adornos!

Uma senhora, que passava com seu marido, fica presa pela cauda do vestido nas esporas do nosso homem. Segue-se o inevitável trambolhão.

O marido, furioso, assenta em Nhô-Quim os mais valentes bofetões de que há notícia. Para desculpar-se o pobre ratão repete sempre que *não foi por querer!!*

Desolado por tantas fatalidades, ao chegar defronte da loja do Profeta, Nhô-Quim ajoelha diante da imagem que toma por S. Nicolau, e pede-lhe que o livre de tamanho caiporismo!

Capítulo IV

Nhô-Quim, tendo descoberto por fim um chapeleiro, pede um à moda de Paris, porque lhe dissera que o fabricante os fazia muito[...]

O primeiro não lhe serve por ser muito grande;

outro por ser muito pequeno.

Depois de ter experimentado 3- ou 40, e moído a paciência do caixeiro, fica com um que lhe garantiram ser da última moda, e sai todo repimpado

até chegar à Rua Direita, onde um carcamano se propõe a engraxar-lhe as botas.

Nhô-Quim, que vê outras pessoas fazerem-se engraxar, julga necessário seguir o exemplo dos outros e submete-se à operação da *engraxomania*.

O carcamano, que julgou inútil gastar um pote inteiro de graxa, engraxou só a metade de cada bota. Nhô-Quim, porém, fica muito satisfeito

e entra no Carceller onde cumprimenta a todos os fregueses.

O nosso jovem admira-se do comprimento de casa que vai de uma rua a outra.

Desejando ver qual é essa outra rua, nosso herói vai sem a menor desconfiança e esbarra com o espelho!

Nhô-Quim, julgando que é um sujeito que lhe deu um empurrão para lhe impedir a passagem, pede-lhe satisfação.

Um caixeiro da casa intervém para evitar um conflito, que podia ocasionar graves prejuízos às algibeiras do patrão.

Nhô-Quim, que reconhece o seu engano, fica estupefato de ver que ia pedir satisfação a si mesmo, e considera-se muito feliz em não se ter dado muitos socos, graças à intervenção do caixeiro.

Tendo-lhe dito que devia tomar um sorvete para se refrescar, nosso herói espera que lhe sirvam essa *coisa* que ele não conhece. Nesse intervalo, apresenta-se o Castro Urso & C. que querem-lhe vender a sorte grande em troca de 22\$000.

Nosso jovem, que não pode compreender que se lhe ofereça 20:000\$000 em troca de 22\$000, julga que querem debicar e corre com os bilheteiros.

Chega enfim a tal *coisa* que chamam sorvete. Nhô-Quim não sabe se aquilo come-se, ou se bebe.

Depois de ter reparado bem como fazia o seu vizinho, ataca o sorvete como se fora uma banana, e...!!!

cheio de furor com essa *feitiçaria*, nosso herói cai de pancadaria no caixeiro que o serviu.

Capítulo V

Nhô-Quim achava-se tão exaltado ao sair do Carceller que não viu diante da porta um Tronconi e um Grawenstein que cantavam as glórias de Garibaldi, e do *maccarroni*.

O coitado julga que lhe armaram uma ratoeira para prendê-lo, e foge espavorido. Um dos carcamano agarra-se a ele; o outro segue-os levando o chapéu do nosso herói.

Não sabendo mais onde meter a cabeça, Nhô-Quim mete, agora os pés na caixa de um engraxador, que ajoelhado diante do freguês, fazia jus à costumada espórtula.

Convencendo-se afinal que abraçara a nuvem por Juno, isto é, que tomara o instrumento de Davi (que trazia enfiado ao pescoço), por uma ratoeira de *gente*, o infeliz mineiro paga as cordas rebentadas e resgata o chapéu.

Passando pela Praça do Comércio

E logo cumprimentado por certo indivíduo que começa a falar-lhe em ministérios, caídos pela força de sua pena, em pesos de medição impossível, em *bonds*, em vinhos de Lisboa e que termina a *estopada* aconselhando-o a empregar os seus capitais em ações da Estrada de Ferro de Petrópolis.

Neste momento intervém outro sujeito que oferece ações de um banco... com quatro pés.

O homem dos ministérios caídos, vendo perdido o fruto do seu discurso com a chegada do novo zangão, prorrompe numa berraria, que logo se transforma em soco. Nhô-Quim aproveita o momento, e põe-se ao fresco.

Á força de passos e de perguntas, o nosso provinciano dá com a casa do correspondente de *Papai* para quem traz uma carta de recomendação... e ordens.

O Sr. X.P.T.O., julgando ver diante de si um mísero tropeiro recebe a carta com a *gravidade e seriedade* de um comissário que só faz caso de quem possui... de 400 contos para cima!...

Porém, apenas lê as primeiras linhas e olha para a assinatura: o rosto torna-se risonho, e comicamente comovido exclama! “*Nos meus braços... em cima do meu coração... como sou feliz!... O filho do meu melhor amigo*” (À PARTE) (*Um freguês de 30 mil arrobas pesadas à farta, e que não deve um vintém!*) Nhô-Quim fica embatucado.

O Sr. X.P.T.O., tornando-se cada vez mais carinhoso, apresenta o nosso herói às suas digna consorte e extremosa filha.

(À parte à mulher). “*Manda fazer algum quitute de estrondo e um prato de couves à mineira. A feijoada que seja gorda e de caldo grosso; manda botar três libras de toucinho, e uma cabeça de porco inteira...*”

Falando para a filha “*Oh, rapariga... veste o teu vestido de seda preta... o dos domingos... o coque novo que não esqueça.*”

Capítulo VI

Enquanto a mulher e a filha se penteavam, o Sr. X.P.T.O. esfregava as mãos de contente, formando certo projetozinho...

Que comunicou à mulher, logo que a viu, recomendando-lhe muito segredo. A mulher jurou não conta-lo a ninguém.

Porém, mal Sinhá acabou de pôr seu coque novo, a mamãe apressou-se em confiar-lhe o segredo de papai, acrescentando que estas coisas devem ficar em família.

Sinhá, que sentiu umas cócegas no coraçãozinho, desabafou com tia Micaela, que é uma mucama muito calada.

A Micaela, que tem essa queda pelo Chico, revelou-lhe tudo e terminou dizendo: “*Segredo! Olha que foi Sinhá moça que me contou, você não vai me comprometer!*”

O Chico, que é levadinho da breca, foi logo pôr tudo no bico da mãe Joana, a qual desesperada por não ter a quem contar em casa, guarda-se para contar no dia seguinte ao Sôr Manuel da Venda.

O miau-miau, que ouviu tudo, deu logo a entender o que havia ao totó de Sinhá, o qual sem e saber por que embirrou deveras com o negócio.

Nhô-Quim, que de nada desconfiava, ficara na sala, lembrando-se que a moça olhara para suas botas com ares de quem se ri, e encordoou com a coisa.

Para passar o tempo, Nhô-Quim começou a apreciar uns quadros da história de Inês de Castro.

O totó de Sinhá, que o procurara em toda a casa, apenas o viu, deu-lhe imediatamente provas de sua simpatia...

fazendo-lhe uma carícia muito ao vivo! Nhô-Quim, que não estava habituado a recebe-las... ali! Safou-se como pode.

Procurou um refúgio, mas vendo que nem assim se livrava da sanha do diabo do totó, pulou sobre a mesa, pondo tudo em estilhaços.

Foi tal o barulho, que atraiu a atenção de toda a respeitável família X.P.T.O., que ficou com um nó na garganta vendo tamanho estrago, apesar de Nhô-Quim jurar que paga toda a avaria.

Depois de impor como condição a retirada do terrível totó, Nhô-Quim pula da mesa nos braços do Sr. X.P.T.O.

Nhô-Quim, vendo que as carícias que lhe fizera totó chamam todas as vistas para suas calças, fuge da sala disfarçando como lhe é possível a intempestiva janela aberta no seu... pavimento térreo.

Capítulo XII

Nhô-Quim desce um pouco apressadamente as escadas da casa de Sr. X.P.T.O., envergonhado ainda da cena que se passara na sala.

Chegando, porém, à porta da rua, nosso herói, que não deseja expor o seu... panorama às vistas do público, fica muito atrapalhado. Oh! maldito totó!

Um entregador de jornais entra nessa ocasião. Nhô-Quim, a quem surge uma idéia luminosa, precipita-se sobre o papel no qual ele vê sua salvação

e esconde-se atrás da porta da rua, onde não se sabe o que ele vai fazer.

Sai muito contente e por causa das dúvidas, ou com algum receio do vento, nosso jovem segura as abas do paletó.

Passando pela Rua do Hospício, vê uma loja de alfaiate e compreende que chegou a ocasião de sair do apuro em que o botara o atrevido totó.

Nhô-Quim entra e diz ao mestre alfaiate que precisa de um par de calças.

Mestre alfaiate de fita em mão se aprontara a tomar a medida, porém no momento de levantar o paletó... *Oh! Horror! Que vejo, exclamou ele, o Dr. Semana e seu moleque!*

Nhô-Quim, virando-se, contou-lhe sua desgraça. O alfaiate, ouvindo que aquilo era devido às graças do totó de Sinhá, filha do Sr. X.P.T.O., riu-se como um perdido.

Mestre alfaiate resolvera Nhô-Quim a comprar um vestuário completo da moda depois de experimentado vários paletós

e várias calças que pela largura delas a muito custo pudera vestir.

Nhô-Quim sai muito satisfeito da aquisição, porém, um pouco embaraçado com a roupa nova. Nota, porém, que não deve mais usar as botas.

O que o fez procurar uma casa de sapatos, de onde sai contemplando as botinas envernizadas que comprara.

Nhô-Quim acredita-se um verdadeiro leão, porém, vendo um dândi que levava uma espécie de óculos com fita, julga ser isso de grande necessidade,

e dirige-se à casa do Sr. J.M.D.R. , que lhe disseram ter grande sortimento. Pede (não sabendo o nome) aquela coisa de vidro que se bota em cima do nariz dependurado por uma fita. O Sr. J.M.D.R. diz-lhe que aquilo chama-se *pince-nez*, que ninguém os tem tão bons como ele, e que sendo um homem muito industrial e útil ao país foi condecorado e admirado por suas obras até no estrangeiro, e mereceu os louvores dos Srs. Vilhena e Capanema.

Nhô-Quim ficara embatucado com o discurso do grande homem industrial, porém, muito satisfeito de possuir sobre o seu nariz o produto de um homem útil ao país e admirado no estrangeiro.

Indo passear ao Rocio Nhô-Quim esbarra com umas tábuas que carregava um negro de ganho.

Reconhecendo que o desagradável choque que sentira era devido ao tal *pince-nez* com o qual vê menos do que com os seus próprios olhos, sua vontade é esmigalhá-lo, porém, lembrando-se que é o produto de um homem útil ao país e que é moda,

entra num hotel para jantar, por se sentir morto de fome.

Capítulo XIII

Nhô-Quim entra na sala do Hotel e cumprimenta os circunstantes

e dá a entender ao garçom que se apresenta, que quer jantar.

Senta-se e toma as cautelas precisas para não sujar a roupa nova.

O garçom faz pasmar Nhô-Quim mostrando-lhe a lista do jantar, cousa nova para ele.

-Em que diabo de língua esta gente come! Não compreendo nem pitada!

Nhô-Quim, que não quer dar a conhecer que não entende, com medo de ser enganado, diz ao garçom: – *Dê-me esta coisa daqui do princípio.*

Nhô-Quim vê com prazer chegar a sopa e fica orgulhoso por ter acertado com o que queria.

Devorada a sopa, Nhô-Quim julga que o que se segue na lista deve ser o cozido e aponta a segunda linha o que muito admira o garçom.

Porém muito mais admirado fica Nhô-Quim com o segundo tomo da sopa. Não teve remédio senão comê-la para mostrar que não se enganara.

Nhô-Quim, que apontara para a terceira linha, perde as estribeiras vendo o garçom trazer a terceira sopa. Atira com a lista e brada: – *Acham que tenho cara de papa-sopa! Traga feijão, ouviu munsíú? Feijão!!!*

O garçom cumpriu a ordem, porém Nhô-Quim apenas deitou os olhos no prato, exclamou: – *O que é isto? Quatro grãos de feijão nadando num prato de água suja?! Sem cabeça de porco, nem entrecosto, nem lombo, nem toucinho ao menos!!!*

Nhô-Quim atira com o prato no chão e berra: – *Dê-me coisa que se coma, munsíú! Estou com fome!!!*

O garçom saiu gritando: “*Um bouef a la mode pour um!!!*”

Nhô-Quim, temendo que viesse outra sopa, pergunta a um vizinho o que significa o grito que deu o munsíú. O vizinho, complacente, responde: – *Um boi à moda para um. – Um boi! À moda? Exclama Nhô-Quim, um boi de colarinho e pince-nez*

para eu comer. É... o munsíú decerto está caçoando comigo. Pois que venha com um boi que encontra um homem!

Chega o garçom. Nhô-Quim pergunta onde está o boi: – *Ei-lo. – Pois isto é que é um boi?!... Onde estão os chifres?...*

Olha, seu munsíú, isto não chega nem para cova de um dente! Traga-me então mais 8 bois!!!

Nhô-Quim, que comera proporcionalmente seis ou sete coisas diferentes, ficou empanturrado

e pede a conta que acha uma tremendíssima ladroeira. Nhô-Quim pelo que paga, crê piamente que comeu 8 bois, 8 carneiros, 8 porcos, 8 perus, etc. etc.

Nhô-Quim levanta e acha que comprou as calças muito apertadas na barriga

e não sabe por que começa a sentir de repente certa dorzinha

que o obriga a dizer duas palavras, bem baixinho, ao garçom,

o qual lhe diz que é no segundo andar, à direita, indo pelo corredor esquerdo, há uma escadinha que vai ter a uma porta estreita... é aí.

Nhô-Quim não subira, voara pelas escadas acima e entra por engano... Onde? No quarto de Milhe. X que, por felicidade, estava representando no Alcazar.

Capítulo IX

Nhô-Quim não só achou o que procurava, mas também encontrou o que não esperava, isto é, uma boa cama, onde depois de despir-se, não tardou a ferrar no sono.

À meia-noite ouviu-se um grito horrível, que pôs em sobressalto todo o hotel. Era Milhe. Que, ao recolher-se ao seu quarto, ficara asfixiada... pelo terror, sentindo... uma impressão tão forte, que quase a lançara desmaiada no chão.

Aos hóspedes que acudiram disse Milhe., cheia de indignação, que no seu quarto, e em cima da cama, havia um homem... desconhecido.

– *Isto aqui cheira-me a... Ladroeira! É um ladrão que se introduziu no seu quarto, madame.* (observou fungando um judicioso circunstante).

Nhô-Quim acordou com o barulho e, desconfiando que o negócio era com ele, procurou pôr-se no quartel da segurança.

Reunidas mais de 30 pessoas, entre hóspedes, criados, cozinheiros, julgou-se por unanimidade que, entrando todos ao mesmo tempo e estando bem-armados, ninguém corria muito perigo, pelo que abriu-se a porta e 30 vozes bradaram: – *Saia, ladrão!*

Depois de esgravatarem todos os recantos com a precisa cautela, vendo-se descoberto, Nhô-Quim não teve remédio senão sair do seu esconderijo.

Mas tão desesperado estava, que, empunhando a única arma que achou ao seu alcance, Nhô-Quim investiu contra seus desapiedados perseguidores,

os quais viram-se obrigados a ir logo curar com muita água e sabão as inúmeras feridas que receberam.

Mas como este mundo é de compensações, os perseguidores tiveram o gostinho de arrecadar a fatiota de Nhô-Quim para impossibilitar-lhe a fuga, até que chegasse o Sr. Inspetor de quartirão, que se foi chamar a toda pressa.

Nhô-Quim subia a serra com a subtração de sua roupa, o que o punha à fresca, quando ele tanto desejava pôr-se ao fresco!

Chegou o Sr. Inspetor. Estava salva a pátria! Mlhe. contou-lhe o negócio. O Sr. Inspetor, que pretende ser um finório, asseverou que o cujo, além de ladrão, devia por força ser um grande assassino e, por causa das dúvidas, além dos quatro urbanos que trazia consigo, mandou buscar mais seis.

Nhô-Quim, que viu tudo pelo buraco da fechadura, sentiu profundamente que se tivesse esgotado... seu único meio de defesa, pelo que tratou, pela segunda vez, de esconder-se.

Chegou o desejado reforço. O Sr. Inspetor, depois de arrombada a porta, adiantou-se um passo, e impávido bradou: “*Em nome da lei, o íntimo a que se renda sem resistência! Quando não eu apito e vem mais gente em meu auxílio.* (Voltando-se para os urbanos). *Vocês não saiam de ao pé de mim!*”

Nhô-Quim não obedecendo à voz da autoridade, foi preciso dar uma busca em regra, até dentro das gavetas. Enfim deram com ele. Então o Sr. Inspetor perguntou com arrogância: – *Que faz o senhor dentro desse guarda-roupa? – Estou... passeando, sim, senhor!*

A roupa de Nhô-Quim é entregue à autoridade que, incontinenti, passou a revista do estilo e deparou com uma carteira bem recheada, a qual se conheceu pelos papéis que continha, que era do próprio Nhô-Quim. À vista da carteira, Mlhe. sentiu-se comovida e exclamou: *Bizarre!!!*

Mlhe. disse consigo: “*Pois hei de deixar levar para a cadeia um homem que tem tanto dinheiro*” (e abraçando Nhô-Quim exclamou.) “*Monsieur l’inspecteur, largue o homem, é um perfeito cavalheiro; conheço-o muito... é inocente!*” Estupefação geral! *Tableau!*

Capítulo X

Serenada a celeuma no Hotel dos Príncipes e estando Nhô-Quim sob a proteção de Mlhe. X, voltou o Inspetor e entregou a carteira ao nosso herói.

A sós com ele logo Mlhe. X, inebriada pelo doce aroma da carteira, começou a patentear-lhe seu... amor.

Nhô-Quim, que não estava habituado *a estas coisas*, ficou todo envergonhado. Nem era pra menos.

Protestou, tapou os olhos com a fralda da camisa, chorou... e por fim procurou sair mais depressa do que tinha entrado.

Mas a porta estava fechada... e a fechadura tão enferrujada...

Mlhe. X, pode alcança-lo ainda... mas nem desta vez... conseguiu... convencê-lo.

Vendo perdida sua lógica, Mlhe. X resolveu-se a deixá-lo partir emprestando-lhe alguns trajes femininos.

Nhô-Quim vestiu-se e começou a pensar... como retribuiria a delicadíssima fineza de Mlhe. X.

Depois de pensar meia hora, achou que o melhor era dar-lhe 50\$000 réis, e entregou uma nota de cem, *pedindo o troco*.

Enquanto o Mlhe. X foi trocar o dinheiro surgiu na porta Mister Fux,

Inglês, ex-amante arrufado de Mlhe. X, que vinha de Santos para fazer as pazes. Nhô-Quim enfiou!!

O inglês, enganado pelo vestido e xale, exclamou: – *Oh, meu filhinha! e zás... pregou-lhe um beijo na face*.

Nhô-Quim, insultado, furioso... levantou-se e zás... pregou-lhe dois murros nos queixos.

Fux perfilou-se, saiu muito teso, entrou ainda mais teso, trazendo um florete e uma espada curtinha.

Um duelo! Lá disto é que o nosso herói não quer saber... portanto põe na cabeça o chapéu do inglês... e safa-se!

As Aventuras de Zé Caipora

Capítulo XLV – O que era feito do Zé

Vendo que nem Inaiá nem Cham-Kam respondiam ao seu chamado aflito, Zé Caipora assustou-se de veras. Tratou-se de se vestir como pôde, pegou na espingarda e saiu a procurá-los.

Andou muito tempo pelo mato, chamando em vão pelos companheiros. Nada! Imaginou então que o melhor seria dar um tiro, mas verificou que se esquecera dos cartuchos... Que fatalidade!

Quis voltar para a entrada da gruta: a noite, porém, aproximara-se. Era quase impossível e perigoso afrontar o mato.

Desistindo dessa ideia, trepou a uma árvore, a fim de se colocar em segurança. Doíam-lhe muito os ferimentos. – Ora, bolas! Exatamente quando íamos sair do mato é que aconteceu tudo isto! Sou mesmo muito caipora! Exclamou decepcionado.

De repente ouviu uma voz que dizia:

– Inaiá! Inaiá!

Zé quis gritar também para se dar a conhecer, mas por mais esforços que fizesse, sentiu que perdera a voz.

– Bonito! – pensou de si para si – apanhei uma tremenda constipação. Estou frito!

Procurou mover as pernas. Que dores horríveis! Com o esforço que fizera as feridas abriram-se... Zé Caipora desanimou. Nem dar tiros, nem falar, nem mover-se! Era demais! O pobre rapaz desesperou.

Voltemos a Inaiá, que acabara de contar como havia caído no precipício.

– Mas você está confusa e ferida...

– Sim, é verdade, porém na ocasião da queda nada senti. Depois de algum tempo ouvi que me chamavam. Compreendi: era Cham-Kam; avistei-o em cima no rochedo, mas... desfaleci. Só dei acordo de mim à voz de Alberto, chamando-me pelo meu nome de batismo – Cecília!

Acabada a narração de Inaiá e estando todos muito fatigados, resolveram-se acomodar-se e dormir até o dia seguinte.

Passou-se algum tempo, quando um dos camaradas, ouvindo ruídos estranhos, levantou-se atento e pronto para o que desse e viesse.

Acordou o companheiro:

– Não estás ouvindo! Temos novidade!

– Ouço realmente uma coisa fora do comum... Que diabo será isso?